

Ambiente de Aprendizagem de Cabala e a Inovação Pedagógica

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Fabio Sousa da Silva

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

ORIENTAÇÃO

José Paulo Gomes Brazão



UNIVERSIDADE da MADEIRA

**Faculdade de Ciências Sociais
Departamento de Ciências da Educação
Mestrado em Ciências da Educação - Inovação Pedagógica**

Fabio Sousa da Silva

Ambiente de aprendizagem de cabala e a inovação pedagógica

Dissertação de Mestrado

FUNCHAL -2020

Fabio Sousa da Silva

Ambiente de aprendizagem de cabala e a inovação pedagógica

Dissertação apresentada ao Conselho Científico do Centro de Competência de Ciências Sociais da Universidade da Madeira, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação.

Orientador:

Professor Doutor José Paulo Gomes Brazão

FUNCHAL - 2020

DEDICATÓRIA

*A minha família e aos amigos
pelo apoio oferecido na efetivação desse trabalho, principalmente a
minha esposa, sem o apoio moral da qual o término do mestrado teria
sido difícil.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que colaboraram para a realização dessa pesquisa: expresso o meu reconhecimento e minha gratidão ao meu orientador, Professor Doutor José Paulo Gomes Brazão, pela dedicação, pelo carinho e atenção que sempre demonstrou durante todo o desenvolvimento dessa investigação. À Professora Doutora Maria Adalgiza Albuquerque Succi pela compreensão e dedicação de sempre. A todos os professores e professoras do mestrado em Ciências da Educação - Inovação Pedagógica da Universidade da Madeira, pelo conhecimento que levarei. Ao Rabino e a todos os seus aprendizes gostaria de dizer muito obrigado pelo carinho recebido. À minha esposa pelo estímulo de sempre, extremamente importante para a conclusão deste trabalho. Um agradecimento especial à minha família e meus amigos que estiveram sempre do meu lado me estimulando e me apoiando nos momentos mais difíceis. Obrigado pela ajuda indispensável!

RESUMO

A cabala foi aprendida durante milênios apenas por homens judeus com idade superior a quarenta anos. Historicamente, após longo trajeto, expandiu-se no século XX pelo mundo, abrindo-se a pessoas de diversas idades e ambos os sexos. A inovação pedagógica, com foco na aprendizagem visando saída do modelo escolar fabril, tem buscado hodiernamente em ambientes educacionais anômalos a este parâmetro soluções para o impasse limitador da repetição. Em que a aprendizagem de cabala, investigada a partir de aulas em Petrolina, Pernambuco, Brasil, pode significar inovação pedagógica para seus atores educacionais? Há inovação pedagógica neste ambiente de aprendizagem de cabala? O objetivo desta pesquisa é justamente responder a estas questões. Utilizou-se como metodologia de pesquisa a abordagem etnográfica, tendo como formas de coletas de dados a observação participante, amparada no diário de campo e entrevistas abertas, com objetivo de compreender os fenômenos encontrados com campo de pesquisa. O recolhimento, a análise e a interpretação dos dados, possibilitou concluir que as aulas de cabala realmente tinha uma metodologia diferente das aulas tradicionais, os conteúdos das aulas são direcionados pelo que os aprendizes desejam aprender, em ambientes mais informais possíveis (divergentes do tradicional nos círculos cabalísticos orientados pelo judaísmo); que os aprendizes tinham liberdade para questionar e discutir os assuntos, no entanto, não existia um trabalho colaborativo, não era estimulada a autonomia dos alunos, mesmo sendo uma aula de discussão e reflexão; o professor ainda era visto como o detentor do conhecimento, mesmo o rabino desejando trazer uma forma diferenciada de aprendizagem; infelizmente não foi possível encontrar inovação pedagógica nas aulas de cabala ministradas na cidade de Petrolina, no estado de Pernambuco.

Palavras-chave: Cabala; Aprendizagem de cabala; Ambiente de aprendizagem; Inovação pedagógica.

ABSTRACT

Kabbalah was learned for millennia only by Jewish men over the age of forty. Historically, after a long journey, it expanded in the twentieth century through the world, opening up to people of diverse ages and both sexes. The pedagogical innovation, with a focus on learning aiming at getting out of the factory school model, has nowadays sought in anomalous educational environments to this parameter solutions to the limiting repetitive impasse. In which the learning of Kabbalah, investigated from classes in Petrolina, Pernambuco, Brazil, can mean pedagogical innovation for its educational actors? Is there pedagogical innovation in this Kabbalah learning environment? The purpose of this research is precisely to answer these questions. The ethnographic approach was used as research methodology, taking as participatory observation data, supported in the field diary and open interviews, in order to understand the phenomena found with the field of research. The recollection, analysis and interpretation of the data made it possible to conclude that the lessons of cabals really had a different methodology from the traditional classes, the contents of the lessons are directed by what the learners wish to learn, in more informal environments (divergent from traditional Kabbalistic circles guided by Judaism), that the learners were free to question and discuss the subjects, however, there was no collaborative work, the students' autonomy was not stimulated, even though it was a class of discussion and reflection, the teacher still seen as the holder of knowledge, even the rabbi wishing to bring a differentiated form of learning, unfortunately it was not possible to find Pedagogical Innovation in the Kabbalah lessons taught in the city of Petrolina, in the state of Pernambuco.

Keywords: Kabbalah; Learning of kabbalah; Learning environment; Pedagogical innovation.

RESUMEN

La cabala fue aprendida durante milenios sólo por hombres judíos con edad superior a cuarenta años. Históricamente, tras largo trayecto, se expandió en el siglo XX por el mundo, abriéndose a personas de diversas edades y ambos sexos. La innovación pedagógica, con foco en el aprendizaje orientado hacia la salida del modelo escolar fabril, ha buscado hodiernamente en ambientes educativos anómalos a este parámetro soluciones para el impasse limitador de la repetición. En el que el aprendizaje de cabala, investigado a partir de clases en Petrolina, Pernambuco, Brasil, puede significar innovación pedagógica para sus actores educativos? ¿Hay innovación pedagógica en este ambiente de aprendizaje de Cabala? El objetivo de esta investigación es justamente responder a estas cuestiones. Se utilizó como metodología de investigación el enfoque etnográfico, teniendo como formas de recolección de datos la observación participante, amparada en el diario de campo y entrevistas abiertas, con el objetivo de comprender los fenómenos encontrados con campo de investigación. La recolección, el análisis y la interpretación de los datos, permitió concluir que las clases de cabalas realmente tenían una metodología diferente de las clases tradicionales, los contenidos de las clases se dirigen por lo que los aprendices desean aprender, en ambientes más informales posibles (divergentes del tradicional en los (...), que los aprendices tenían libertad para cuestionar y discutir los asuntos, sin embargo, no existía un trabajo colaborativo, no era estimulado la autonomía de los alumnos, aun siendo una clase de discusión y reflexión, el profesor todavía visto como el poseedor del conocimiento, incluso el rabino deseando traer una forma diferenciada de aprendizaje, desafortunadamente no fue posible encontrar Innovación Pedagógica en las clases de Cabala impartidas en la ciudad de Petrolina, en el estado de Pernambuco.

Palabras clave: Cabala; Aprendizaje de cabala; Ambiente de aprendizaje; Innovación pedagógica.

RÉSUMÉ

La Kabbale n'a été apprise pendant des millénaires que par des hommes juifs de plus de quarante ans. Historiquement, après un long voyage, il s'est étendu au XXe siècle à travers le monde, s'ouvrant à des personnes de tous âges et des deux sexes. L'innovation pédagogique, axée sur l'apprentissage dans le but de sortir du modèle école-usine, a de nos jours cherché, dans des environnements éducatifs anormaux, ce paramètre pour trouver des solutions à l'impasse répétitive limitative. En quoi l'apprentissage de la Kabbale, étudié dans des cours à Petrolina, Pernambuco, au Brésil, peut-il signifier innovation pédagogique pour ses acteurs de l'éducation? Existe-t-il une innovation pédagogique dans cet environnement d'apprentissage de la Kabbale? Le but de cette recherche est précisément de répondre à ces questions. L'approche ethnographique a été utilisée comme méthodologie de recherche, en prenant comme données d'observation participatives, appuyée dans le journal de terrain et les entretiens ouverts, afin de comprendre les phénomènes constatés dans le champ de recherche. Le souvenir, l'analyse et l'interprétation des données ont permis de conclure que les leçons de cabales avaient vraiment une méthodologie différente de celle des classes traditionnelles, le contenu des leçons est orienté par ce que les apprenants souhaitent apprendre, dans des environnements plus informels (différents des cours traditionnels). Des cercles kabbalistiques guidés par le judaïsme), selon lesquels les apprenants étaient libres de poser des questions et de discuter des sujets. Cependant, il n'existait pas de travail collaboratif, l'autonomie des élèves n'était pas stimulée, même s'il s'agissait d'une classe de discussion et de détenteur du savoir, même le rabbin souhaitant apporter une forme d'apprentissage différenciée, il n'a malheureusement pas été possible de trouver une innovation pédagogique dans les cours de kabbale dispensés à la ville de Petrolina, dans l'état de Pernambuco.

Mots-clés: Kabbale; Apprentissage de la kabbale; Environnement d'apprentissage; Innovation pédagogique.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01–Frente da casa que ocorria as aulas	36
Figura 02 – Entrada para o Quintal.....	36
Figura 03 – O quintal onde ocorriam as aulas no primeiro ambiente de aprendizagem observado.....	37

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	iii
AGRADECIMENTOS	iv
RESUMO	v
ABSTRACT	vi
RESUMEN	vii
RÉSUMÉ	viii
LISTA DE FIGURAS	ix
1 INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I : INOVAÇÃO PEDAGÓGICA	7
1.1 Inovação pedagógica e as tecnologias de Informação	8
1.2 Construcionismo	9
1.3 Inovação pedagógica	12
1.4 Ambiente de aprendizagem	17
CAPÍTULO II – CULTURA JUDAICA E CABALA	22
2. 1 A cultura judaica	23
2. 2 Cabala	25
CAPÍTULO III– METODOLOGIA DE PESQUISA	34
3 METODOLOGIA	35
3.2 Sujeitos da pesquisa	37
3.3 Locus da pesquisa	37
3.4 As técnicas da pesquisa	38
3.4.1 Observação Participante	38
3.4.2 Entrevista Etnográfica	39
3.4.3 Imagens	39

3.5 Ética na pesquisa	40
CAPÍTULO IV- APRESENTAÇÃO DOS DADOS ENCONTRADOS	41
4. Apresentação dos dados encontrados no <i>locus</i> de pesquisa	42
4.1 Os dados da observação participante	42
4.1.1 Observação do desenvolvimento da prática de ensino do Rabino	44
4.1.2 Síntese da Observação Participante	68
4.2. Dados das Entrevistas Etnográfica	69
4.2.1. Análise de Conteúdo dos Discursos dos Aprendizes	69
4.2.2 Síntese dos Discursos do Aprendiz	76
4.2. 3 Análise ao Conteúdo do Discursos do Rabino	76
4.2. 4 Síntese do Discursos do Rabino	81
CAPÍTULO V- ANÁLISE DOS DADOS ENCONTRADOS NA PESQUISA	83
5. análise dos dados coletados no <i>locus</i> de pesquisa	84
5.1 Há inovação pedagógica neste ambiente de aprendizagem de cabala?	85
5.2 Há contribuições proporcionadas pelas aulas de cabala aos seus aprendizes?	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97
APÊNDICE – DIARIO DE CAMPO	103
APÊNDICE - ENTREVISTAS	149

1 Introdução

O significado da palavra “cabala” é “recebimento”, em Hebraico. A cabala consiste numa mística da compreensão dos acontecimentos divinos, desde os aparentemente mais comezinhos até os mais vultosos – e seria as informações sobre o sagrado (a gnosis), o misticismo judaico e a aprendizagem a respeito do modo como se chega ao contato direto com a divindade. Dessa forma, as raízes da cabala são encontradas na literatura judaica da Maase Bereshit e Maase Merkabá.

Não existe uma “cabala”, como um corpo dogmático fechado, mas sim múltiplas ideias místicas e interpretações das escrituras sagradas. No entanto, mesmo que possam parecer conflitantes, essas diferentes interpretações são vistas de forma relativa e consideradas como visões complementares. A cabala permaneceu por muito tempo como um ensinamento secreto, disponível apenas a um grupo seleto de pessoas. No entanto, mais recentemente, os seus ensinamentos passaram a ser amplamente acessíveis ao público em geral, por meio de traduções dos textos cabalísticos e dos seus comentários. Isso permitiu o surgimento de uma nova geração de estudantes de cabala, que procuram encontrar sabedoria interior em seu estudo. (CAMPANI, 2011, p. 3)

Uma “tradição”, e que ainda por cima significa “recebimento”? Não estaria isso naturalmente contrário à inovação pedagógica na sua própria essência de autonomia, independência e construção do conhecimento? A resposta é não! A Cabala configura-se numa tradição por nascer e ser absorvida pelo judaísmo, sendo cultivada inicialmente apenas por homens judeus acima de 40 anos. Esse cultivo sempre foi secreto, de modo que, apesar de ser uma tradição de raça e cultura, não se sabia ao certo como se dava essa construção mística internamente, haja vista que sempre fora realizada em segredo... Ocorre que, por ser uma mística, a Cabala se dedica à natureza de Deus e ao recebimento de suas informações diretamente através dos fatos da existência de qualquer ser do Universo – e Deus é, a despeito de qualquer crença pessoal, *uma ideia filosófica e cientificamente não comprovada, de modo que devemos questionar se os aprendizes de cabala recebem de si ou do “Eterno” o saber, a construção do conhecimento.* Há de se notar, também, que como reza a Bíblia Sagrada, “E disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU” (Êxodo, 3:14). Ora, a própria denominação ontológica de Deus para o judaísmo – e conseqüentemente para a cabala – já carrega em si uma provocação, uma busca e várias possibilidades de resposta que certamente Deus não aparecerá para dizer como teria tido o privilégio Moisés; *essas respostas “divinas” estariam*

em si mesmos, no íntimo dos aprendizes? Neste contexto, por que não pressentir a fumaça da inovação pedagógica e encetar uma pesquisa para analisar a possibilidade de sua existência?

O próprio ambiente de aprendizagem de cabala suscita o debate, a contradição de ideias e a busca, conforme nos indica Whitehouse (2013, p. 44-45):

(...) Existe um ditado antigo sobre a nação Judaica: ‘dois Judeus, três opiniões’, que reúne o Talmud, o Zohar e outros textos judaicos. A essência do judaísmo, especialmente o judaísmo místico, é o debate constante. Tudo deve ser examinado, e interpretações novas e aperfeiçoadas são sempre possíveis. Diz-se que a Cabala só pode ser realmente estudada por meio de debates e isso é verdade. Por ser uma estrutura na qual fundamentamos nossa vida, é constantemente reinterpretada e atualizada.

O estudo de cabala sempre foi muito restrito e por esse motivo sempre caracterizou-se como algo místico, uma busca de um contato íntimo com a essência de Deus. Acredita-se que a cabala tem uma relação íntima com os primeiros graus da Maçonaria, o que levou alguns estudiosos a acreditarem que os estudantes de cabala foram os iniciantes da Maçonaria moderna.

A aprendizagem de cabala sempre foi algo muito fechado, aberta a poucos, no entanto este pesquisador não teve dificuldade de entrar nesse universo, pois pertence à descendência judaica (o que é valorizado nesta cultura) - o que facilitou a sua inserção no contexto judaico local. Além disso, pode-se perceber que existe uma forma diferente na aprendizagem de cabala no município de Petrolina, pois o rabino facilitador faz com que os aprendizes trabalhem em grupo e aparentemente cooperem entre si na busca do próprio entendimento das coisas, abordando temas que contrariam até mesmo o judaísmo ortodoxo, o que chamou inicialmente a atenção deste pesquisador para a possível existência de inovação pedagógica nesse ambiente de aprendizagem – tema que será abordado adiante nesta dissertação. Percebe-se também que ele faz com que os aprendizes reflitam sobre várias questões pertinentes ao desenvolvimento pessoal e coletivo. Dessa forma, tem-se como objetivo compreender se existe inovação pedagógica no ambiente de aprendizagem de cabala no município de Petrolina, Pernambuco, Brasil.

Portanto, a escolha dessa temática partiu da experiência vivenciada ao longo de vida e nunca este pesquisador havia observado um rabino que buscasse provocar a reflexão e possuir ideias tão inovadoras sobre temas tão polêmicos quanto o aborto, o casamento gay, o diálogo

inter-religioso etc. A maioria dos rabinos apenas transmite o conhecimento que considera correto, e muito raro permite que os alunos trabalhem grupo no ambiente de aprendizagem, o que levou-me a questionar: *existe inovação pedagógica nesse ambiente de aprendizagem de cabala?*

Apesar de estas não serem as questões principais desta pesquisa, é mister indagar: Será que o rabino se coloca enquanto mediador do conhecimento? É possível um ambiente como o de aula de cabala possibilitar a construção de conhecimento?

De acordo com Vygotsky (2007), a maneira que o indivíduo vê o mundo pode influenciar intensamente, já que mostra a importância das ferramentas cognitivas como: jogos, cultura, símbolos, linguagem, família, brinquedos entre outros, que podem ser instrumentos que possibilitam desenvolver o processo de aprendizagem; ainda conforme o autor, existem categorias de habilidades para a solução de problemas nas quais os alunos se deparam desafiados, bem como as já internalizadas pelos alunos (que são aquelas categorias que ele já possui domínio), as que não são internalizadas pelo aluno e que não podem ser exploradas mesmo com o auxílio de adultos. No entanto, Vygotsky foca na sua obra “a intermediação entre os dois extremos”, enfatizando que a construção do conhecimento pode ser mediada com o auxílio ou acompanhamento de outra pessoa mais apta, a qual ele chama de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).

Os princípios cabalísticos abrangem explicações e especulações místicas sobre a origem do mundo e do homem, com o objetivo de elucidar o segredo do mundo como reflexo do mistério da vida divina, igual fizeram os gnósticos. Dessa forma, para “a cabala, cada indivíduo é a totalidade, e a lei da Torá torna-se o símbolo da lei cósmica”. (CAMPANI, 2011, p.05).

Através da Bíblia, conjunto de obras literárias dos mais antigos que se tem notícia, encontramos os primeiros registros escritos da história do povo hebreu. Seus textos, que influenciaram sobremaneira a cultura ocidental, com desdobramentos ideológicos que desembocam no mundo inteiro, guardam a origem daquilo que chamamos de cabala, palavra que é entendida mais complexamente como *recebimento* direto da divindade, de acordo com Scholem (2012). O verbo *receber*, aqui, não choca-se com a perspectiva de investigação da inovação pedagógica, haja vista que é entendido como um contato direto com Deus através de todos os fenômenos possíveis da experiência humana, sendo que é a *divindade* quem enviaria

as mensagens cabalísticas ao próprio indivíduo ou à coletividade que a pratica, e, melhor, muitas vezes para dentro da própria mente dos aprendizes; *o motivo pelo qual não há choque entre o divino e esta linha de pesquisa é que, ao menos hodiernamente, Deus não passa de uma conjectura filosófica, de modo que se os indivíduos atores desta pesquisa estarão aprendendo algo, deve-se partir do princípio de que o fazem por si mesmos através de uma abordagem específica.* Deus não é provado cientificamente, a existência dos cabalistas e da aprendizagem que se alastrou pelo mundo, sim.¹

Repleta de simbolismos e segredos pouco a pouco *revelados* a seus aprendizes, conforme explica Papus (2005), a cabala nem sempre esteve ao alcance do público em geral, tendo sua aprendizagem circunscrita durante milênios a apenas alguns homens judeus – nunca mulheres – que tivessem pelo menos quarenta anos de idade. É uma parte do misticismo da religião judaica, e como movimento surgiu apenas

(...) na Europa no século XII, entre as comunidades judaicas na Provença, no sul da França, e no século XIII na Espanha, onde se publicou pela primeira vez o texto mais importante da Cabala, o *Livro de Zohar*. (ZETTER, 2005)

É durante a Idade Média, principalmente no continente europeu, entre as perseguições impostas aos judeus pela Igreja Católica Apostólica Romana, que a cabala, enquanto fonte de contato espiritual de um povo em diáspora sedento por esperança, irá florescer, permanecendo contudo ainda circunscrita a homens judeus de pelo menos quarenta anos: o Zohar é então febrilmente estudado, junto a outras escrituras, bíblicas ou não, na busca de interpretações que levassem à sabedoria, muitas vezes como fonte de resiliência diante de um cenário rude ou como preparação para a vinda do messias que uniria o povo de Israel em uma só nação e reinaria por muito tempo. As expulsões de judeus de países da Europa durante a Idade Média e Moderna disseminaram o pensamento cabalístico ali nutrido em contato com as filosofias ocidentais para a África e América, depois efervescendo em um novo amálgama na própria Jerusalém. Pouco a pouco a cabala foi-se libertando do machismo e da limitação etária e espalhando-se entre mulheres, adolescentes e crianças, hoje estando, inclusive, ao alcance de

¹ Esta explicação, logo inicialmente, deve ser feita para que se compreenda o porquê da hipótese de encontrar-se inovação pedagógica na prática de aprendizagem de cabala, já que a pedagogia inovadora prescinde da tradição e leva à autonomia e ao empoderamento. Fica dito, portanto, que apesar de ser tradicional, a aprendizagem da cabala introduz necessariamente um professor que segue a abordagem inovadora: Deus; se a divindade nunca foi provada cientificamente, supõe-se o próprio aprendiz em ação para melhor lidar com o universo do qual faz parte.

não judeus, tendo em Philip Berg a figura responsável pela sua disseminação indiscriminada a partir do século XX, período no qual a aprendizagem de cabala difundiu-se também no Brasil.

Em Petrolina, cidade de médio porte situada em Pernambuco, estado brasileiro, um grupo de estudo de cabala reúne-se semanalmente sob a tutela do rabino Yossef Arbaim. Os encontros ocorrem na Rua Curitiba, nº 190, bairro José e Maria, CEP: 56.302-510, endereço atual do único rabino da cidade; começaram há 5 anos, sempre mudando de local em virtude da distância do Centro de Petrolina das residências do rabino Yossef Arbaim, que troca mais frequentemente de local de moradia que o habitual por motivos financeiros. Homem culto, fala grego, hebraico, inglês e espanhol – e demonstra simplicidade contrastando com o tamanho da sua cultura. Ele é uma figura que rompe com a imagem dos rabinos tradicionais: bebe muito e publicamente (é comum vê-lo alcoolizado nas ruas de seu bairro), casado com esposa católica negra e devota de Maria, fuma tabaco de feira (o que lhe rende severas críticas dos pastores evangélicos locais), apoia gays, faz sessões conjuntas de cabala com pais e mães de santo, parece não se importar com bens materiais; ex-marinheiro, já rodou o mundo e em diálogos prévios a esta pesquisa mostrou-se sempre aberto às novas ideias, autointitulando-se “de todas as linhas judaicas, mas também de nenhuma”, pois não quer encaixar-se em rótulos. Este perfil enseja a probabilidade grande em haver aí um ambiente de aprendizagem de cabala diferente do tradicional.

Mas, diante de um mestrado em Ciências da Educação com foco na inovação pedagógica e de uma oportunidade de investigar a aprendizagem de cabala, há de se questionar: **Há inovação pedagógica neste ambiente de aprendizagem de cabala? Em que a aprendizagem de cabala, investigada a partir de aulas em Petrolina, Pernambuco, Brasil, pode significar inovação pedagógica para seus atores educacionais?**

Como bem relata Szpilman (2012), os judeus, além de haverem sido perseguidos historicamente, também contribuíram, a despeito disso, com o desenvolvimento da cultura mundial, na mão ou contramão sempre estiveram presentes, como por exemplo no desenvolvimento do Capitalismo, do Socialismo ou do Comunismo, da Psicanálise, da Física etc. Sua contribuição à Ciência, às artes, à Economia, Literatura, Filosofia e Teologia, dentre outras áreas da atividade humana, são notáveis. É de extrema relevância, portanto, sob o prisma do merecimento e da potencialidade que sua cultura encerra, estudar um contexto judaico ainda pouco ou nada explorado na perspectiva da inovação pedagógica para desvelar aí práticas educativas inovadoras. Esta relevância é social por motivos óbvios e pessoal, haja

vista que esta pesquisa, de viés etnográfico, trará o pesquisador de volta aos seus ascendentes judeus que vieram da Holanda para o Brasil há quatro gerações (esclarecendo que este pesquisador não adota a religião judaica e é descendente também de negros, índios e brancos, não havendo, portanto, implicância excessiva que prejudicaria o desenvolvimento deste trabalho).

Dessa forma, seria realmente algo inovador uma sala de cabala ter o professor enquanto um mediador, pois permitiria que o aluno construísse seu próprio conhecimento com seu par mais apto e não ficando restrito a um mero receptor. Já que o que se percebe é que os alunos que buscavam a cabala apresentavam desejo de apreender os significados profundos de suas próprias vidas.

Este estudo poderá contribuir para uma melhor compreensão da cabala e poderá aproximá-la das pessoas, além disso, mostrará que mesmo em um ambiente tradicionalista, pode surgir um educador com um olhar diferenciado sobre o processo de aprendizagem, que procura respeitar as diversidades, os contextos socioculturais dos alunos e de suas famílias. Além disso, esta pesquisa permitirá uma reflexão sobre o papel do professor e as práticas que são desenvolvidas, no sentido de aprimorar a estrada que conduz à inovação pedagógica em ambientes tradicionais como no da escola de modelo fabril.

Após a apreciação da problemática, faz-se necessária a apresentação, revisão da literatura que permitirá compreender os conceitos: construcionismo, inovação pedagógica e ambiente de aprendizagem. Logo após, apresentam-se a metodologia utilizada, a análise dos dados e as conclusões.

CAPÍTULO I : INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

1.1 Inovação pedagógica e as tecnologias de Informação²

Nas últimas décadas a tecnologia apresentou um grande avanço e se transformou em uma ferramenta de grande importância no cotidiano da sociedade contemporânea, especialmente após a proliferação da internet, que contribuiu de forma significativa na disseminação das informações pelo mundo. Nesse contexto, hoje a tecnologia se tornou indispensável na rotina do ser humano e está cada vez mais presente na educação; no entanto, mesmo com tantos avanços tecnológicos o sistema de ensino continua o mesmo, com conhecimento dividido de forma cartesiana. Nesse sentido, Morin (2003, p. 102) afirma ser primordial

[...] fornecer uma cultura que permita distinguir, contextualizar, globalizar os problemas multidimensionais, globais e fundamentais, e dedicar-se a eles; preparar as mentes para responder aos desafios que a crescente complexidade dos problemas impõe ao conhecimento humano; preparar mentes para enfrentar as incertezas que não param de aumentar, levando-as não somente a descobrirem a história incerta e aleatória do universo, da vida, da humanidade, mas também promovendo nelas a inteligência estratégica e a aposta em um mundo melhor.

As tecnologias de informação, quando são usadas como ferramenta educacional no processo ensino/aprendizagem de forma eficiente, podem contribuir sobremaneira no desenvolvimento cognitivo do aprendiz. No entanto, assim como afirma Papert (1996), o método de ensino é o mesmo, independente da tecnologia existente, a escola não está sensível às mudanças ocorridas. Sendo assim, qual é o papel da inovação pedagógica dentro do âmbito educacional? E de que forma o construcionismo pode contribuir para essa inovação na educação? Para responder esses questionamentos será necessário compreender o conceito de construcionismo e de inovação pedagógica.

Leva-se em consideração, aqui, que essa inovação pedagógica é não somente inserir as tecnologias de informação e comunicação na sala de aula, mas também a implicação de mudanças qualitativas frente aos passos da pedagogia tradicional (FINO, 2008). É necessário salientar que o computador foi introduzido na educação da mesma forma que a máquina de

² Apesar de as tecnologias da informação não serem objeto de estudo nesta pesquisa, optou-se por abordá-las aqui devido à confusão que faz-se comumente: a de que a inserção de tecnologias nos ambientes de aprendizagem por si só significam inovação pedagógica.

ensinar de Skinner, no entanto, Seymour Papert (1985), juntamente com o MIT (*Massachusetts Institute of Technology*), criou a linguagem “Logo”, na qual iniciou o uso do computador como ferramenta de aprendizagem.

1.2 Construcionismo

O construcionismo de Seymour Papert está ancorado no construtivismo de Jean Piaget, que busca compreender como ocorre o processo de aprendizagem nas crianças, considerando as várias etapas que essas passam desde seu nascimento. Dessa forma, na opinião de Piaget (1972), o conhecimento é construído de dentro para fora, considerando que o desenvolvimento cognitivo da criança é um processo social, tendo como ponto central para essa argumentação os elementos cognitivos básicos que encontram-se internalizados no indivíduo e são apenas reestruturados pela influência mútua do mesmo com a sociedade. Dentro dessa perspectiva de desenvolvimento metacognitivo, Papert (2008) fez uma junção dos conhecimentos práticos tecnológicos da informática e da psicogênese de Piaget na tentativa de tornar o computador uma ferramenta de aprendizagem efetiva sobre o comando do educando. Nesse aspecto:

O construtivismo preocupa-se com o processo mediante o qual os alunos constroem conhecimento. A forma como os alunos constroem o conhecimento depende do que eles já sabem o que, por sua vez, depende do tipo de experiências que tiveram da forma como organizam essas experiências em estruturas de conhecimento e das convicções que usam para interpretar objetos e acontecimentos que encontram no mundo. As ferramentas cognitivas são ferramentas para ajudar os alunos a organizarem e a representarem o que sabem. (JONASSEN, 2000, p.24)

O processo cognitivo na concepção de Piaget (1972) leva em consideração que o conhecimento é construído de forma progressiva através das ações e coordenações, que são internalizadas pelo educando, sendo assim, há uma convergência com a proposta construcionista de Papert (1985) na qual buscou fornecer dimensões concretas para elaborar um instrumento tecnológico educativo que permitisse facilitar a construção do conhecimento. Essa ferramenta foi chamada de “Logo”, um software educacional que constrói elementos a partir de comandos fornecidos pelo aluno, qualificando-se assim a prática de aprendizagem, e não apenas de ensino-aprendizagem (que daria a ideia de uma educação promovida de fora para dentro da mente do aprendiz). Nesse quadro, o professor apresenta-se como facilitador entre a tecnologia e o aluno, proporcionando condições para que o discente desenvolva de

forma hábil, crítica e independente a construção de seu conhecimento. Conforme Piaget (1972, p. 16),

[...] o professor enquanto organizador permanece indispensável no sentido de criar as situações e de arquitetar os projetos iniciais que introduzam os problemas significativos à criança. Em segundo lugar, ele é necessário para proporcionar contra-exemplos que forcem a reflexão e a reconsideração das soluções rápidas. O que é desejado é que o professor deixe de ser um expositor satisfeito em transmitir soluções prontas; o seu papel deveria ser aquele de um mentor, estimulando a iniciativa e a pesquisa.

Nessa perspectiva, Papert (1985) desenvolveu um software que atendia ao público infantil no nível pré-escolar, em um *ambiente de aprendizagem* em que se promovessem oportunidades de ampliar o potencial na construção do conhecimento. Assim, buscou potencializar o software adequando-o ao computador, de forma que fosse uma ferramenta compreensível, pois acreditava que a atuação do professor dependia de um *ambiente de aprendizagem* cognitivamente nutritivo, para que os alunos construíssem seu próprio conhecimento. Para ele, a aprendizagem precisa ser prazerosa, o professor precisa facilitar e proporcionar um ambiente, onde, segundo Papert (2008), o aluno possa, de forma individual ou em grupos, desenvolver projetos ligados à realidade que o cerca e que sejam multidisciplinares.

Papert (2008) comunga com a opinião de Piaget (1978) quando este afirma que a criança é um *ser pensante* que mesmo sem ser ensinado é capaz de construir suas próprias estruturas cognitivas, ou seja, é um sujeito ativo na construção de seu saber, e não apenas um executor de tarefas, pois tem a capacidade de compreender o que faz. Assim como Piaget acredita que a reflexão favorece a assimilação de conceito referente a soluções de problemas através de uma linguagem de programação logo, enquanto a depuração proporciona a acomodação do conhecimento, por meio das revisões estratégicas nas resoluções dos problemas. Dessa forma, o construcionismo faz-se de uma base teórica com ações práticas que propõem a autonomia do educando em seu processo de aprendizagem, utilizando como ferramenta cognitiva nesse processo o computador.

O construcionismo é construído sobre a suposição de que as crianças farão melhor descobrindo (“pescando”) por si mesmas o conhecimento específico de que precisam; a educação organizada ou informal poderá ajustar mais se certificar-se de que elas estarão sendo apoiadas moral, psicológica, material e intelectualmente em seus esforços. O tipo de conhecimento que as crianças mais precisam é o que as ajudará a obter mais conhecimento. É por isso que

precisamos desenvolver a matemática. Evidentemente, além de conhecimento sobre pescar, é também fundamental possuir bons instrumentos de pesca – por isso precisamos de computadores – e saber onde existem águas férteis – motivo pelo qual precisamos desenvolver uma ampla gama de atividades matematicamente ricas, ou “micromundos”. (PAPERT, 2008, p. 135)

Conforme o pensamento de Papert (2008), para que a aprendizagem seja significativa é necessário que a mesma faça parte da realidade do educando. À medida que a criança tem a possibilidade de ter matérias em seu cotidiano para explorar, intensifica-se a construção de conhecimento, transformando-o numa fonte de poder. Assim se explicaria porque algumas noções seriam mais complexas para algumas crianças, pois em relação a estas não tiveram contato no seu cotidiano. Papert (2008, p. 137) afirma que

[...] o construcionismo [...] apresenta como principal característica o fato de examinar mais de perto do que outros *ismos* educacionais a ideia da construção mental. Ele atribui especialmente importância ao papel das construções no mundo [...].

Assim, percebe-se a importância do pensamento concreto no desenvolvimento cognitivo da criança, possibilitando a ampliação de forma significativa da capacidade do sujeito em operar sobre o mundo, confirmando a visão de Toffler (1973), quando afirma que o analfabeto do século XXI não será aquele que não sabe ler nem escrever, e sim aquele que não se apresentar capaz de aprender, desaprender e reaprender. Ainda de acordo com Toffler (1973, p. 17) “[...] a tecnologia é inquestionavelmente uma força da maior importância [...]. Ela faz com que mais tecnologia seja possível, como podemos averiguar [...]”. Neste sentido, o mesmo considera que tecnologia nutre a si mesma, pois proporciona a cada momento um processo de inovação de si própria, e como tal não poderia se ausentar do ambiente educacional, neste mundo de aceleradas transformações que exigem do sujeito uma postura cada vez mais condizente com a dinâmica globalizada que se apresenta.

Para Papert (2008) o construcionismo seria uma reconstrução do construtivismo de Jean Piaget, pois permite compreender as questões da aprendizagem como uma edificação mental do indivíduo; para este autor, o aluno, quando verbaliza e expõe o conhecimento que está sendo construído, quando esse conhecimento se materializa, é que se percebe a aproximação do conhecimento abstrato ao conhecimento prático; dessa maneira fica muito agradável quando essas dimensões se aproximam. Ainda nessa perspectiva, Papert (2008) adverte que quando existe uma valorização excessiva do conhecimento abstrato, isso acaba dificultando o progresso da educação.

Numa sociedade dominada pela Escola, o princípio mais importante da matemática pode ser o do incitamento à revolta contra a sabedoria estabelecida, pois sabemos que podemos aprender sem sermos ensinados, e com frequência, aprendemos melhor quando somos menos ensinados. (PAPERT, 2008, p.78)

Diante dessa visão, nota-se que a aprendizagem fora do ambiente escolar, ou melhor, a aprendizagem informal, que muitas vezes é desvalorizada tanto pela escola quanto pela sociedade, pois não segue as diretrizes e metodologias da educação tradicional, possibilita que o aluno articule outros saberes, que podem ser muito bem aproveitados e precisam ser valorizados, pois, como afirma Papert (2008), o processo de aprendizagem perpassa pelo ato de pensar, refletir e analisar. Sendo que o fazer pedagógico consiste num processo dialógico, entre os elementos culturais, sociais, comunitários do sujeito, além de outros elementos que fazem parte das vivências dos alunos que podem contribuir com processo de aprendizagem dos mesmos.

1.3 Inovação pedagógica

A inovação pedagógica acredita que o ambiente de aprendizagem precisa promover no aprendiz a autonomia na construção de seu próprio conhecimento, para que ele seja capaz de refletir sobre o mundo que o cerca; defende também que o professor possa refletir sobre suas próprias práticas pedagógicas: se elas permitem o crescimento intelectual desse aprendiz etc. Assim como afirma Papert (1985), o ambiente de aprendizagem precisa ser *nutritivo*. Diante disso, a inovação pode ser encontrada tanto dentro quanto fora da educação formal, onde seja possível estabelecer uma relação de ensino/aprendizagem, pois esse ambiente na verdade transcende o universo escolar.

Atualmente, a educação busca outras habilidades dos aprendizes conforme afirma Fino (2003, p.5): “autonomia, criatividade, pensamento crítico, capacidade de absorver mudança, lidar com o inesperado, aprender de forma permanente”. Isso soa diferente do que aconteceu no início da industrialização do mundo, com o recrudescimento do ambiente educacional fabril, no qual o aprendiz tem que repetir e obedecer o que é determinado pelas instituições, reproduzindo o sistema implantado nas grandes fábricas inclusive para domesticá-lo a servir aos seus interesses. O papel do professor e dos patrões são semelhantes neste contexto, assim como afirma Toffer: “Trabalho repetitivo, [...] ambientes superpovoados

e disciplina coletiva, [...] o tempo, [...] regido pelo apito da fábrica e pelo relógio". (TOFFLER, 1973, p. 334). É a esse tipo de ambiente educacional que o aprendiz é submetido via de regra, que busca transformar o homem para adaptá-lo ao mundo das indústrias e da produção, que na opinião de Fino (2000, p. 27) “se revelaram mais eficazes tendo em vista os objetivos que presidiram o lançamento do ensino em massa”.

Esse tipo de modelo educacional propagou-se pelo mundo, mantendo-se de forma inalterada por muito tempo, pois contribui para a formação do sujeito considerado essencial para a sociedade da época; somente após a Guerra Fria o currículo escolar passou por reavaliação principalmente nos Estados Unidos, com o objetivo de formar um sujeito apto em lidar com ciências e matemática. Na opinião de Fino (2011), atualmente a escola precisa desconstruir em primeiro lugar a visão de uma educação tradicional, na qual o professor é o centro de tudo, fazendo um papel de transmissor de conhecimento, começar a olhar a educação como um espaço de construção e troca de conhecimento, onde o aluno é protagonista na construção de seu próprio conhecimento. A escola, mesmo nos dias atuais, portanto, ainda funciona de modo fabril. Fino (2011) afirma que:

Os elementos mais criticados desse sistema, como a falta de individualização, as normas rígidas e o papel autoritário do professor, acabaram por se revelar como sendo os mais eficientes, tendo em consideração os objetivos fundamentais da educação massificada. (Fino, 2011, p. 46)

Segundo este, no entanto, não são apenas as mudanças nos instrumentos utilizados no ensino que podem ser analisadas e compreendidas como inovação pedagógica, pois

[...] muitas foram as inovações introduzidas no mundo da tecnologia [...] o que não significa que a incorporação das novas tecnologias redundasse em alterações substanciais no modo de funcionamento das escolas (FINO, 2003, p.8)

Isso não mudou as práticas pedagógicas que são utilizadas nas escolas necessariamente no sentido da aparição da inovação pedagógica, apenas viabilizou para que professor modificasse a forma de transmitir o conhecimento aos alunos.

O computador consiste em um recurso que, se bem utilizado, contribui de forma significativa no aprendizado, possibilitando o desenvolvimento dos educandos, pois pode ser uma ferramenta que trabalha fundamentada na Zona de Desenvolvimento Proximal de Vigotski, já que se compreende que essa zona são *janelas de aprendizagem* que permitem o desenvolvimento potencial do indivíduo através da resolução de problemas sob a orientação de adultos ou de seus pares mais capazes.

A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas “brotos” ou “flores” do desenvolvimento, em vez de “frutos” do desenvolvimento. O nível de desenvolvimento real caracteriza o desenvolvimento mental retrospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente. (VIGOTSKI, 2007, p.98)

Vigotski (2007) acredita que a linguagem realiza um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem que funciona como um instrumento de mediação, possibilitando o convívio em sociedade e, por conseguinte, o desenvolvimento do sujeito. Baseado neste pressuposto, a inovação pedagógica não é apenas implantar um computador na sala de aula, está muito além disso, é uma mudança do paradigma tradicional para um novo paradigma que possua uma visão emancipativa do sujeito no processo educacional. Nesta perspectiva, Fino (2008, p. 2) afirma:

[...] inovação pedagógica como ruptura de natureza cultural, se tivermos como fundo as culturas escolares tradicionais. E a abertura para emergências de culturas novas, provavelmente estranhas aos olhares conformados com a tradição. Para olhos assim, viciados pelas rotinas escolares tradicionais, é evidente que resulta complicado definir *inovação pedagógica*, e torna a definição consensual. No entanto, o caminho da inovação raramente passa pelo consenso ou pelo senso comum, mas por saltos premeditados e absolutamente assumidos em direção muitas vezes inesperada.

Urge, portanto, a inovação pedagógica que permita que os espaços educacionais possibilitem que os aprendizes construam seu próprio conhecimento de forma autônoma. Neste sentido, Fino (2008, p. 277), assegura que “a inovação pedagógica implica mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas e essas mudanças envolvem sempre um posicionamento crítico, explícito ou implícito face às práticas pedagógicas tradicionais”. Para que ocorra uma inovação pedagógica é indispensável uma mudança nas práticas dos educadores, que permita “uma reflexão, de forma crítica e autocrítica”, sendo necessário que o professor perceba que cada aluno é único em suas complexidades. É importante salientar que a inovação pedagógica consiste em conjunto de elementos que provoca mudanças significativas nas relações dentro e fora da escola, e principalmente, no papel que o professor exerce no processo de aprendizagem.

Neste contexto, Papert (1985) avalia que o aprendiz precisa compreender a sua produção para que consiga identificar e corrigir seus próprios erros, pois isso permite que uma aprendizagem significativa aconteça, sendo que o melhor aprendizado é aquele em que o aprendiz se torna construtor de seu próprio conhecimento. Em tal cometimento, o computador pode ser um instrumento útil, por ser uma fonte que possibilita trabalhar e pensar novos projetos, permitindo que o aprendiz tenha domínio sobre a construção do seu saber.

Na atualidade, é premente a necessidade de o educador modificar suas práticas que têm por base um sistema educacional tradicional, pois já não serve para a nova escola. Assim, como afirma Toffler (1973), o sistema educacional apresenta mesmo hodiernamente elementos anteriores à Revolução Industrial; o que tem prevalecido até o momento é um sistema educacional baseado em um sistema fabril, no qual os professores são considerados operários e os estudantes um produto que precisa ser programado para funcionar de acordo com a indústria, o que já não é mais adequado ao contexto social vigente.

Dentro dessa perspectiva, é importante salientar, assim como acredita Fino (2008), que a inovação pedagógica não significa introduzir a tecnologia na educação, apesar da mesma permitir que ocorra a inovação; no entanto, ela pode ser usada de forma inovadora na medida que permita fazer diversas coisas de diferentes maneiras, possibilitando que tanto o educador quanto o aprendiz possa entrar em “territórios inesperados” e surpreendentes, que podem ser totalmente diferentes do currículo e da escola. Com isso, percebe-se a necessidade da escola se ajustar ao contexto social contemporâneo, pois as mudanças, como afirma Toffler (1973), estão ocorrendo de forma acelerada, o que afeta a vida das pessoas de forma significativa, forçando-as a desempenhar novos papéis e se adaptarem a novas situações que antes não se imaginavam. E quando o indivíduo não está preparado para assimilar essas mudanças, é possível o desencadeamento de várias doenças psíquicas, como pode-se constatar atualmente. Neste momento, a escola precisa preparar os estudantes para enfrentar situações diversas e imprevistas, e a inovação pedagógica, conforme discutida aqui e acentuada por Fino (2008) nada mais é que uma ferramenta essencial para se conseguir este intento.

Diante de a escola, de um modo geral no contexto sócio-histórico hodierno, continuar baseada em um sistema educacional tradicional que já não satisfaz à sociedade atual, precisa-se de uma mudança efetiva nas práticas educacionais, o que será colimado levando-se em conta a interação do construcionismo de Papert na busca de novos rumos educacionais efetivos. Este não é, de fato, o único caminho para se conseguir tal intento, mas é um dos mais

promissores, já que, instigando o estrelato e a independência do aluno no processo educativo, pode tornar-se uma via sinérgica geradora de ainda mais inovação.

O construcionismo propõe que o aprendiz seja ativo e autônomo na construção do seu próprio saber, tendo o professor e os pares mais capazes o papel de mediadores do conhecimento, e indica que a aprendizagem precisa ser prazerosa. Além disso, o educador deve proporcionar um ambiente que estimule o aprendizado de forma individual/grupal e desenvolver projetos ligados à realidade acerca dos alunos, para que essa aprendizagem seja realmente significativa do ponto de vista da vivência de cada um.

Nesse processo, o computador apresenta-se como uma ferramenta inovadora na prática pedagógica se entregue ao aprendiz para que o mesmo, através de tentativas e erros de modo orientado, construa os caminhos que permitam o desenvolvimento metacognitivo.

Na atualidade, torna-se necessário que o educador em geral modifique sua prática pedagógica, que está baseada em um sistema tradicional, pois já não serve para a escola do presente e do futuro. É imperiosa uma ruptura no paradigma tradicional para que se possa conseguir uma inovação pedagógica, considerando que o conceito de inovação consiste em uma mudança de prática do educador, permitindo que este reflita sobre o seu papel como tal de forma crítica e autocrítica. Neste sentido, inovação pedagógica não é o mesmo que inovação tecnológica, e vice-versa, já que a tecnologia pode ser utilizada também para perpetuar o modelo educacional vigente.

Observa-se daí o quanto é complexo o processo de inovação pedagógica, uma vez que é necessário, para que o mesmo se concretize, que antes de tudo ocorra uma mudança paradigmática na visão do educador em abandonar o tradicionalismo fabril e partir em busca do novo, rompendo com as estruturas até então impregnadas na prática educacional, que formam indivíduos adaptados às condições necessárias à jornada de trabalho na indústria.

Mas, onde chegaremos? Conseguiremos inovar pedagogicamente e o construcionismo será uma ferramenta capital a favor do novo na educação, diante de uma sociedade cujas escolas seguem o *modus operandi* fabril? Leiamos Toffler (1980, p. 136):

A fábrica. Viva a fábrica! Hoje, mesmo enquanto se constroem novas fábricas, a civilização que fez da fábrica uma catedral está morrendo. E em alguma parte, neste momento mesmo, outros moços e moças estão dirigindo

seus carros através da noite com destino ao centro da nascente civilização da Terceira Onda.

Na atualidade torna-se necessário que o educador modifique sua prática pedagógica, que está baseada em um sistema educacional tradicional, pois já não serve para a escola do futuro. É necessário uma “ruptura” no paradigma tradicional para que se possa conseguir uma inovação pedagógica, considerando que o conceito de inovação consiste em uma mudança de prática do educador permitindo que este reflita sobre o seu papel na educação de forma crítica e autocrítica. Neste sentido, inovação pedagógica não é inovação tecnológica, apesar de a tecnologia estar sendo usada para perpetuar o modelo educacional vigente.

É complexo o processo de inovação pedagógica, uma vez que é necessário, para que ele se concretize, que antes de tudo ocorra uma mudança paradigmática na visão do educador em abandonar o tradicionalismo fabril e partir em busca do novo, rompendo com as estruturas até então impregnadas na prática educacional, que desejava a formação de indivíduos adaptados às condições necessárias a jornada de trabalho na indústria, para a nova realidade que se apresenta, na qual precisam-se educar indivíduos que saibam lidar com o imprevisível.

1.4 Ambiente de aprendizagem

O processo de aprendizagem pode ocorrer em qualquer ambiente no qual haja a interação social, conforme afirma Vygotsky (2000); diante desse olhar, o processo de aprendizagem começa muito antes de iniciar a educação formal. Nesse sentido, não há como separar o processo educativo das relações afetivas estabelecidas entre as crianças e os professores, pois de acordo com essa relação constitui-se a aprendizagem dos alunos. Naturalmente, o ambiente de aprendizagem do aluno detém influência enorme, pois na opinião de Vygotsky (2000, p. 192), “na prática, a criança não é livre no processo do desenvolvimento dos significados que recebe da linguagem dos adultos”; dessa forma, pode-se ressaltar que o indivíduo sempre sofre influência na sua construção e reconstrução por meio do contato social. Diante dessa visão, o ambiente de aprendizagem não é apenas uma sala de aula, mas sim o meio social a que o indivíduo pertence.

O contato social relativamente complexo e rico da criança leva a um desenvolvimento sumamente precoce dos “meios de comunicação”. Reações bastante definidas à voz humana foram observadas já no início da terceira semana de vida, e a primeira reação especificamente social à voz,

durante o segundo mês [...]. Essas investigações mostraram igualmente que as risadas, o balbucio, os gestos e os movimentos são meios de contato social a partir dos primeiros meses de vida da criança (VYGOTSKY, 2000, p. 130).

O ambiente de aprendizagem precisa ser um local prazeroso, no qual o aluno sinta-se parte do processo, além disso que permita que o aprendiz tenha autonomia para refletir de forma crítica.

Dantas (1994, p.79) enfatiza que é necessário que exista empatia entre professor e aluno, já que isso beneficia o surgimento da simpatia mútua entre ambos. O professor precisa ter claro que o processo de ensino e aprendizagem é uma via de mão dupla, ao mesmo tempo que ensina ele também aprende; dessa forma, a aprendizagem é uma troca de conhecimento. O ambiente de aprendizagem no qual encontram-se bons vínculos afetivos contribui positivamente para um processo de aprendizagem significativa, pois permite criar um clima de compreensão, confiança, respeito e principalmente estimula o aprendiz na construção de seu conhecimento. Sendo que:

Os resultados positivos de uma relação educativa movida pela afetividade opõem-se àqueles apresentados em situações em que existe carência desse componente. Assim, num ambiente afetivo, seguro, os alunos mostram-se calmos e tranquilos, constroem uma auto-imagem positiva, participam efetivamente das atividades propostas e contribuem para o atendimento dos objetivos educativos. No caso contrário, o aluno rejeita o professor e a disciplina por ele ministrada, perde o interesse em frequentar a escola, contribuindo para seu fracasso escolar. O professor que possui a competência afetiva é humano, percebe seu aluno em suas múltiplas dimensões, complexidade e totalidade (RIBEIRO; JUTRAS, 2006, p.28).

Assim, toda vez que ocorrer uma interação de pessoas existirá um processo educativo, no qual haverá elementos significativos do ambiente cultural a que o sujeito pertence. De acordo com Libâneo, “há quase uma unanimidade entre os autores de considerar a educação como um processo de desenvolvimento” (2004, p. 74). Analisando que educação,

concentra a experiência generalizada da humanidade no que se refere a saberes, experiências, modos de ação, acumuladas no decurso da atividade sócio-histórica de muitas gerações, para propiciar às novas gerações a apropriação ativa desses saberes e modos de ação como patamar para mais produção de saberes. Nesse movimento de objetivação-apropriação da cultura está a gênese dos processos educativos [...] [ocorre] na família, na escola, nas instituições e grupos sociais, nos movimentos sociais (LIBÂNEO, 2004, p. 83).

Na opinião de Freire (1979), a educação consiste em uma busca realizada pelo indivíduo. Essa é a importância do processo educativo para o desenvolvimento do *ser humano*, considerando que o ser humano é cultural, e que portanto necessita um do outro. Perante essa ótica, a educação possui um “caráter eminentemente formativo [...] como processo de interação humana e social” (BOUFLEUER, 1991, p. 11), sendo enraizada na tomada de consciência de que o indivíduo é um ser incompleto em constante (re)construção.

Na opinião de Papert (1985) para que se tenha um ambiente educativo, o professor precisa estabelecer um “ambiente de aprendizagem” cognitivamente “nutritivo”, permitindo que os alunos construam seu próprio conhecimento. Do mesmo modo, o professor precisa promover e permitir que a aprendizagem no ambiente escolar seja prazerosa e significativa.

Nessa perspectiva, Freire (2002) acredita que a aprendizagem está diretamente ligada à cultura, pois considerada que o homem é um ser essencialmente histórico e os processos de aprendizagem estão intimamente correlacionados; diante disso, as práticas pedagógicas e o comprometimento entre aluno e professor através de um postura de integração permitem o aumento da aprendizagem, favorecendo a concepção pessoal e social dos atores educacionais, sendo direcionados pelos sentimentos de solidariedade, de valores de diversidade enriquecedores.

Na opinião de Vygotsky (2000), é através do contato social que o sujeito é inserido no contexto cultural, o que favorece a construção da memória e do pensamento, possibilitando o desenvolvimento do contexto social e sua continuidade. Assim, percebe-se que a aprendizagem começa muito antes do indivíduo entrar numa unidade educacional: não há como separar o processo de aprendizagem das relações que as pessoas estabelecem com os meios a que pertencem.

A cultura da aprendizagem da sua família terá, mais tarde ou mais cedo, de estabelecer conexões com culturas de aprendizagem exteriores. [...] Embora o seu objetivo imediato, ao tentar influenciar as escolas, seja provavelmente o bem-estar dos próprios filhos, ao fazê-lo estará também a tomar parte num importante movimento social. (PAPERT, 1996, p.38)

A cultura vivenciada pelos aprendizes, então, influencia no processo de aprendizagem. Afirma Freire (2002) que a prática pedagógica fundamenta-se na autonomia; o autor deixa claro que ensinar e aprender estão conectados; nesse sentido, urge a necessidade de modificações no modelo educacional tradicional.

Ainda na opinião de Freire (2002), o educador precisa se manter vigilante contra práticas pedagógicas que possam ser consideradas desumanas, afirmando que a solidariedade é uma estratégia que permite contestar a lógica globalizante de prática educacional tradicional, enfatizando a responsabilidade ética no exercício da prática pedagógica; cabe ao educador refletir sempre sobre a sua autonomia e a dos aprendizes, permitindo construção coletiva.

É importante notar que Freire (2002) e Vygotsky (2000) acreditam que o processo pedagógico precisa estar centrado no aluno, contribuindo para que o aprendiz possa refletir e discutir sua existência e seu lugar no mundo. Os autores tratam a construção do conhecimento como um processo evolutivo e pertinente à historicidade humana. Assim, afirma Freire que:

Histórico como nós, o nosso conhecimento do mundo tem historicidade. Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro antes que foi novo e se fez velho e se "dispõe" a ser ultrapassado por outro amanhã. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente (FREIRE, 2002, p.22).

Ainda de acordo com Freire (2002) e Vygotsky (2000), o desenvolvimento cognitivo do sujeito ocorre através de integração do mesmo com o ambiente social a que pertence. Dessa forma, o ambiente de aprendizagem é extremamente importante. Nessa perspectiva, Greenman apud Carolyn (1999) aponta que o ambiente é considerado como algo que contribui com a educação da criança. Diante dessa visão, considera o ambiente de aprendizagem como o “terceiro educador”, ao lado da equipe dos professores.

Um ambiente é um sistema vivo, em transformação. Mais do que o espaço físico, inclui o modo como o tempo é estruturado e os papéis que devemos exercer, condicionando o modo como nos sentimos, pensamos e nos comportamos, e afetando dramaticamente a qualidade de nossas vidas. O ambiente funciona contra ou a nosso favor, enquanto conduzimos nossas vidas. (GREENMAN apud CAROLYN, 1999, pág. 156).

Na opinião de Freire (2002) não existe processo educativo neutro, pois todo fazer pedagógico está relacionado ao que acontece no mundo, ao redor do aprendiz e do professor. Freire (2002) coloca a educação como um fazer político, no sentido de ser influenciador e transformador da realidade vivenciada pelos aprendizes. Esta ideia está em consonância com a opinião de Fino (2002), ao exaltar a urgência da quebra de paradigmas educativos tradicionais, para que ocorra um processo educacional que considere o aprendiz e suas

habilidades, trazendo a importância de a escola avançar em direção a atitudes mais democráticas e menos excludentes.

Freire [...] postula que o conhecimento deve ser construído partindo-se da necessidade reconhecida no cotidiano do sujeito. A teoria deve ser construída tomando por base um problema localizado na prática [...]. Para Vigotski, o conhecimento se dá a partir do que é sabido pelo sujeito de seu cotidiano, do que ele internalizou ao longo do seu desenvolvimento, por meio das relações sociais estabelecidas, como produção cultural (PETRONI; SOUZA, 2009, p. 5).

Na opinião de Oliveira (2010), o ponto central no processo reflexivo sobre a abordagem relacionada aos ambientes de aprendizagem foca em como esse ambiente pode ou não favorecer o processo de aprendizagem. “Dentre as condições ambientais que favorecem a aprendizagem das crianças, destaca-se o arranjo espacial, que diz respeito à maneira como os móveis e equipamentos existentes em um local posicionam-se entre si.” (OLIVEIRA, 2010, p 128). Assim, qualquer espaço pode ser educativo, pois a aprendizagem é considerada um fenômeno social que ocorre através da vivência do aprendiz com a sociedade à qual esse faz parte; dessa forma, não é necessário um determinado espaço, contudo ele precisa ser um espaço no qual o aprendiz sinta-se confortável, seguro e afetivamente vinculado.

CAPÍTULO II – CULTURA JUDAICA E CABALA

2. 1 A cultura judaica

Solomon (2002) afirma que a cultura, para ser compreendida, exige que sejam levados em conta os contextos antropológicos, sociológicos e psicológicos, pois é um sistema complexo e partilhado pelas comunidades que determinados membros fazem parte, já que envolve um conjunto de rituais, valores, tradições entre outros, que são construídos pelos indivíduos integrantes da sociedade. Para Schein (1999, p. 45), a cultura é a “soma de todas as certezas compartilhadas e tidas como corretas que um grupo aprendeu ao longo de sua história”.

Em suas formas bíblicas e rabínicas, o judaísmo é uma religião democrática e exotérica. Entretanto, como muitas outras religiões, possui também em suas dimensões místicas e significativas tendências esotéricas, que são mais elitistas, especialmente desde a Idade Média. A mais renomada dessas literaturas místico-esotérica é conhecida sob o nome de Cabala. Este é um termo hebreu, que tem vários significados. Dentre eles, o básico deriva da raiz QBL do verbo receber, e assim a palavra quer dizer recepção, enquanto em hebraico moderno designa um recibo. (IDEL, 2012, p. 17)

É importante salientar a opinião de Tofel (2005) de que o judaísmo não é formado por um grupo coeso. Desde a Antiguidade, o povo judaico sempre foi composto por grupos diversificados, como os saduceus e os fariseus que buscavam implantar e repassar as tradições herdadas dos profetas a quem seguiam; ressaltando que cada grupo tinha características culturais próprias, o que pode remeter ao que Motta (1997, p. 25) traz à baila: “a variação cultural refere-se aos hábitos e comportamentos de um grupo ou sociedade para outros”. Assim, de acordo com Tofel (2005, p. 6):

Na Idade Média, o processo de diversificação dentro do já consolidado judaísmo rabínico se exacerbou com o surgimento de diferentes correntes e movimentos, como o pietismo, o racionalismo e o misticismo, este último expresso principalmente nos vários movimentos milenaristas inspirados nela e, finalmente, no Chassidismo.

Na opinião de Tofel (2005), a cultura judaica passou por uma reconstrução de identidade, que durou aproximadamente duzentos anos, o que permitiu uma transformação radical a partir da década de 80, já que nesse momento a cidade de Israel e as sociedades “diaspóricas” passaram por um crescente aumento de judeus laicos que começaram a seguir a ortodoxia. Na opinião do autor, o número crescente de adeptos ocorreu devido o “reencantamento” do mundo pelas particularidades da cultura judaica.

Uma das principais lições sociológicas que pode ser retirada da experiência judia se refere não a alguma essência última que defina o que seja uma Diáspora, mas da riqueza dos processos.

Identities culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou de sutura, que são feitas dentro dos discursos de história e de cultura. Não uma essência, mas um posicionamento. Por isto sempre existe uma política de identidade, uma política de posição, que não tem nenhuma garantia absoluta numa “lei de origem” não problemática e transcendental. Identidades [são] moldadas por vetores de semelhança e continuidade tão bem como vetores de diferença e ruptura. (HALL, 1996, p. 113).

O Judaísmo consiste numa das três principais religiões “*abraâmicas*”, conforme Louis (2007) é considerado como uma religião, uma filosofia e uma forma de vida do povo judeu, que surgiu a partir das tribos de Israel, também denominados como hebreus, no antigo Oriente. A origem do Judaísmo está diretamente ligada à Torá, que são cinco rolos de pergaminhos nos quais Moisés escreveu as Leis de Deus (que direcionaram judeus até os dias de hoje). É importante salientar que cada judeu expressa seu pensamento religioso conforme a comunidade da qual faz parte e respeitando sempre os costumes e leis locais, apesar de, é claro, contarem com uma base cultural solidificada e até espreada e com pontos de contatos com diversas outras culturas, devido à sua ligação com o Cristianismo e o Islamismo, por exemplo.

O Judaísmo existe há mais de três mil anos, é considerado uma das religiões mais antigas do mundo, acredita em um único Deus; além disso, de acordo com Busse (1998), influenciou outras religiões como Cristianismo, Islamismo e a Fe Bahá’í, entre outras. Trata-se de uma comunidade que inclui tanto as pessoas que nascem de famílias judaicas como também as que se converteram ao judaísmo. E conforme World Jewish Population (2010), em 2010 a população judaica mundial era estimada em 13,4 milhões, equivalente a aproximadamente 0,2% da população mundial, sendo que 42% encontravam-se residindo em Israel, 42 % encontravam-se entre os Estados Unidos e o Canadá, uma boa parte do restante estava na Europa, e outros judeus espalhados por diversos países, inclusive no Brasil. Segundo Louis (2007), o Judaísmo pode ser dividido em três grupos: o ortodoxo, o conservador e o reformista³, tendo como principal diferença a forma de abordar a lei judaica. O ortodoxo acredita que a Torá e as leis judaicas são de origem divina, dessa forma são eternas e

³ Veremos mais adiante neste trabalho que o Rabino Yossef Arbaim, professor das aulas de cabala em análise, considera este grupo com bem mais subdivisões.

imutáveis e deveriam ser seguidas rigorosamente sem contestação. O grupo conservador promove uma interpretação mais tradicional, dando ênfase à oralidade em debates e ensino familiar, e o reformista vê a lei judaica como um conjunto de diretrizes adaptáveis, maleáveis e não como um conjunto de restrições e obrigações a ser seguido ao pé da letra.

Marques (2005) afirma que historicamente os tribunais aplicavam a lei judaica antiga, que atualmente ainda existe, no entanto, são poucos os que a exercem. É importante salientar que a autoridade sobre os assuntos teológicos não é dada a qualquer indivíduo ou instituição: somente com base nos textos considerados sagrados, rabinos e estudiosos fazem a interpretação dos casos concretos.

Para os judeus, manter as tradições e as memórias de seu povo é uma forma de preservar a própria identidade, ou seja, é uma forma de sobreviver como nação em diáspora; por esse motivo, passa a ser extremamente importante que as memórias sejam ensinadas e vividas pelas gerações através de seus costumes. Na opinião de Halbwachs (1990), é na história vivenciada que se ampara a memória dos judeus e não na história aprendida apenas pela via verbal. Todos os judeus têm a obrigação de transmitir suas vivências e experiências para seus sucessores. Dessa forma permite-se a sobrevivência da cultura judaica por diversas partes do mundo, inclusive no Brasil.

2. 2 Cabala

A origem da palavra “cabala” vem do Hebraico e significa “recebimento”⁴. Dessa forma, é uma compreensão dos acontecimentos divinos, das mensagens que Deus envia à humanidade através de qualquer meio; ela seria as informações recebidas do sagrado, sendo que o misticismo dos judeus e seus ensinamentos poderiam levar o sujeito a ter um contato direto com a divindade através dela.

Na opinião de Scholem (1997), a cabala tem a facilidade de gerar uma fascinação, medo, assombro e empolgação, que “são como um reflexo dos mistérios da vida divina” (SCHOLEM, 1997, p. 7-8). A cabala busca descobrir os mistérios do mundo, assim como qualquer religião procura entender os mistérios que separam o homem do divino. Scholem

⁴ Ver acima o porquê de essa noção não entrar em choque com os conceitos de inovação pedagógica.

(1997, p. 108) afirma que “as tendências místicas e altamente ramificadas do judaísmo evoluíram e deixaram seu registro histórico na tradição esotérica da Cabala”.

Na opinião de Scholem (1978), a cabala significa “tradição”, que seria a tradição dos eventos divinos, que durante séculos exerceram um papel extremamente importante entre os grupos e/ou comunidades judaicas. Comungando com essa visão, Goetschel (2010) afirma que a origem da cabala (Qabalah) está diretamente ligada à mística e ao esoterismo judaico, contidos nos textos proféticos e hagiográficos da Bíblia. Outros, como Laitman (2008), acreditam que a origem do termo kabbalah significa “recepção” e Couto (2009) afirma que cabala seria “aquilo que foi recebido” (portanto a coisa captada e não o processo de recepção): esse autor faz referência aos ensinamentos recebidos por Moisés no Monte Sinai.

Assim os cabalistas sustentam que, quando Moisés recebeu as tábuas, não foram apenas os Dez Mandamentos e a história da Criação que lhe foram revelados, mas também um diagrama secreto do universo, ou, nas palavras de Zetter, ‘uma espécie de mapa que retrata a fonte e as forças da Criação, além de uma explicação sobre o relacionamento entre os seres humanos e o restante do universo, tudo isso oculto no interior do texto bíblico’ (COUTO, 2009, p. 52).

Na opinião dos cabalistas, a Torá gerou um arquétipo chamado árvore da vida, que seria um “diagrama secreto do universo”, sendo que a Torá são as orientações...

Mas a Bíblia fala de duas árvores no paraíso, cada uma das quais é agora relacionada a uma esfera diferente do domínio divino. A Árvore da Vida foi identificada (mesmo antes do Zohar) à Torá escrita, ao passo que a Árvore do Conhecimento do bem e do mal foi identificada à Torá oral. Neste sentido, a Torá escrita, obviamente, é considerada um absoluto, enquanto que a Torá oral trata das modalidades da aplicação da Torá no mundo terreno. Esta concepção não é tão paradoxal quanto à primeira vista possa parecer. Para os cabalistas, a Torá escrita era, de fato, um absoluto, que como tal não pode ser total e diretamente apreendido pela mente humana. É a tradição que torna primeiro a Torá acessível à compreensão humana, indicando as maneiras e os meios através dos quais a Torá pode ser aplicada à vida judaica (SCHOLEM, 1978, p. 83-84).

É importante ressaltar que a Torá é a fonte que dá origem a todos os pensamentos judaicos, sendo considerada também a raiz dos que apoiam a cabala. “Na Cabala, a lei da Torá tornou-se um símbolo da lei cósmica, e a história do povo judeu, um símbolo do processo cósmico” (SCHOLEM, 1978, p. 09). O conceito de cabala foi utilizado inicialmente na Idade Média desde o séc. XII na Provença, principalmente na escola de Isaac l’Aveugle (1165-1235), para mencionar a área da mística teosófica. Conforme Scholem (1978), não há como definir “a doutrina dos cabalistas”, o que observa-se são “motivações amplamente diversificadas e por vezes contraditórias, cristalizadas em sistemas, ou quase sistemas muito

diferentes” (SCHOLEM, 1978, p. 108). Na opinião dos cabalistas, duas visões distintas orientam o eixo central do espiritualismo judaico:

A primeira, de natureza devocionista, baseia-se nas experiências espirituais e conduz à mística – por meio de técnicas anômicas (como as lágrimas, a ascensão da alma, a combinação das letras, a visão das cores) – ao êxtase e à união mística. Nela situam-se os místicos da Merkabah, os pietistas renanos, Abraham Abulafia e sua escola e, posteriormente, os Hasidim da Polônia. A segunda orientação é a da cabala propriamente teosófica, que se origina basicamente de uma interpretação místico-simbólica das Escrituras, da tradição e de tudo que diz respeito à halakhah, o domínio da normatividade religiosa. A interpretação teosófica se concretiza por uma atividade teúrgica. Pode-se distinguir diversas modalidades desse tipo de ação sobre a divindade: ação instauradora, restauradora, conservadora, amplificadora e atrativa. É essa a orientação que descobrimos em Isaac l’Aveugle e posteriormente também no Zohar e na cabala luriânica. Na verdade, trata-se apenas de duas linhas de força que podem se cruzar e se combinar na pessoa de certos místicos ou no interior de certas escolas (GOETSCHHEL, 2010, p. 09).

Durante a Idade Média, devido à necessidade de adaptar os textos fundadores, que são as antigas Escrituras Sagradas, aos comentários rabínicos, a mística judaica encontrou na filosofia a alternativa, pois o “problema básico em torno do qual parece girar o pensamento da época, depois do encontro entre monoteísmo bíblico e o pensamento grego é o dos atributos de Deus” (GOETSCHHEL, 2010, p. 91).

Que relação estabelecer entre a ideia de Deus concebida pelos filósofos (quer se trate da causa primeira de Aristóteles ou do Um de Plotino), cujas realidades são provenientes da necessidade, e o Deus pessoal da religião, criador do mundo e da providência? (GOETSCHHEL, 2010, p. 90)

Pois conforme o pensamento cabalístico, para criar o mundo, Deus precisou pegar parte de si mesmo e construir o espaço da criação. Após essa construção Deus utiliza suas próprias características gerando corrente de luz no espaço vazio onde se encontrava apenas trevas. Conforme Scholem (1978), o

caos que fora eliminado da teologia da “criação” a partir do “nada” reapareceu sob uma nova forma. Este nada sempre estivera presente em Deus, não estava fora Dele, nem fora suscitado por Ele. É este abismo dentro de Deus, coexistindo com Sua infinita plenitude, que foi transposto na Criação, e a doutrina cabalística do Deus que habita “nas profundezas do nada”, corrente desde o século XIII, exprime este sentimento numa imagem que é tanto mais notável quanto foi desenvolvida a partir de um conceito tão abstrato. (SCHOLEM, 1978, p. 123)

Assim, através de sua própria ocultação originou-se o ambiente favorável para a Criação do mundo. Dessa forma, a cabala une o mito cosmogônico da Criação com o conceito de Ein Sof, “esse aspecto misterioso de Deus [...], um ser autocontido e autossuficiente que não pode de nenhuma maneira ser limitado pela própria existência, condição que limita todos os seres que possuem” (COUTO, 2009, p. 52). Na opinião de Campani (2011), um dos fundamentos mais importantes da cabala consiste em que Deus envia para o mundo constantemente atributos divinos, sendo que foi dessa forma o mundo criado. Ainda conforme os cabalistas, os atributos divinos são “dez sefirót [que] constituem as dez potências da emanção ou da manifestação do divino” (GOETSCHEL, 2010, p. 91). É importante salientar que esses dez atributos divinos são a base da cabala: “As dez sefirót (plural de sefirá) são um conceito central da cabala, particularmente no Sêfer Yetsirá, e elas recebem, no Zohar, os nomes de Keter, Chokmá, Biná, Chesed, Gueburá, Tiferet, Netsach, Hod, Yesod e Malkut” (CAMPANI, 2011, p. 07). Ainda de acordo com esse autor, existem conceitos considerados pelos cabalistas como superiores: o primeiro chama-se sefirá keter, denominado também como Coroa, que seria superior e estaria diretamente vinculada a Deus, o que seria um aspecto divino que nenhum homem teria, e consiste numa ação divina primordial; o segundo conceito na opinião Couto (2009) representa a sabedoria, através do conhecimento que é adquirido via acontecimentos e opiniões; o terceiro é a Biná: avaliada como sefirá feminina, seria a mãe dos conceitos superiores. Para Campani (2011), esses conceitos iniciais são chamados de “Mundo das Emanações”, pois disso seriam emanados os setes conceitos denominados pelos cabalistas como inferiores, que estariam organizados em três planos; o primeiro seria o “Mundo das Criações”, que chama-se Chesed, considerada “a Misericórdia”; na quarta esfera encontram-se Gueburá, “o Julgamento” e Tiferet, “a Beleza”. O segundo, o “Mundo das Formações”, que seria “a Vitória” ou “a Eternidade”, que consiste no desejo de interagir com as pessoas e que porta também o materialismo. O terceiro consiste no “Mundo das Ações”, que está diretamente associado ao mundo “extra-divino”: é o conceito mais próximo do mundo material e que, na opinião de Campani (2011), é a esfera considerada a própria existência do ser tanto animado quanto inanimado.⁵

⁵ Discutir esses conceitos intrincados de maneira não livresca de forma aprofundada só seria possível no caso da conversão do pesquisador ao judaísmo, o que, é óbvio, não ocorreu, pois tinha como foco de estudo as aulas no sentido de encontrar ou não inovação pedagógica naquele ambiente de aprendizagem.

Campani (2011) reza que a cabala são múltiplas ideias místicas e interpretações das Escrituras Sagradas; mesmo que as interpretações sejam conflitantes, todas as suas interpretações são vistas como complementares umas das outras. De acordo ainda com o autor citado neste parágrafo, a cabala permanece por muito tempo como secreta, disponível apenas a quem participasse de grupos selecionados. Contudo, nos últimos anos, começou a ser ensinada para pessoas em geral, principalmente através dos textos cabalísticos comentados por rabinos, permitindo o surgimento de uma nova geração de estudantes, que desejam encontrar sabedoria interior.

É importante salientar que estudar cabala é muito complexo, pois existem inúmeras vertentes. Durante todos os séculos em que a cabala se fez presente na cultura do mundo, muito se explorou e escreveu sobre o tema, que era algo exclusivo do sexo masculino durante muito tempo; na opinião Scholem (1972), o judaísmo a preserva pela tradição oral e escrita de um povo que foi escravizado, perseguido, mas contudo manteve o sentimento de ser um “povo escolhido”, o que permitiu que a cabala continuasse até os dias atuais; dessa forma, Scholem (1972) aponta duas formas que foram responsáveis pela disseminação da cabala, buscando sempre a iluminação, de tal modo que:

Em muitos casos, cochichos e insinuações esotéricas eram o único meio de transmissão. Não é de surpreender, portanto, que tais métodos conduzissem a inovações, algumas delas espantosas, e que surgissem divergências entre várias escolas (...) Tampouco devemos esquecer que nem sempre a fonte original de uma “tradição” era um mero mortal. A iluminação sobrenatural também desempenha seu papel no cabalismo, e se fizeram inovações não só com base em novas interpretações de materiais antigos, mas como resultado de uma inspiração ou revelação momentânea, ou mesmo de um sonho. (SCHOLEM, 1972, p. 122)

Logo, a cabala jamais ficou restrita apenas ao conhecimento que era cultivado pelas gerações, pois era praticada de forma secreta e durante o tempo estava dividindo-se em várias correntes que muitas vezes compreendiam-na de formas completamente diferentes; contudo, a chamada “iluminação” foi muito importante, vários escritos afirmam; as experiências com o divino direcionavam alguns seguimentos do cabalismo, como ocorreu com Isaac Hacoheh, que afirmou: “em nossa geração há poucos, aqui e ali, que recebem a tradição dos antigos... ou que receberam a graça da Inspiração divina”. (SCHOLEM, 1972, p. 122). Ainda segundo Scholem (1972), nesse momento era possível encontrar vertentes que encontravam-se restritas apenas à tradição e também aqueles grupos que estavam sendo guiados por inovações

decorrentes da iluminação ou sendo guiados pelas próprias opiniões através da vivência mística.

Mesmo no êxtase, o místico judeu quase sempre retém o senso da distância entre o Criador e sua Criatura. Esta se liga àquele, e o ponto onde ambos se tocam é do máximo interesse para o místico, mas ele não chega à extravagância de considerá-lo uma identificação entre o Criador e a Criatura. (SCHOLEM, 1972, p. 124).

Assim, a cabala pode ser dividida em duas correntes: a extática e a teosófica; na cabala extática há como princípio fundamental a iluminação, sendo seu maior disseminador Abuláfia; contudo, esta corrente cabalística não se tornou popular entre os aprendizes, diferente do que ocorre com a cabala teosófica, que se tornou destaque entre seus estudiosos... na opinião Idel (2012 p. 23), a corrente teosófica “pressupõe que a linguagem reflete a estrutura interna do reino divino, o sistema sefirótico de poderes divinos”.

Ainda segundo Idel (2012), nessa corrente chamada por ele de cabala teosófica, acredita-se que a linguagem reflete o arcabouço interno do reino de Deus, um sistema sefirótico de poderes divinos que através das atividades teúrgicas busca restaurar a harmonia no interior do reino terreno. Esse tipo cabalístico acredita que a linguagem tem função fundamental devido ao “excedente de significado” que há em todas as coisas. Essa corrente foi a mais divulgada no mundo e até hoje é disseminada largamente.

Exemplos da estrutura da cabala teosófica há em todas as coisas; acredita-se, neste âmbito, que, por trás de tudo que existe, há um esquema matemático com estruturas diversas. No entanto, haveria regras onde pode-se modificar a grande maioria destas estruturas. Tudo e todas as coisas e até mesmo nossos atos coletivos e individuais encontrar-se-iam estruturados em esquemas matemáticos cabalísticos, onde a partir do nome próprio de cada coisa no idioma hebraico representaria uma estrutura numeral e simbólica, criada e existente.

O estudo destes esquemas cabalísticos tem influenciado diversos sábios através dos tempos. Um arquétipo da vida passou a ser estudado para explicar o funcionamento e a utilidade do mundo e das coisas; o poder criador *revelou-se* e *personificou-se* na *Árvore da Vida*, que é representada por dez sefirot que simbolizam os mundos interligados da criação. Estes mundos também representam dez níveis de consciência humana, nas quais o homem pode migrar de um para outro, elevando-se ou decaindo.

A cabala como meditação e estudo passou a ser aprendida através do método chamado havruta, que quer dizer companheirismo, dando origem ao que conhecemos hoje como escola de cabala. Originalmente, este *companheirismo* era formado apenas de duas pessoas estudando juntas, que em geral eram o mestre e seu discípulo. Com o tempo, o método desenvolveu-se e muitas pessoas passaram a estudar juntas em um mesmo ambiente, porém sempre em duplas, com um único mestre presente. Este modelo de havruta deu origem às escolas judaicas que conhecemos hoje com os nomes de: Beit Sefer, Beit Midrash e Yeshiva.

A Beit Sefer é uma espécie de escola primária e a Beit Midrash uma escola secundária ou superior. Já a Yeshiva é uma espécie de faculdade com níveis de ensino e aprendizagem elevados.

A educação judaica sempre foi relacionada à Bíblia e literaturas históricas religiosas israelitas, assim como o Talmud, Midrash, Cabala, Marrozor e outros. Cada literatura e assunto é estudado separadamente. Ao final de cada lição há uma literatura complementar relacionada ao tema em estudo. Este modelo de leitura foi inserido nas sinagogas judaicas ao ler um capítulo da Torah e a seguir complementa-se com a leitura de uma parte dos Neviim (profetas). Ao término da leitura da Torah e dos Neviim, um mestre ou ancião comenta sobre o assunto. Isto deu origem ao sermão, pregação, comentário e explicação no estudo judaico.

A cabala passou a ser o modelo pedagógico nas diversas instituições judaicas e também influenciou outros povos e religiões, tanto pelo seu método de Havruta, como pelo seu vasto grau de matérias estudadas.

Devido às influências astrológicas, matemáticas, medicinais, geográficas, entre outros conhecimentos, a cabala passou a ter um *status* de alto grau de conhecimento, em que somente através de anos de estudos poderia-se alcançar o seu nível elevado.

Além da teoria cabalística de que a criação representa-se por dez sefirot (mundos) interligados entre si, vários conceitos surgiram aprimorando assim o entendimento da filosofia da cabala. Com o tempo, entendeu-se que as dez sefirot significam também os dez órgãos importantes do corpo humano, surgindo o conhecido Adon Kadmon, figura antiga cabalística representada pelo desenho do corpo humano com seus órgãos interligados.

Várias simbologias foram adaptadas ao estudo da cabala, surgindo símbolos que representam profissões, que representam fé e outros que representam missão. As cores foram

inseridas aos símbolos, dando-lhes aspectos espirituais e energéticos. Muitos dos símbolos foram produzidos em bronze, ferro e pedras, para que tivessem longa duração.

Dentre vários costumes cabalísticos importantes, destaca-se o de evitar a distração com o objetivo de manter o foco no objetivo desejado. Com isto, foi introduzido nas sinagogas judaicas e principalmente em comunidades ortodoxas, uma divisória, parede ou cortina, que separa homens e mulheres durante as rezas; costume que dura até os dias de hoje. Em tese, isto funciona porque facilita a concentração, seja nas leituras, nas explicações, nas rezas.

Como mecanismo de autoconhecimento e autoiluminação, a cabala leva as pessoas à autoanálise, reflexão e equilíbrio. Com o uso de cores, símbolos e ritos, a cabala intenta permitir uma introspecção espiritual que resulta em pensamento positivo, ativando nas pessoas os *transmissores* e *receptores* adequados para troca energética necessária ao próprio equilíbrio pessoal.

Deus na cabala não é uma figura religiosa, sendo pura causa criadora de todas as coisas que emana constantemente vida em abundância e não há nada desligado Dele.

Desta forma, a cabala torna-se uma espécie de técnica que capacita as pessoas a obter equilíbrio emocional através da meditação, prática relacionada à maneira de vestir, comer, beber, lavar as mãos, aproximar-se das pessoas e se relacionar.

A importância de cálculos é de grande valor na cabala, visto que em tudo que existe, para ela, há uma série de números, os quais revelam a identidade particular dos seres.

A cabala também pode ser usada como terapia complementar à saúde mental, que no judaísmo é conhecida como *yehidut*: trata-se de uma consulta particular com um rabino com o objetivo de obter orientação no tocante a crenças ou procedimentos.

Um dos rabinos cabalistas de destaque da chamada era atual – a de expansão do conhecimento cabalístico – foi Philip Berg, o responsável pela fundação da Academia de Cabala em Jerusalém, a qual se difundiu pelo mundo e hoje existe na maioria das capitais mundiais um centro de cabala dela nascido.

A cabala conclui que evoluir é apenas o perfeito entendimento destes códigos através dos quais podemos inovar, renovar e criar coisas que em um certo momento podem estar ocultas ao nosso entendimento, mas que serão reveladas.

Podemos concluir que a cabala está organizada por matérias, cálculos, aulas, cores, símbolos, mensagens, meditação, teorias e práticas diversas, resultando em um complexo sistema, o qual nos eleva ao estado da busca e *recebimento* revelador para que possamos compartilhar conhecimento e boas obras visando o equilíbrio dos seres.

CAPÍTULO III – METODOLOGIA DE PESQUISA

3 METODOLOGIA

Utilizou-se como metodologia de pesquisa a etnografia, pois é um método qualitativo que busca compreender, através de diferentes técnicas interpretativas, os fenômenos socioeducacionais que ocorrem durante as aulas de cabala. Procurou-se tornar claro o que ocorre no ambiente que o objeto de pesquisa encontra-se inserido. Essa investigação permitiu compreender o que acontece nas aulas de cabala, e a partir dessa averiguação identificou se existe algo de inovação pedagógica ou não nesse processo de aprendizagem. É importante ressaltar que a pesquisa de campo, no contexto social que a etnopesquisa foi aplicada e direcionada com um olhar crítico próprio do etnopesquisador, além de não seguir padrões rígidos, pois pretendeu captar a realidade que ocorre no ambiente que foi investigado baseando-se no que significa etnografia.

Mas o que entendo por etnografia da educação? Se mergulharmos na raiz etimológica da palavra (éthnos, “povo”+ gráphein, “descrever”+ ia), em princípio, etnografia significa escrita, uma descrição de... Mas como o leitor verá, procuro ultrapassar esta visão restritiva, dando-lhe um cariz mais abrangente, entendendo-a essencialmente como uma forma diferente de investigação educacional, naturalmente ligada à antropologia e à sociologia qualitativa, ou seja, em franca oposição aos paradigmas positivistas provenientes da psicologia experimental e da sociologia quantitativa. Na realidade, se há uma linha de investigação que a encara ao nível de uma técnica de descrição ao serviço de um método, outras há que a consideram antes um método ou então mesmo uma teoria... E por que não uma “perspectiva”, no sentido de que não esgota nem os problemas do método nem da teoria? (SOUSA, 2000)

A pesquisa etnográfica nasceu no final do século XIX, momento em que os pesquisadores entenderam a importância de seu olhar e do seu trabalho no campo, já que precisavam compreender e descrever esse meio como todas as complexidades dos grupos sociais estudados. A etnografia sempre foi usada pelos antropólogos, porque permite o estudo da realidade onde o objetivo encontra-se já ali inserido, permitindo que os diversos elementos sociais e culturais que compõe esses ambientes sejam analisados.

Assim, a etnografia está baseada na fenomenologia. A etnografia é caracterizada pelo estudo, compreensão do subjetivo e dos fenômenos em interligação, onde os *dados* da pesquisa são frutos dos métodos usados na observação. Por isso, é extremamente importante

que o pesquisador utilize uma linguagem acessível à realidade estudada, assim como enfatiza Macedo (2010).

A etnopesquisa consiste numa forma intercrítica de realizar pesquisa *antropossocial* e educacional, assim como os autores sociais constroem seu saber de uma forma ordenada, organizada e suas práticas sociais de forma concreta. De acordo com Fino (2011).

À etnografia [...] compete fornecer os meios para sondar, questionar, descrever e compreender as práticas pedagógicas enquanto práticas culturais fundadas na intersubjetividade do que aprendem e dos que facilitam a aprendizagem, no seio de uma instituição específica – a escola –, ou no seio da própria sociedade, além de implicar, também, o debate epistemológico sobre a validade do conhecimento obtido pelo seu intermédio. (FINO, 2011, p. 4).

A pesquisa, para ser denominada etnográfica, precisa, antes de mais nada, estar baseada na premissa de observações das ações humanas e suas interpretações, com o objetivo de gerar *dados* por meio da aproximação do ponto de vista que os participantes têm dos fatos; para conseguir captar esses *dados*, o pesquisador precisa analisar suas próprias ações, da mesma forma que analisa as ações dos objetos de pesquisa, com a finalidade de obter o máximo de conhecimento possível da situação estudada. Conforme Lapassade (1977), o conhecimento imediato da vida social ocorre através dos grupos sociais como a família, amigos, trabalho, escola.

Desse modo, a investigação do processo de aprendizagem dos alunos de cabala permitiu que o pesquisador mantivesse um contato direto e frequente com o ambiente de aprendizagem que foi investigado, permitindo condições nas quais pudesse construir e reconstruir os procedimentos técnicos utilizados durante a etnopesquisa, pois é uma metodologia que pode ser revolucionária na maneira como o pesquisador apreende/compreende/descreve/analisa os dados captados, os sujeitos e seu *locus*. Isso porque, qualitativamente, há mais que aproveitar-se assim, haja vista que a Educação é um processo humano, que perpassa uma cultura dada e suas características às vezes personalíssimas. Assevera Macedo (2010, p. 15) que para:

[...] a fenomenologia, a realidade é o compreendido, o interpretado e o comunicado. Não havendo uma só realidade, mas tantas quantas forem suas interpretações e comunicações, a realidade é *perspectival*. Ao colocar-se como tal, a fenomenologia invoca o caráter de provisoriidade, mutabilidade e relatividade da verdade; por conseguinte, não há absolutismo de qualquer perspectiva.

Não há dúvida que o método etnográfico é uma poderosa ferramenta para analisar melhor, qual através de um microscópio, o desenrolar de processos no âmbito educacional, sobretudo no seu aspecto pedagógico.

3.2 Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos dessa pesquisa são os aprendizes de cabala e seu ambiente de aprendizagem em interação com o Rabino Yossef Arbaim, no município de Petrolina, estado de Pernambuco, Brasil.

3.3 Locus da pesquisa

As aulas de cabala em foco ocorreram no município de Petrolina, Estado de Pernambuco, situado na Região Nordeste do Brasil, na Rua Curitiba, nº 190, depois em outra casa cujo número se desconhece, no bairro José e Maria, todas as sextas-feiras (no shabat), das 19 às 21 horas aproximadamente, depois todas as terças-feiras no mesmo horário, na residência do rabino Yossef Arbaim, com mais de uma década de rabinato. De acordo com o Wikipédia, Petrolina

Possui uma extensão territorial de 4 561,872 km², estando 244,8 km² em zona urbana e os 4 317,072 km² restantes integrando a zona rural. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, em 2014 sua população foi estimada em 326 017 habitantes, sendo o quinto maior município de Pernambuco e o segundo do interior pernambucano (...).

As lições cabalísticas em Petrolina começaram há mais ou menos 5 anos, e tinham sido transferidas de local de realização em virtude das mudanças frequentes de residência do rabino Yossef Arbaim, que geralmente ocorriam para lugares do mesmo bairro em casas alugadas. (Já ao final desta escrita, o Rabino e sua esposa conseguiram comprar uma casa própria.) Contam-se ali em cada oportunidade de estudo cerca de oito indivíduos.

3.4 As técnicas da pesquisa

Na pesquisa empregaram-se alguns instrumentos de coleta de dados, como: a observação participativa e a entrevista etnográfica e o diário de campo. Essas técnicas possibilitaram um levantamento de dados importante para pesquisa etnográfica proposta, com o objetivo de contar com dados suficientes para próxima fase da pesquisa, que é análise dos dados, avaliando que os etnometodologistas estão mais interessados na maneira com que as pessoas descrevem ou explicam o que está acontecendo no curso da interação, do que no que realmente acontece (ÁLVARO; GARRIDO, 2006).

Os mencionados instrumentos de coleta de dados são utilizados para compreender a realidade pesquisada, por isso é importante que o pesquisador esteja inserido no ambiente que investigado, com o intuito de vivenciar sua organização e como as relações são estabelecidas.

3.4.1 Observação Participante

O pesquisador participou das aulas como aluno do curso de cabala, portanto utilizou-se a observação participante ativa (MACEDO, 2010), tendo como instrumentos de coleta o diário de campo e as entrevistas etnográficas gravadas em áudio.

Segundo Ghedin e Franco (2011), para a observação participativa são necessários o preparo teórico, o alijamento de ideias preconcebidas, disposição para integrar-se a fundo no contexto pesquisado mantendo entretanto a visão do investigador, atenção à significância de detalhes e manejo a ponto de permitir que a naturalidade dos acontecimentos do ambiente pesquisado se mantenha.

O trabalho etnográfico de campo implica fundamentalmente a observação participante (noção que define ao mesmo tempo a etnografia em seu conjunto e as observações prolongadas feitas no campo ao participar da vida das pessoas) [...] um trabalho de interpretação dos dados coletados no decurso do trabalho de campo. (LAPASSADE 2005, p. 148).

A observação participativa é considerada imprescindível nos estudos etnográficos, já que permite que o pesquisador fique face a face com seu objeto de estudo. Esse tipo de

observação auxilia as descrições e interpretações de forma mais completa, quando se aproximam esses registros e as interpretações da realidade investigada.

3.4.2 Entrevista Etnográfica

Utilizou-se a entrevista aberta, avaliando que este tipo de entrevista permite que ocorra o encontro entre os atores sociais e o investigador, que procura compreender a realidade estudada. A entrevista aberta possibilita que ocorra uma maior liberdade e flexibilidade na formulação de perguntas, trazendo maior possibilidade de ampla compreensão do pesquisador diante da realidade estudada e permitindo que os atores sociais tragam a realidade que vivenciam de forma profunda, contando suas experiências na comunidade. Para Macedo, a “condução de uma entrevista vai depender muito dos pressupostos que o pesquisador traz para o ato de pesquisar” (MACEDO, 2010, p.106). Desse pressuposto, Macedo afirma que o momento da entrevista:

[...] se trata de um encontro, ou uma série de encontros, [...] entre um pesquisador e atores, visando a compreensão das perspectivas que as pessoas entrevistadas têm sobre sua vida, suas experiências, sobre as instituições a que pertencem e sobre suas realizações expressas em sua linguagem própria [...]. (MACEDO, 2010, p.105).

A entrevista aberta é forma de investigação, que procura compreender a vivência das pessoas e os significados, considerando que os fenômenos humanos apresentam um significado que é culturalmente construído, o que permitirá que o entrevistado possa expor exatamente o pensa e como vê a sua realidade.

3.4.3 Imagens

As imagens deveriam permitir que o investigador conhecesse de forma detalhada o ambiente pesquisado, no qual poderia ser analisado como os indivíduos utilizam os espaços e especialmente como desenvolvem as suas atividades no cotidiano. A imagem por meio da fotografia pode ser considerada uma forma de expressão e um modo de mostrar visualmente a diversidade cultural de um contexto, podendo ser uma ferramenta importante para reproduzir

as vivências expressadas pelos indivíduos. No entanto, quando o pesquisador estava fotografando, o Rabino fazia pose e os aprendizes sentiam-se incomodados, perdendo assim a naturalidade do acontecimento. Desta forma, para buscar trazer os dados mais reais possíveis, escolheu-se não fazer registros fotográficos durante as aulas de cabala. Para Kendall, “as fotografias são imagens com certeza, mas não são comuns. Elas são fotos através do qual vemos o mundo” (KENDALL, 1984, p.11).

3.5 Ética na pesquisa

O pesquisador precisa tomar alguns cuidados quando faz estudo que envolva os seres vivos, considerando que a dimensão ética é essencial em qualquer pesquisa, pois é necessária às relações de convivência entre os seres, é fundamental respeitar os direitos das pessoas desejarem ou não participar da pesquisa. Dessa forma a ética na pesquisa precisa nortear o trabalho do pesquisador em todos os momentos.

Na opinião Gauthier (1987), a ética perpassa durante todo procedimento investigativo. Desde o momento da escolha do tema, da definição dos sujeitos pesquisados, dos instrumentos que serão utilizados para colher as informações, análise dos resultados, conclusões, principalmente, como essas informações serão divulgadas, sem expor de forma alguma o sujeito pesquisado. Dessa forma, o pesquisador precisa estar comprometido verdadeiramente com os sujeitos que confiaram nele.

Durante a investigação científica, o pesquisador precisa estar sempre atento aos direitos dos entrevistados, se esses desejam ou não participar da pesquisa, zelando pela preservação da identidade de todas as pessoas envolvidas, à veracidade das informações, às implicações sociais, políticas e religiosas da pesquisa, os sujeitos da pesquisa precisam aderir “voluntariamente aos projetos de investigação, cientes da natureza do estudo e dos perigos e das obrigações nele envolvidos” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 75). Baseado na ética, antes mesmo de definir o tema de pesquisa, o pesquisador solicitou autorização do Rabino e de cada aluno, explicando o teor e a motivação da pesquisa, no qual todos concordaram, deixando claro que todas as identidades seriam preservadas e a pesquisa não traria nenhum prejuízo a nenhum deles.

CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO DOS DADOS ENCONTRADOS

4. Apresentação dos dados observados no *locus* de pesquisa

Este capítulo apresentará os dados que foram levantados com o objetivo de atingir os escopos que direcionaram esta pesquisa. Para o desenrolar deste estudo, utilizou-se de técnicas metodológicas como: a observação participante, a entrevista aberta e análise de documentos, pois essas técnicas juntas permitiram que o pesquisador obtivesse descrições e interpretações de forma mais completa para compreender a realidade investigada, comungando com que afirma Lapassade (2005), que a observação participante possibilita o estudo de valores, normas e categorias inerentes aos grupos investigados, contribuindo para melhor conhecê-los. Dessa forma, o autor contribui na compreensão da relevância da observação participante como um instrumento que permite ao pesquisador um contato direto com a realidade investigada, fazendo com que o mesmo mergulhe profundamente nos fenômenos vivenciados pelos atores sociais, trazendo assim para a pesquisa dados diretamente ligados à realidade vivenciada.

Neste estudo, a observação participante possibilitou a análise de diversas situações, na busca da percepção do posicionamento dos sujeitos no ambiente de aprendizagem de cabala, suas relações com a cultura e a comunidade.

4.1 Os dados da observação participante

A observação no *locus* dessa pesquisa iniciou em 22 de outubro de 2016. As aulas custam de cem a duzentos reais por mês para o pesquisador. A autorização para a feita dessa pesquisa ocorreu com a condição de que para que o pesquisador frequentasse as aulas de cabala, precisaria fazer um curso paralelo de hebraico e cultura judaica, para que, assim, pudesse ter uma compreensão melhor do conteúdo estudado. Durante toda a observação, os atores sociais serão identificados pela inicial de cada nome, como uma forma de preservar suas identidades.

Figura 01 – Frente da casa onde ocorriam as aulas no início da observação participante



A casa está localizada na Rua Curitiba, nº 190, Bairro José e Maria, Petrolina – PE.

Figura 02 – Entrada para o Quintal



Nessa figura pode-se observar um corredor de permite a entrada até o quintal.

Figura 03 – O quintal onde ocorriam as aulas no primeiro ambiente de aprendizagem observado



Nessa imagem, pode-se vislumbrar o quintal no qual ocorriam as aulas. O pesquisador resolveu tirar as fotos durante o dia, pois assim permite-se maior visibilidade. As cadeiras em que sentavam os aprendizes e o Rabino ficavam dispostas geralmente em círculo.

4.1.1 Observação do desenvolvimento da prática de ensino do Rabino

Neste subitem serão apresentadas as práticas de ensino do Rabino durante as aulas de cabala; no entanto, antes é imprescindível uma abordagem teórica, fundamentada na literatura vigente sobre a prática pedagógica.

Enquanto na pedagogia tradicional prevalecem como metodologia as aulas ministradas com o objetivo de encher os alunos de conhecimento, para que eles sejam capazes de memorizar e reproduzir o que professor trouxe de conhecimento, a prática pedagógica inovadora tem como objetivo principal promover e facilitar o caminho para que os aprendizes sejam capazes de construir seu próprio conhecimento através da reflexão crítica e autocrítica. Conforme Fino (2001, p.291) “na mente de cada aprendiz, podem ser exploradas ‘janelas de

aprendizagem’ durante as quais o professor pode actuar como guia no processo da cognição até o aluno ser capaz de assumir o controle metacognitivo”. Diante dessa visão, nota-se a importância que a postura do professor tem na construção do conhecimento e quanto é determinante para o desenvolvimento da aprendizagem.

1ª Aula de Cabala (22/ 10/ 2016)

Ocorreu a Festa da Cabana antes de eu chegar no ambiente de aprendizagem propriamente dito. O Rabino estava alcoolizado – e, apesar disso, dava sermão ao discípulo F porque este vivia pelas ruas caindo alcoolizado e as pessoas questionavam por que um membro de sua comunidade se comportava assim. Uma das frases do Rabino a F foi: “Forme uma família, seja com homem ou com mulher!”.

O Rabino iniciou sua aula falando do dinheiro e de como ele move mesquinamente as relações humanas. Deu como exemplo disso a medicina, que, segundo ele, era mercenária e movida mais pelo ganho e pelos interesses da indústria farmacêutica do que pelo desejo de curar. Exemplificou igualmente com o cristianismo que, segundo ele, estava sendo movido não pelos ensinamentos de Jesus, mas pelo dinheiro.

Ele disse que várias vezes foi chamado de *louco* por sair do modelo preestabelecido para um Rabino, principalmente no que diz respeito ao arquétipo dos rabinos ortodoxos, quanto ao seu comportamento. Mas que não se importava.

O ambiente era um quintal da periferia, com varais de roupa e velharias, com cadeiras dispostas em círculo no chão (em terra), onde se degustava vinho e pão com azeite e sal. O Rabino estava fumando e, em determinado momento, o pesquisador solicitou autorização para tirar uma foto dele. Ele então disse: “Peraê!” (corruptela de “Espere aí!”), jogou fora o cigarro, fez pose de fotografia. Diante disso, percebe-se que as fotografias tirariam a naturalidade do ambiente e prejudicariam a observação dos dados, pois, em outros momentos, o Rabino, nas conversas iniciais que tivemos para que fosse autorizada a frequência e observação às aulas, quando eu chegava sempre pedia para a sua esposa arrumar a casa, se vestir melhor etc.

Apesar dos aprendizes termos o direito de falar e questionar, brincar e até criticá-lo caso quiséssemos, a aula foi centralizada em seu discurso. Além do pesquisador, estavam presentes também o aprendiz F e D.

Percebe-se que o Rabino tentava justificar seu comportamento naquele momento, pois encontrava-se alcoolizado e fumando; contudo, ao mesmo tempo que o Rabino informa que não segue padrão preestabelecido, ocorre o momento em que foi tirar uma foto, jogou o cigarro fora e pousou para mesma; fez críticas ao seu discípulo sobre o alcoolismo, no entanto o próprio estava alcoolizado.

2ª Aula de Cabala (28/ 10/ 2016)

A aula iniciou com degustação de vinho, oração do Rabino para abençoar pão e sal. Depois, ele começou com uma fala: “Obedecer uma regra sem compreender a finalidade dela, não saber por que se está obedecendo, não é importante. Eu não acredito nesse tipo de judaísmo. O conhecimento religioso pode impor limites às pessoas”. A partir daí ele disse que era rabino de todas as linhas judaicas, mas também que não era de nenhuma. Todos estávamos sentados (o pesquisador, o rabino, F e D), em círculo, no ambiente do quintal da casa que ele morava nos fundos de uma propriedade.

O Rabino explicou o significado de Daniel, que chamou de “o bruxo dos bruxos”. Mandou comprar cervejas junto com D e distribuiu entre nós. Explicou que a reencarnação existe, pois acredita que a ressurreição era tomada, apresentada antigamente com o sentido de reencarnação – e que nem todos os judeus entendiam. Mas que a ressurreição no sentido de trazer um corpo à vida também existe para os judeus, mas ele não acredita nessa hipótese a não ser em casos raros.

Disse também que Deus é masculino e feminino e que na língua hebraica existem termos que expressam o feminino de Deus. Nesse contexto, disse que o homem é igual à mulher. E nesse mesmo contexto, como condenar a homossexualidade e a bissexualidade?

O Rabino desenvolveu a aula sempre perguntando a todos, solicitando refletíssemos e que elaborássemos uma resposta ou outras perguntas – para ele ou entre os próprios

aprendizes – até que todos chegassem a certas conclusões, mas ao final sempre passava a visão que tinha, que era uma interpretação no contexto do judaísmo. Segundo o Rabino a religião era um conceito bom, mas que estava em ressonância com o livre-arbítrio dos religiosos, que sempre tentavam explorar a ideia de pecado para melhor dominar.

Tomou-se mais cerveja e depois encerrou-se a aula, naturalmente terminando o assunto devido ao horário (todos tínhamos que voltar para casa; leva-se em conta o perigo da rua, os afazeres do dia posterior, os laços de família e seus questionamentos etc). Ele não *terminou* oficialmente a aula.

Durante a aula percebe-se que a discussão sobre os conceitos de homossexualidade e de bissexualidade provocou debate acalorado entre os aprendizes e os fez refletir sobre os temas. Observa-se que as aulas são sempre regadas a álcool.

3ª Aula de Cabala (04/ 11/ 2016)

Nessa aula foram apresentados dois aprendizes que participavam da turma do Município de Petrolina, J e G; o interessante foi que um deles, o G, era antigo frequentador da Igreja Evangélica e trazia consigo costumes e opiniões que destoavam dos modos judaicos. O aprendiz J informou ao Rabino que uma rádio queria fazer uma entrevista com ele, quando G falou ao Rabino que ele deveria melhorar a aparência, parar de beber e de andar bêbado pelo bairro. “O pecado é você se privar de certas coisas para agradar os outros”, respondeu o Rabino.

A partir daí, estabeleceu-se uma discussão entre J e G, que defendiam a mudança de postura do Rabino, e D, F e o Rabino, que não queria mudar para agradar ninguém e a partir daí arrebanhar seguidores. Foi num desses instantes que ele resolveu que o tema da aula seria o apego às aparências. Falou que vários profetas foram estigmatizados em virtude de sua aparência, que a meta da vida era a felicidade, que se resumia na paz da consciência, e que era impossível a pessoa ser feliz e ter paz só tentando agradar os outros.

Então estabeleceu-se uma discussão onde D e F sustentavam que parar de beber para agradar seria “ficar como os crentes hipócritas, pois do que adiantava se fazer de santo?” e J e

G que queriam e argumentavam a favor de que o Rabino precisava não só melhorar a aparência mas também mudar para uma casa melhor a fim de inspirar confiança.

A aparência do Rabino: sempre usa roupas que demonstram sua quase inexistente vaidade quando em casa, mas, em eventos, coloca não raro um terno e se veste melhor; quem olha para ele, a julgar como o faz normalmente o vulgo, diz que ele é um homem sem cultura, o que se desfaz após algumas horas entabulando diálogos com ele, quando se percebe que o Rabino possui largos conhecimentos de cultura judaica, medicina, filosofia e fala alguns idiomas como grego, hebraico, inglês e espanhol.

Durante esse encontro bebeu-se muito vinho e cerveja. A aula acabou, de novo, sem que ele anunciasse isso – e os demais aprendizes não perceberam, mas estavam aprendendo sobre o tema, pois para eles tudo não passou de uma discussão apaixonada de onde saíram com um misto de irritação e, para J e G, decepção com o Rabino, que deixou claro que não mudaria de postura.

Observa-se que a aula foi direcionada pelas circunstâncias a discutir a necessidade de ampliar o número de aprendizes, e, para isso acontecer, de acordo com parte dos aprendizes, o próprio Rabino precisaria mudar sua postura, pois na opinião deles o Rabino não passava confiança, fazendo com que as pessoas questionassem seu conhecimento, com o que o Rabino discordou junto a parte de seus aprendizes, pois acredita que não precisa mudar, porque é feliz da forma que vive e não nasceu para agradar apenas.

4ª Aula de Cabala (18/ 11/ 2016)

O Rabino fez a bênção do pão, do vinho, do azeite e do sal. Todos os aprendizes participaram, estavam sentados em círculo: o pesquisador, G, F, D e J. O Rabino pergunta: “Vocês querem que a aula seja sobre o que hoje?”. Todos calam. O pesquisador sugeriu discutir sobre “sexo”.

O Rabino então discorre sobre o mal: que o mal depende do ângulo de visão: o que é mau para uns, para outros não é. Sobre a salvação: o tema tem sido utilizado para dominar as massas através do medo, mas é Deus quem irá decidir, segundo seus critérios justíssimos

sobre o futuro de todos; e, se sofrem agora, depois dessa encarnação, haverá outras para refazer os enganos. Sobre a religião: uma criação humana para satisfazer às necessidades espirituais dos seres humanos, mas que vem sendo manipulada de acordo com os interesses dos religiosos dominantes. Sobre a Torá: uma lei sábia mas feita para um povo num tempo, lugar determinados; há leis na Torá que são civis, outras divinas – as civis são adaptáveis e adaptadas. As pessoas querem regular a sexualidade baseadas em leis civis antigas, adaptadas a povos nômades e sem informação, com conhecimento restrito, cujos dominantes queriam coibir qualquer insurgência contra eles; é Deus quem julga a sexualidade, e, como já foi discutido na aula anterior, agrega a natureza masculina e feminina; o Rabino então se diz um professor (os rabinos não são sacerdotes, mas professores) progressista – e fala que os judeus, por onde vão, respeitam as leis do país onde estão; termina dizendo (reforçando) que cada um gosta do que gosta, e que a homossexualidade e a bissexualidade não são pecados.

A metodologia da aula foi escorrendo no mesmo estilo, com o Rabino questionando e deixando questionar e perguntando depois em cima das colocações dos aprendizes até chegar às conclusões acima. De certa forma as conclusões são dele, e chocam os membros, como G (de tradição protestante). O interessante mesmo após todas as discussões é que observa-se que sempre prevalece a opinião do Rabino, independente dos aprendizes discordarem ou não.

Uma frase do Rabino me chamou a atenção: “Cabala vai além de religião, além das regras”.

Dando acesso ao quintal onde ocorrem as aulas, há um corredor que leva à casa do Rabino e outro quartinho em frente. Sempre há pessoas entrando livremente para tratar de outros assuntos com outros moradores (trata-se de um bairro de periferia).

Observa-se que os aprendizes têm tradições cristãs bem arraigadas, pois falam de cristianismo e tentam fazer um paralelo entre os ensinamentos do Rabino e a doutrina cristã a todo tempo, inclusive para julgá-lo como confiável ou não, com exceção de F, que parece entre os aprendizes o mais imbuído das doutrinas judaicas – aliás, dentre os aprendizes, F é o único que se autodenomina judeu religiosamente falando (porque, segundo o Rabino, judaísmo é uma concepção que envolve raça, filosofia e religião). A aula terminou quando foram esgotadas as discussões.

5ª Aula de Cabala (25/ 11/ 2016)

A aula começou apenas com o aprendiz F e o pesquisador. O Rabino abençoou o pão, o azeite de oliva, o vinho e o sal. Durante a bênção, chegou J. O Rabino informou que a aula dele iria ser para arrematar o assunto da aula anterior. Disse então que o nome de Jesus (Yeshua, em hebraico = Deus salvador) tinha sentido, inclusive, quanto a isso. Lembrou que Yavé, de onde deriva Jesus, significa “sou o que sou” – e não define nem masculino nem feminino; mas que, como havia explicado, há nomes de Deus que indicam naturezas femininas e masculinas. Perguntou então quantas vezes os aprendizes viram na Bíblia Jesus discriminando homossexuais e bissexuais. O pesquisador falou sobre o caso entre Jônatas (provavelmente homossexual) e Davi (bissexual), cujo amor é descrito na Bíblia. J se chocou com a colocação e falou que era um amor de amigo. O rabino confirmou que era uma relação sexual – e que Davi chegou a dizer que o amor de Jônatas, para ele, era mais caro que o das mulheres.

Cada um, portanto, pôde falar livremente, sem que as opiniões contrárias às do Rabino fossem tidas como avessas às regras. Havia um movimento claro do Rabino em tirar da zona de conforto os aprendizes. Ao final, quando todos foram embora, o Rabino chamou o pesquisador para dizer que J e G haviam ligado para ele para falar que ele não deveria apoiar essas ideias de homossexualidade em público, que isso era prejudicial à imagem dele e que essas ideias não eram condizentes ao judaísmo; O Rabino afirmou a J e G que o judaísmo é formado por várias vertentes, não só a ortodoxa; que vários judeus aceitam e outros tantos condenam a homossexualidade e que ele estava entre aqueles que aceitavam; ele argumentou que Israel não discriminava os homossexuais e que nos Estados Unidos, por exemplo, a maior parte da comunidade judaica era progressista.

Houve um período de interrupção das aulas entre 16/12/2016 e 13/01/2017; no dia 16/12/2016 o Rabino foi para a diplomação do novo prefeito de Petrolina – e os estudos não acontecem sem ele; no dia 23/12/2016 ele foi para a sua cidade natal visitar a família; no dia 30/12/2016, sendo véspera de fim de ano, não houve aula porque o Rabino estava comemorando. Dia 31/12/2016 viajei de férias pré-programadas de trabalho, retornando apenas no dia 15/01/2017.

O aprendiz J, que é divorciado e machista, adicionou o pesquisador no Facebook e passou a paquerá-lo, inclusive enviando fotos de seus órgãos sexuais. Claro, a investida foi negada, e, talvez por este motivo, J se tornou gradativamente menos frequente ao círculo de aulas de cabala estudado.

6ª Aula de Cabala (20/ 01/ 2017)

Quando chegaram os alunos – o pesquisador, F e N (esposa do Rabino, que agora começou a frequentar as aulas; observa-se que a esposa do Rabino é extremamente sincera e sem papas na língua; gosta de beber tanto quanto o marido), o Rabino fez a cerimônia do *shabat* abençoando o pão e o vinho, o azeite e o sal.

Em seguida, todos ainda com copos de vinho na mão, o Rabino anunciou os temas da aprendizagem de cabala de hoje: a desconfiança e a comunicação dos espíritos. Sempre falando, deixando que perguntassem e se expressassem os aprendizes quando quisessem, sobre a desconfiança, disse que ela é um direito. Que o modo de lidar com a desconfiança é a referência; através da referência, nas relações sociais, podemos lidar com a desconfiança.

Já a respeito da comunicação com os espíritos, ele disse que psicólogos, psicanalistas, tratam do espírito, e que religiosos também, só que cada um com uma técnica diferente.⁶ O espírito teria muito a ver com a cabala, pois quem pensa é o espírito, e o pensamento é o *recebimento*⁷ vindo de Deus das ideias, portanto também cabala. A mente seria capaz de contactar-se com Deus, com os anjos e com todos os espíritos que existem; a prática dessa conexão tornaria cada vez mais a pessoa a hábil a comunicar-se com esses 3 tipos de entes, o problema é que não se pratica tanto quanto deveria. A telepatia é uma comunicação espiritual – e na cabala existem 50 portais espirituais. Formas de se aprimorar nossa capacidade de se comunicar com os espíritos são a meditação e o relaxamento, entre outros. A Bíblia proíbe a comunicação com os espíritos dos mortos porque na época em que foi escrita o povo era rude

⁶ Aqui eu percebi que o Rabino estava fazendo alusão a mim, talvez para me agradar (sou psicanalista).

⁷ Lembrando que Deus é uma conjectura filosófica, não uma realidade científica, motivo pelo qual, se o cabalista “recebe” alguma coisa, não estaria recebendo de si próprio?... Eis porque o verbo não vai de encontro à inovação pedagógica.

e até hoje também existe o perigo de a pessoa não voltar e permanecer mentalmente em outra dimensão (o Rabino deu o exemplo de um arma, que para utilizá-la a contento deve-se saber como e o que fazer, em comparação a este perigo). Vários judeus praticaram a comunicação com os espíritos, como Moisés, Jesus e Saul. As outras religiões dizem que a comunicação com os espíritos não existe porque desejam dominar seus fiéis, pois quem se comunica com os espíritos possui um saber a mais indesejado pelos dominadores e desenvolve a sua espiritualidade. Essa relação pode acontecer de várias formas, como no corpo ou fora dele (quando a pessoa dorme, sai do corpo), através da intuição, um sinal, uma aparição etc. Os espíritos podem ser bons ou ruins, cabendo a nós distingui-los (para nos salvaguardar, devemos conhecer o bem e o mal). Muitas pessoas que se comunicam com os espíritos dão lições aos outros, mas quando os espíritos dão lições para elas, elas não ouvem. Quando recebemos qualquer comunicação espiritual endereçada a alguém, temos que entregar, pois se acontecer alguma coisa com o destinatário porque não entregamos a mensagem, teremos culpa perante o mundo espiritual. O corpo espiritual é o corpo teofânico. Os espíritos dos homens estão ligados ao corpo teofânico pelo cordão de prata, espécie de laço que liga o corpo e o espírito.

Neste momento da aula, a esposa de G chegou com ele; ela é protestante e percebi que o Rabino filtrou o seu discurso com a chegada dela, a fim de não granjear uma inimiga das intenções de G em converter-se ao judaísmo. A partir daí, as divagações místicas se tornaram mais terra-a-terra, até partir para a conversa informal sobre coisas do dia a dia. O Rabino, durante a aula, trouxe algumas frases que levaram a discussões, como: “Deus é o oleiro, nós somos o barro – não adianta dizer o contrário”; “nós não precisamos de religião, precisamos de Deus” e “céu e inferno são estados de espírito”.

Observa-se que mesmo o Rabino frisando durante os encontros que não se importa com o que os outros pensam a respeito dele e de como conduz suas aulas, toda vez que aparecem pessoas como a esposa de G – que podem influenciar a composição de seu grupo de adeptos, o discurso dele é modificado e fica mais ameno para não chocá-las e conflitar com seus interesses.

Foi realizada a cerimônia do shabat, quando o Rabino abençoou o pão e o vinho, todos beberam e comeram; em seguida foram todos para a porta da sua casa para a aula. Nesse encontro estavam o pesquisador, F, N e o Rabino.

O Rabino informou que o tema seria prosperidade. Falou do dinheiro que entra nas religiões – o que mantém o interesse dos comandantes delas e toda a estrutura de poder formada a partir daí. Disse que acessando os 50 portais cabalísticos seria possível alcançar a prosperidade – e que ela não significava necessariamente o progresso material, mas aquilo que cada indivíduo entenda como tal no sentido de sentir-se feliz com o desenrolar da vida. O pesquisador perguntou quais seriam esses 50 portais, ele desconversou, perguntando: “quais você acha que são?” e aduzindo: “não darei respostas prontas, cada aluno tem que seguir seu caminho espiritual na cabala diante de sua busca”. Então ele falou que José viu num sonho uma escada com 10 degraus e que esses degraus são os 10 mundos da Árvore da Vida. Ele disse o nome dos mundos na Árvore da Vida e comentou que iria explicar melhor numa próxima aula. F apenas anuiu e reforçava o que ele dizia, mas os aprendizes não eram impedidos de se expressar.

“O céu é agora. O cabalista pensa que Deus está aqui e agora, que temos que viver bem aqui e agora. Fazer o bem aqui e agora.” (Rabino). Criticou as igrejas, que pregam um céu distante, para onde só se pode ir caso se faça o que elas pregam. Frisou que nenhuma bênção judaica é para o mundo do futuro, mas para o agora. Ainda sobre os portais – aqui percebi que o Rabino queria atizar a nossa curiosidade – ele disse que cada um pode criar os seus portais cabalísticos, pois eles estão na mente de todos. Os portais podem ser abertos por “chaves” e “machados”; as “chaves” advêm do conhecimento, o “machado” é a fé (como a colocar na ideia de machado uma abertura abrupta, que envolve certo esforço e força no sentido de arrombar a porta). Segundo o Rabino, os cristãos usam muito o “machado”, mas os portais cabalísticos devem ser abertos e fechados – e os “machados” escancaram os portais. (Notei que o Rabino estava de bermuda, sandálias de plástico e camisa simples, desprovido de cerimônias.) Ele frisa que não quis dizer que os judeus não utilizam a fé, mas que no judaísmo há uma valorização do conhecimento. A fé acessa, mas o conhecimento dá a ferramenta para acessarmos os portais e lacrá-los quando bem entendermos, oferecendo-nos assim maior liberdade no domínio da técnica. Assim, para se utilizar os portais cabalísticos no sentido de se atingir a prosperidade, devemos levar em conta a saúde, o dinheiro, os amigos, a noção individual e coletiva de felicidade etc. G e a esposa chegam. G leva a esposa para que ela não

fique com ciúme de suas idas às aulas sozinho – ela deve ficar desconfiada porque o Rabino bebe, fuma – e ela é evangélica (mas a esposa de G não é uma aluna do curso de cabala).

Ainda sobre a prosperidade, o Rabino falou que no Hebraico não se conjugam os verbos ser e ter, pois só Deus é quem *tem*. Assim, prosperidade, segundo seus ensinamentos, é empréstimo de parte do usufruto de Deus. Noto que, depois que G e a esposa chegam, a aula não se alonga muito – primeiro porque eles quase sempre estão atrasados, depois porque se o Rabino desagradar a esposa de G, ele não virá mais para as aulas. Percebe-se que o Rabino tenta conter suas opiniões e encerra logo as aulas, é importante salientar que o mesmo se preocupa em perder o aluno tanto devido ao retorno financeiro quanto também pelo desejo de ampliar sua turma e passar seus ensinamentos.

Observa-se durante esses encontros que o Rabino é uma figura de muita inteligência, sabedoria, permite a reflexão, contudo, não permite que o aprendiz construa o conhecimento; está preocupado em transmitir sua visão do judaísmo; realmente é uma aula diferenciada, mas até o momento não apresenta sinais referentes à inovação pedagógica: há uma centralização em demasia na figura do professor, possibilitando a construção coletiva muito menos do que o esperado numa situação pedagógica inovadora.

8ª Aula de cabala (17/ 02/ 2017)

Nesta aula, estavam presentes o pesquisador, F, N e o Rabino. Yossef Arbaim explicou vagamente a respeito da Árvore da Vida. Deus criou 10 mundos, simbolizados na Árvore da Vida pelas 10 zefirá (no singular, zefiroth). Cada mundo representa um estado de evolução no ciclo do Universo; esses são mundos energéticos, não são planetas. Cada zefiroth é regido por um anjo; cada pessoa está num desses estados de consciência chamados zefirá, assim como cada coletividade; desse modo, cada pessoa e cada coletividade é regida por um anjo também. Há igualmente em cada zefiroth uma cor predominante, um signo que a representa, órgãos corporais onde as zefirá estão imantadas etc. Um dos modos para saber qual o anjo da guarda que nos rege e em qual das zefirá está a nossa consciência é através da data de nascimento. Meu anjo da guarda, segundo o Rabino, é Gabriel. Segundo o Rabino disse nesta aula, para ser judeu não é necessário ter sangue judeu, mas praticar o judaísmo.

O Rabino desenvolveu a aula da seguinte forma: trouxe a Bíblia na mão, e fez a todos os aprendizes perguntas sobre o tema (Árvore da Vida); todos respondiam segundo o entendimento de cada um. F respondia mais corretamente, pois ele já é judeu praticante – percebe-se que a resposta estava certa porque o Rabino confirmava. Quando erravam, o Rabino fazia outras perguntas até que, ao não chegar ao ponto em que ele queria, dava a resposta, ou, se os aprendizes dessem a resposta que ele considerava correta, pedia para que a justificasse. Durante esse encontro percebe-se que o Rabino permitiu que os alunos refletissem sobre o tema, contudo, ele direcionava os aprendizes à luz do judaísmo.

9ª Aula de cabala (24/ 02/ 2017)

Essa aula iniciou-se com a presença do pesquisador, F e o Rabino. O Rabino fez a cerimônia do shabat abençoando o pão, o vinho, o azeite e o sal. Todos beberam e comeram. Logo em seguida, o Rabino começou a falar da sua experiência em São Paulo. Quando solicitado a informar sobre o que seria a aula, o mesmo respondeu que seria sobre “simbologia e abertura de portais”.

Segundo o Rabino, a simbologia é de suma importância na vida das pessoas: está muito presente nas religiões, nas relações sociais em geral. Continuou dizendo que a simbologia dá corpo à ideia, que a simbologia é a representação física da ideia. Aduziu: o símbolo está ligado à mente (a foto de meu pai e minha mãe não são minha mãe nem meu pai, mas os representam); a simbologia é a chave do portal espiritual; por exemplo, quando se deseja alguma coisa, pode-se colocar uma foto do que se quer num local, ou escrever, e ver sempre aquele símbolo, e haverá uma conexão mental com aquilo que se quer, e se conseguirá; a criação acontece na mente, muitas vezes através dos símbolos, e depois se materializa; a cabala é feita de 80% com saber e o restante de adivinhação/misticismo/revelação.

O Rabino falava, e, apesar de não proibir nunca a manifestação dos aprendizes, centralizava a aula. Mas também ele trazia informações que os alunos não tinham conhecimento – pelo menos não daquela forma, sob a perspectiva judaica. F comentou sobre um mentalista israelense que foi para o programa da Ana Maria Braga; ele via as pessoas e era

capaz de saber o pensamento delas e a energia que elas emanavam, segundo F. O Rabino, depois de comentar sobre o programa, aduziu que cada um, para abrir os canais, precisa “se descobrir” (se conhecer); nem todo mundo precisa desenvolver tudo, mas aquilo de que necessita na sua vida; a vocação de cada um é aquilo que sempre quis fazer, mas tem medo, eis porque a autodescoberta é tão importante.

Percebe-se que o Rabino tem uma prática pedagógica descontraída, permitindo que se faça reflexões sem julgamentos, estimula autocrítica, incentiva que o aluno vá em busca de novos conhecimentos, utilizando situações vivenciadas no cotidiano dos alunos. Mas não há fumaça de inovação pedagógica.

10ª Aula de cabala (24/ 03/ 2017)

A aula iniciou do mesmo modo, com o Rabino fazendo a bênção do vinho, do azeite, do sal e do pão. Todos beberam e comeram. Nesse encontro estava presente o pesquisador, o Rabino, N e F. O Rabino explicou que queria falar sobre algumas peculiaridades da cultura judaica. Disse que entre os judeus o menino se torna maior aos 12 anos e a menina na menstruação. Que no divórcio o ex-marido sustenta a esposa até ela arranjar outro marido ou se sustentar sozinha. O Rabino nesta aula apenas falou, perguntando vez ou outra uma coisa a cada um dos aprendizes, mas centralizando a aula. Disse também que a purificação dos utensílios usados nos rituais do judaísmo é feita com água morna. Explicou igualmente que a menstruação no judaísmo é considerada algo impuro, porque aquele sangue é o rejeito de um óvulo que não vingou; por isso a mulher fica considerada impura para o judaísmo ortodoxo nesse período.

Nessa aula o Rabino não estimulou a discussão.

No dia seguinte o Rabino chamou o pesquisador para perguntar sobre inovação pedagógica, pois estava preocupado com o que o mesmo estava achando de suas aulas; o pesquisador deixou claro que não estava lá para julgar suas aulas, que no final da pesquisa estaria conversando com ele sobre os achados; o Rabino ficou tranquilo e solicitou usar a casa de uma amiga do pesquisador chamada pelo apelido de Fafá, que também conhecia e admirava o Rabino, para realizar a próxima aula. Observa-se nesse momento que o Rabino

apresenta uma preocupação com a forma que estava ministrando aulas, e como o pesquisador estava visualizando e analisando essas aulas, o que pode ser um sinal positivo, pois ele começa a refletir sobre seu fazer educacional, mas ao mesmo tempo negativo à observação dos dados desta pesquisa, haja vista que isto pode maquiagem resultados.

11ª Aula de cabala (31/ 03/2017)

Nessa aula estavam presentes o pesquisador, o Rabino, D, F e Fafá. É importante ressaltar que a amiga aqui denominada como Fafá não é aprendiz de cabala mas aceitou fazer o ritual na casa dela, a pedido do Rabino. O Rabino demonstrou a todo instante uma simpatia forte pela nossa anfitriã, que de fato possui ares cativantes. A mesa estava particularmente farta de comida e bebida. Além disso, o Rabino pediu dois metros de fita vermelha, papel ofício, mais os tradicionais azeite, vinho, sal e pão.

Todos se reuniram em torno de uma mesa de madeira, o Rabino na ponta. Ele abençoou o pão, o vinho, o azeite e o sal. Pediu que um a um escrevesse o seu nome em sete tiras de papel ofício branco e colocasse numa vasilha com azeite; acendeu velas, fez uma oração e todos comeram o pão embebido em azeite e melado com sal, bebeu-se o vinho tinto suave. O Rabino leu um trecho da bíblia e em seguida chamou cada um para saber a idade, leu mais um trecho (o Salmo correspondente à nossa idade) e fez revelações a cada um dos aprendizes (sobre o presente, o passado e o futuro), ao final de cada revelação ele recitava uma prece em hebraico. Depois o Rabino pediu que cada um dos aprendizes pegasse um pedaço da fita vermelha e fizesse 7 nós formulando 7 pedidos diferentes; disse que guardassem a fita e que, na medida que cada nó fosse se abrindo naturalmente, o pedido correspondente estaria sendo atendido.

Ele perguntou para todos os presentes:

- Isso é cabala, entenderam? Recebimento. Eu recebi de D'us as informações que passei a vocês. Agora vocês podem receber de várias formas, não precisa fazer esse ritual. Qualquer informação que vocês recebem vem de D'us⁸.

Após este ritual, comeram bastante e conversaram com o Rabino sobre os mais diferentes temas, como judaísmo, cabala, política, vida pessoal etc⁹. Tudo regado a vinho e cerveja. Como era uma situação interessante e inusitada, os aprendizes ficaram todos muito curiosos a respeito do ritual, menos F, que ia nos explicando algumas coisas também enquanto os rituais aconteciam. O ambiente estava descontraído, inclusive porque estavam todos bêbados a certa altura. Umas duas horas da manhã cada um foi para suas casas.

Interessante que o Rabino nesse encontro trouxe um ritual de adivinhação e de materialização de desejos, sempre regado de muita bebida e comida.

12ª Aula de cabala (07/ 04/ 2017)

O Rabino combinou que a aula seria realizada na casa de um dos membros da comunidade judaica de Petrolina, no seu bairro mesmo. O motivo é que comemorariam também o seu aniversário. Como se tratava de uma festa, compareceram eu, J, F, N, D e G com a esposa. Além dos aprendizes, toda a família do aniversariante (mulher, cinco filhos e três netos) estavam no local – uma casa pobre, à beira da pista de asfalto, onde o patriarca que completava 56 anos mantinha a sua fonte de renda: uma oficina de carros. Não faltava alegria, bebida. O Rabino, já bêbado, abençoou o vinho, o azeite, o sal e o pão. Todos comeram conforme manda o figurino. Estavam todos sentados na calçada, o Rabino pediu para baixarem o som e disse:

- Hoje o tema é alegria!

⁸ Os judeus não são aconselhados a falar o nome “Deus”, mas apenas D'us. Usam o nome “Deus” apenas em rezas, do contrário seria tomar o nome de Deus em vão.

⁹ Não tem jeito: o Rabino sempre atrai as conversas e as perguntas como se fosse uma fonte de onde matamos a sede; é algo natural dele; sempre ocorre naturalmente inclusive em outras ocasiões onde pude observá-lo em diversos ambientes que não o das aulas.

E falou que a alegria é parte integrante do judaísmo. Que os judeus sempre celebram para agradecer a Deus, que o próprio shabat é uma festa de agradecimento. (Ele era interrompido sempre por um ou outro que levantava o copo de vinho ou cerveja e exclamava coisas como: “É isso aí, Rabino!”) Que a alegria era um portal cabalístico e por isso a Bíblia mandava nos alegrar.

O ambiente era altamente informal, até meio tosco e descontraído. Muitos dos copos de vidro utilizados eram a sobra de extratos de tomates comprados em mercearias.

- E vocês, não falam nada?! – perguntou o Rabino a respeito da aula, pois a maioria dos aprendizes estava interessada em beber e deixar que o Rabino discursasse, com exceção do pesquisador, que estava à espreita, e de G, que era de tradição protestante – e seria, como pode-se perceber a partir daqui, o alvo de uma crítica que o afastaria das aulas de cabala.

- Eu tenho uma coisa pra falar! – disse N, aprendiz e esposa do Rabino. – E é pra você, G! – e apontou o dedo para ele rispidamente.

- Pra mim?! – disse G surpreso (a esposa de G olhou para ele também surpresa).

- É! Você só quer sugar do Branquelo¹⁰! Você vem pra aula de cabala, aprende Hebraico com o Branquelo, mas não paga nada!¹¹ Você acha justo?! Não ‘tá vendo que o Branquelo precisa comer?! – o tom de voz e os gestos eram fortes, expressavam raiva, indignação, bastante agressividade.

A partir daí aconteceu uma discussão, onde G estava nitidamente constrangido, mas calmo, a esposa de G constrangida também, e N alterada, inclusive pela bebida. G foi embora, despedindo-se do pessoal. Quando ele saiu com a companheira, houve um certo silêncio que destoava da festa; o Rabino então concordou com N e a festa prosseguiu.

Nesse encontro ocorreu uma situação de exposição de um dos aprendizes, indo contra a ética, pois o Rabino permitiu que a esposa cobrasse pelas aulas que um dos aprendizes participava sem pagá-lo, na frente de todos. Observa-se que houve um constrangimento geral.

¹⁰ “Branquelo” é o modo como N chama o marido, o Rabino.

¹¹ Cada aprendiz contribui mensalmente com R\$100,00 (cem reais) nas aulas de cabala. Quem quer aprender hebraico, paga por fora, mas G não estava contribuindo com nada.

13ª Aula de cabala (07/ 04/ 2017)

Nessa aula estava participando o pesquisador, o Rabino, N, M (homem branco, divorciado, que abandonou recentemente a prática na religião Testemunha de Jeová, com seus mais de 50 anos, psicanalista, corretor de imóveis, inteligente e estudante de filosofia autodidata; dirige grupos de tratamento para neuróticos), que em alguns momentos pediu ao Rabino que entrasse no padrão. “Deixe crescer a barba e faça algo formal para atrair mais estudantes”, aconselhou M. O Rabino até começou a dar as aulas numa sala da Biblioteca Municipal de Petrolina, mas não se adaptou àquele formalismo nem os estudantes novos às suas ideias. M então começou a conversar conosco, o diálogo girou em torno de Jesus, da interpretação dos judeus acerca do Cristo. O Rabino perguntou sobre o que queríamos aprender hoje e M sugeriu que, já que falavam sobre Jesus, que esse fosse o tema.

O Rabino então disse que Jesus foi um judeu ortodoxo que estudou com os essênios e abordava a cabala para o público em geral, mas que ele não podia fazer isso, pois naquela época a cabala estava restrita aos homens judeus maiores de 40 anos, e ele nem 40 anos tinha. Que há uma profecia (a qual o Rabino não precisou a data), que fala que a cabala só seria aberta ao público em geral a partir dela em oitocentos anos. Que o fato de Jesus ter abordado a cabala em público foi uma das coisas que despertou a ira dos judeus contra ele. Que a cabala era tida como uma propriedade intelectual pelos judeus e daí o incômodo.

O aprendiz M então fala a respeito do hermafroditismo dos deuses, que Jesus não havia casado e que em outras culturas há divindades masculinas e femininas. O pesquisador aproveitou para questionar a respeito do machismo arraigado na cultura judaica. O Rabino falou então que o machismo judeu existia miticamente por causa de Lilith. Que Lilith foi a primeira mulher de Adão e que ela não quis se subjugar a ele. Que Lilith teve filhos com Adão e depois saiu do Paraíso e fundou cidades. Que Adão era hermafrodita e foi dividido quando deu origem a Eva.

Tudo estava sendo conduzido na garagem da casa do Rabino. Cadeiras de plástico ou da sua mesa, N sentada no chão. Ambiente totalmente descontraído. O Rabino vestido de bermuda e camisa de botão aberta até o meio, uma quipá¹² na cabeça e barba rala mal feita. M

¹² Um adereço de formato arredondado usado na ponta da cabeça pelos homens judeus para simbolizar o temor à divindade e a sua proteção. Os cabalistas sempre usam uma quipá de cor branca.

bem vestido: calça, sapato e camisa social. N com roupas de casa mesmo. F, que a esta altura chegou, de calça velha rasgada e camisa branca surrada, com quipá também. O pesquisador, como já conhecia o ambiente de descontração, estava de bermuda e camisas novas e sandálias de plástico. O Rabino fumava bastante durante a aula (fumo de pacote).

O Rabino continuou dizendo que o pecado nasceu dessa conjuntura de Lilith, Adão e Eva. Que a cabala quebra regras da Torá¹³. Que a cabala faz um movimento de entra-e-sai da Torá. Que a missão da cabala é desenvolver a espiritualidade de cada indivíduo – nos tempos atuais, pessoas de qualquer religião ou de nenhuma. Que deu essa volta toda para dizer que, sobre o hermafroditismo em deuses, a natureza divina comporta tudo; que o espírito, por exemplo, não tem sexo, pois fomos criados à imagem e semelhança de D’us. Que na reencarnação os espíritos podem vir homens ou mulheres. Que os conceitos a respeito de sexualidade mudam de acordo com a evolução do mundo. Que é condenável, pelo menos hoje, a prática da pena de morte imposta aos homossexuais. Que ele mesmo, enquanto Rabino, busca o conhecimento espiritual para amar a todos e respeitar a todos. Que cabala é isso.

- A religião regride o ser humano. Como é que eu vou querer pegar o ser humano de hoje e botar pra viver a Bíblia, rapaz! – exclamou o Rabino.

- Às vezes eu deixo a barba crescer, o cabelo, porque eu tenho que ir para uma reunião... É o meu caô¹⁴!... Quando chego aqui raspo tudo de novo!... – exclamou depois.

Observa-se que os conteúdos das aulas são direcionados em grande parte pelo que os aprendizes desejam aprender, em ambiente mais informal possível, o que diferencia as aulas ministrada pelo Rabino, no entanto, apenas isso não permite avaliar essa prática como inovadora. Nota-se, igualmente, o profundo apreço pelo ser humano da parte do professor das aulas em estudo, as ideias originais que ele ensina, muitas vezes indo de encontro aos interesses e crenças dos aprendizes de cabala.

Observação: A partir daqui houve empecilhos ao desenrolar da observação dos dados pelo pesquisador: 1) O pesquisador comprou uma casa que apresentou problemas, forçando-o a uma reforma e consequente mudança de residência para um lar menor; e 2) O Rabino ficava

¹³ Os livros que contêm as leis moisaicas.

¹⁴ Caô é uma palavra brasileira, que se tornou uma gíria, que significa uma mentira, conversa fiada.

questionando reiteradas vezes o que queria que o pesquisador fizesse nas aulas com inovação pedagógica... O pesquisador desconversava, mas as observações poderiam estar comprometidas e resolveu-se dar um tempo na ida às aulas até que o Rabino esquecesse o assunto – era o período em que se adiantariam os estudos teóricos. Todo cuidado foi tomado no sentido de não perder o vínculo com o Rabino, sob pena de comprometer a pesquisa; como ele havia colocado como condição para assistir às aulas de cabala as aulas de Hebraico, essas últimas continuaram. Este interregno propiciou o esquecimento do assunto citado pelo Rabino, em grande parte, e durou até novembro.

14ª Aula de cabala (14/ 11/ 2017)

Essa aula começou somente com o Rabino, D e o pesquisador. O Rabino começou-a falando da lei do contraditório dentro do judaísmo. Explicou que o judaísmo é composto de várias vertentes que bebem da mesma fonte: a Torá. Essas vertentes divergem, até brigam entre si, mas se aceitam. Que são exemplos dessas vertentes a ortodoxa, a conservadora, a progressista, a reformista, a reconstrucionista, a transdenominacional, a humanista, a karaita etc. Que esse contraditório está no universo como uma lei, inclusive dentro de seres humanos. A todo momento os aprendizes colocavam suas opiniões, o Rabino as dele.

Observou-se nessa aula que o Rabino estava usando umas técnicas: ele levantou mais que das outras vezes; em diversos momentos ele, para nos responder, tocou em nossos ombros e se abaixou para ficar com a cabeça dele rente ao mesmo ângulo da nossa. O Rabino foi buscar para nos mostrar a sua vara yod (uma mão de metal com o dedo indicador apontado). Depois de nos mostrar o objeto, ele mostrou um modelo de estatuto da sinagoga e pediu para que o pesquisador desse uma olhada e fizesse observações.

Durante o encontro o pesquisador perguntou a D se ele havia modificado o próprio modo de aprender diante da vida em virtude das aulas de cabala. Ele disse que o Rabino o incentivou a ser um eterno aprendiz e que ele aprende cada dia mais de modo diferente por causa do Rabino¹⁵.

¹⁵ O pesquisador achou que poderia adiantar esse conteúdo durante as aulas (o que seria abordado nas entrevistas, mas percebeu, nesse instante, que não seria tão proveitoso para este estudo).

O Rabino sempre aproveita as falas dos aprendizes para ensinar. Pegando esse gancho de D, ele disse que as pessoas precisam observar os sinais que a vida dá, a comando de D'us: quando uma pessoa quer sair de casa, mas as condições estão só atrapalhando, o que quer dizer isso? Isso é cabala. Nota-se, a essa altura, a influência que o Rabino exerce na vida dos aprendizes até mesmo fora do contexto das aulas. Percebe-se inclusive que o Rabino tem uma ascendência na vida de seus aprendizes fora do ambiente de aprendizagem de cabala, conversas que provocam mudanças na forma com que as pessoas encaram a vida. “Cabala quebra regras religiosas.” – Essa frase do Rabino chamou a atenção na aula de hoje.

15ª Aula de cabala (21/ 11/ 2017)

O Rabino estava criando cartas para leitura de sorte que eram como baralho cigano, porém com os símbolos da cabala, como letras em hebraico, cores correspondentes aos anjos e preces. O Rabino estava com um óculos na cor rosa, de outra pessoa, porque o dele havia quebrado e ele só enxerga no computador com grau. A casa estava mais desarrumada do que antes.

Antes de começar a aula, o Rabino fez uma crítica aos livros de cabala, que são mais teóricos, quando na verdade deveriam focar mais na prática, como seria o caso das aulas dele.¹⁶ Depois, o Rabino falou da semelhança dos ritos descritos no Levítico com os do candomblé. Ele contou que havia feito, na cidade de Jaguarari – Bahia, recentemente, junto com um pai de santo e um pesquisador da ayahuasca, uma sessão conjunta de ritos da cabala, da erva citada e do candomblé.

As aulas haviam passado para a terça-feira porque no shabat outras pessoas que não queriam cabala estavam frequentando (apenas judeus, com exceção de N, esposa do Rabino). Havia se juntado ao grupo mais um aprendiz, cujo nome possui a inicial W, como será chamado, seguindo o padrão desta pesquisa (W é um homem casado, dono de mercadinho num bairro de periferia de Petrolina, magro, meio careca, altura mediana, de caráter doce e

¹⁶ De fato, nas suas aulas, apesar de basearem-se no mais das vezes – porém não em todas – no discurso de aprendizes e professor, por mais que queira-se ficar somente na teoria, os assuntos conduzem a renovações de atitudes na prática do dia-a-dia.

sincero, tem filhos mas o pesquisador não sabe quantos, e está fazendo o retorno ao judaísmo).

Na aula, estavam o pesquisador, o Rabino, W, M e D. Os assuntos abordados foram linguagem bíblica, culto judaico, desenvolvimento espiritual (os temas surgiram livremente sem que nem o Rabino nem os aprendizes mencionássemos nada a respeito). Não observei mudança metodológica das outras aulas observadas. A fala do Rabino estava bem condicionada à dos aprendizes: todos interpelavam, ele às vezes dava respostas prontas, outras vezes questionava um e outro até chegar naturalmente numa resposta, à maiêutica.

O Rabino disse que na linguagem bíblica há possibilidade de várias interpretações e que o judaísmo admite essas diferentes interpretações desde que elas se firmem como dignas de nota e, claro, ganhem adeptos no movimento. Que o judaísmo abarcava em si a contradição e isso o fortalecia e por isso estava vivo há mais de 4.000 anos. Que o culto judeu não tem sacerdotes, pois os rabinos são professores, tendo a era sacerdotal do judaísmo acabado com a derrubada do Templo de Jerusalém.

O aprendiz M falou que na Bíblia há relatos de muitos sensitivos, que hoje a ciência até os estuda, como acontece na Rússia e no Brasil, e que na Rússia eles são até usados para fins policiais e militares. Estabeleceu-se uma discussão. O Rabino explicou que eles são espíritos mais velhos, que por isso podem mentalmente voltar ao passado ou ir ao futuro, pois desenvolveram espiritualmente essa capacidade em suas vidas sucessivas e no mundo dos mortos.

O Rabino fumava um cigarro artesanal de tabaco cuja fumaça incomodava. Ele disse que o verbo “ensinar” em hebraico é o mesmo que “aprender”, de modo que seres humanos são espíritos e Deus fez a sua imagem e semelhança, dando a faculdade de aprender e ensinar ao mesmo tempo, com relação a eles mesmos e aos outros¹⁷. Por isso os judeus são protuberantes, disse o professor, em todas as áreas do saber: porque vêm de uma cultura onde aprendizagem e ensino estão arraigadas em conjunto. Falou que a cabala ajuda muito nesse processo, pois D’us fez aprendizagem e ensino juntos: todas as pessoas tem a obrigação perante aos irmãos de aprender e ensinar conjuntamente como o judaísmo propõe e despertar

¹⁷ Daí porque no judaísmo mais progressista se dá ênfase a esta faculdade de autodidatismo: a concepção de aprendizagem e ensino são indissociadas radicalmente (raiz).

esse movimento interior neles para que tomem consciência de que são autodidatas cosmicamente.

O Rabino também afirmou que até a quarta ou terceira geração é possível trabalhar a hereditariedade espiritual e corporal cabalisticamente – que esse era um dos motivos pelos quais os judeus davam ênfase à hereditariedade. Nesse sentido, é possível que tenhamos sido membros, através da reencarnação da família dos aprendizes como antepassados deles mesmos. A reencarnação foi feita, segundo a cabala, para o desenvolvimento espiritual. A religião, por exemplo, era um processo de hereditariedade material e espiritual: toda religião seria herdada e formada pela ação daqueles que já estão mortos e pelos livros que eles escreveram e escrevem. Hoje não houve bebidas alcoólicas, uma exceção. A aula não terminou porque isso foi anunciado, mas porque as coisas foram conduzindo-se até que os aprendizes desejassem ir para casa.

16ª Aula de cabala (28/ 11/ 2017)

Na aula estavam presentes o Rabino, o pesquisador, M e W. Todos sentados em círculo, portão do Rabino aberto para a rua, todos vestidos como nos convinha, ambiente sem alterações significativas quanto às outras aulas.

O Rabino disse que Deus revela as coisas de várias formas: pesquisas, atitudes, situações do dia-a-dia etc. Por isso a cabala está disseminada, deem o nome que quiserem a este fenômeno de *recebimento*.

Então os aprendizes passaram a discutir as dimensões da Torá, que, segundo o Rabino, são, dentre outras: histórica, lendária, apologética etc. Por isso não se pode levar a Bíblia ao pé da letra porque ela foi feita numa época específica, para um povo específico. M e W falaram sobre coisas que são condenadas na Bíblia e que até hoje as pessoas perseguem, como a bruxaria. O rabino rebateu que Moisés foi um grande bruxo, transformando varas em serpentes, fazendo brotar água da pedra; que José foi também um grande bruxo que interpretou o sonho do faraó.

O Rabino falou então que os milagres nada mais são do que o domínio desses espíritos mais velhos reencarnados ou não sobre os fenômenos da natureza. Os assuntos sempre iam surgindo mais e mais a partir dos aprendizes, de modo que um comentário levava a outro e o clima era bem democrático, como nas outras aulas. Todos os aprendizes, nessa aula, estavam com cadernos e canetas (isso não acontecia antes da chegada de W e M, que são aparentemente mais voltados ao ensino tradicional e de caráter mais metódico – antes só o pesquisador levava para não esquecer os tópicos abordados).

Como o nome de Jesus e seus milagres surgiram, o Rabino explicou que o cristianismo é uma invenção humana, que Jesus não foi o Messias e que ele era judeu. O judaísmo, segundo ele, por exemplo, não acredita na dualidade do bem e do mal, na competição entre ambos; o cristianismo, sim. Bem e mal seriam faces de Deus; o bem e o mal são interpretações que dependem do ponto de vista da condição humana limitada. Céu e inferno, por exemplo, são estados de consciência.

O pesquisador discordou do Rabino, propositalmente, a respeito do Filho do Homem (Jesus), para ver se ele aceitaria discordância da sua figura, se isso afetaria a sua autoridade, mas ele não deu importância, achou natural que alguém discordasse dele. A aula foi concluída com uma frase do Rabino:

- Até a *buceta* de Jezebel tem um propósito! – todos riram alto.¹⁸

Percebe-se que o Rabino respeita a discordância do seu ponto de vista com naturalidade, que as aulas são baseadas no que os aprendizes desejam conhecer, não existe um plano de aula, ela ocorre de forma natural e num ambiente sempre descontraído; os aprendizes podem expor abertamente sua opinião.

17ª Aula de cabala (28/ 11/ 2017)

Nesta aula, quando pesquisador chegou, encontrou o Rabino conversando com M, que queria que ele fosse ministrar aulas de cabala em outro lugar, mais tradicional, e que se

¹⁸ O tema surgiu porque W brincou, antes de começar a aula, que queria “aprender hoje sobre a ‘buceta’ de Jezebel”. Interessante porque ele parece ser uma pessoa reservada, mas que nas aulas do Rabino se solta.

vestisse e se comportasse como um rabino ortodoxo, e que parasse de beber e de fumar. M quer que o Rabino utilize apostilas (ele não as usa nas aulas de cabala); quer que ele, assim, se encaixe, ganhe espaço social e mais alunos (M já criticou que o Rabino poderia ganhar mais dinheiro do que ganha ali¹⁹). M quer inclusive que ele mude as aulas de nome: ao invés de dizer que são de cabala, anunciar que são de “cultura judaica”, pois a denominação cabala é associada ao misticismo e com essa associação várias pessoas não irão fazer o curso. Ou seja, tudo está se repetindo: os dados observados até nesses detalhes das reações que o Rabino causa nos seus aprendizes.

O Rabino, então, com a chegada do pesquisador, a de W e a de F, escolhe desta vez o tema da aula: o dinheiro e as potências de D’us. Segundo o Rabino, o dinheiro domina a Terra e, quanto a esta questão, o dinheiro está apenas abaixo do Eterno. Cada pessoa pode, de acordo com a vontade divina, dominar uma das potências do Eterno. O homem possui também o poder de criação dado por D’us. Os 72 nomes de D’us são cada uma de suas emanções, que equivalem a cada uma das potencialidades divinas.

Disse igualmente que tudo que se compra tem que se pagar – que é uma lei universal. Que o dinheiro é uma energia. Que quem tem muito gasta pouco. Para se relacionar com as energias divinas é necessário uma troca energética. Houve uma preocupação do Rabino em dar respostas para que o aprendiz chegue ao conhecimento, mas a metodologia não diferiu das outras aulas observadas.

Disse que o dízimo é cabalístico: os 10% do que se ganha podem ser dados aos sacerdotes, aos rabinos, para a caridade etc. Que a palavra *caridade* em hebraico também quer dizer *justiça*. Para realizar a justiça social é preciso não ser um peso para nossos irmãos e compartilhar. O Rabino também disse que o modo como se lida com o dinheiro depende da sociedade onde a pessoa está inserida, da sua formação, da espiritualidade de cada um e daquilo que cada um entende como o melhor. A aula terminou muito naturalmente, como de outras vezes, sem que o final fosse de fato anunciado.

¹⁹ Acho que M vê a condição do Rabino como de miserável, já que vive numa casa simples da periferia petrolinense, apesar de melhor que a anterior, que pertence ao seu tio.

4.1.2 Síntese da Observação Participante

A observação participante ocorreu entre 22 de outubro de 2016 até 28 de novembro de 2017.

Durante as observações percebe-se que o Rabino afirma que não se preocupa com o que as pessoas acham de seu comportamento; que suas aulas não são planejadas; que o Rabino informa que não segue padrão preestabelecido, contudo, no momento que o pesquisador foi tirar uma foto, joga o cigarro fora, abotoa a camisa e posa; que o Rabino fez críticas ao seu discípulo sobre o consumo excessivo de álcool, no entanto estava diversas vezes nas aulas alcoolizado. Percebe-se que os aprendizes tinham um certo poder de decidir o conteúdo das aulas e de participar, inclusive discordando do professor.

Durante as aulas era estimulada a discussão sobre os diversos conceitos como homossexualidade e bissexualidade, ocorrendo discussões por vezes acaloradas entre os aprendizes que os faziam refletir. Outro tema presente era a ampliação do número de alunos, que para que ocorresse o Rabino tinha que modificar sua forma de se vestir e se comportar, pois na opinião de alguns aprendizes sua imagem não passava confiança para expandir o seu círculo de adeptos, fazendo que as pessoas questionassem seu conhecimento, o que o Rabino discordou, pois acredita que não precisa mudar, porque é feliz da forma que vive. Porém, observa-se que toda vez que tinha alguém no grupo que poderia se ofender com suas opiniões e seu comportamento, o Rabino se continha nos seus discursos e na forma de se comportar. Durante os encontros, ele estimulava a discussão e a reflexão, mas não permitia que o aprendiz construísse o conhecimento a ponto de produzir inovação pedagógica, apesar de as aulas e os ambientes observados serem diferenciados e emergentes. Havia uma centralização em sua própria figura nas aulas de cabala que não possibilitava a construção coletiva mais intensa.

Percebe-se que o Rabino tem uma prática pedagógica descontraída, permitindo reflexões, no entanto, estimulando a autocrítica, incentivando que o aluno vá em busca de novos conhecimentos, utilizando situações vivenciados no cotidiano dos alunos e seus anseios, mas não consegue ir além na eclosão de inovação pedagógica, como um broto prestes a sair da terra mas que não consegue pois está muito centrado na experiência intraterrena.

Em um dos encontros ocorreu uma situação de exposição de um dos aprendizes, indo contra a ética, pois o Rabino permitiu que a esposa cobrasse em público e de modo agressivo pelas aulas que um dos aprendizes participava sem pagá-lo. Observa-se que houve um constrangimento geral.

Percebe-se inclusive que Rabino tem uma influência forte na vida de seus aprendizes fora do ambiente de aprendizagem de cabala, o que provoca mudanças na forma que as pessoas encaram a vida não raras vezes.

Percebe-se que as aulas são sempre regadas a álcool.

Nota-se que o Rabino permitiu que os alunos refletissem sobre diversos temas, contudo, ele direcionava os aprendizes à luz do judaísmo.

4.2. Dados das Entrevistas Etnográficas

Como já mencionado no início deste capítulo, para preservar suas identidades, usaremos siglas para identificação dos atores sociais, que correspondem à primeira letra de seus nomes ou apelidos. Dessa forma, seguem os discursos dos atores sociais, participantes desta pesquisa, bem como a categorização dos seus respectivos discursos.

Desta feita, trazemos os discursos dos aprendizes.

4.2.1. Análise de Conteúdo dos Discursos dos Aprendizes

As entrevistas foram realizadas com quatro aprendizes, que aqui serão denominados M, W, J e D. Essas entrevistas foram realizadas na casa dos aprendizes, locais de trabalho e na festa de aniversário de um deles durante o mês de janeiro do ano de 2019.

Os aprendizes afirmam que iniciaram as aulas de cabala por curiosidade, mas que elas acabaram sendo uma experiência transformadora na vida deles.

Eu achei fantástico. Eu achei um instrumento de libertação de prisões, de preconceitos e de crenças limitantes. Eu achei uma coisa fantástica que abre

um universo bem maior, então, foi proveitoso, foi enriquecedor; foi não, é: porque esse conhecimento, ele não é estanque, ele evolui, e, além do conhecimento ser amplo – o mundo está cheio de conhecimento, é a minha abertura, eu consegui abrir mais... Eu tive por volta de trinta e cinco anos limitado ao conhecimento religioso e só depois de uma ruptura foi que, conhecendo grupos, a psicanálise, a filosofia, é que eu comecei a abrir um pouco mais o conhecimento; e a cabala veio me somar nesse campo, veio abrir o horizonte – e o interessante é que a cabala, ela cria uma ponte entre a filosofia, a religião e o conhecimento; foi interessante essa ponte; posso dizer que foi proveitoso. (Aprendiz M)

Olha, as aulas de cabala que eu tive com o Rabino eu achei proveitosas, né? Foram aulas que me trouxeram conhecimento, aulas que por curiosidade eu queria conhecer. E achei proveitosa, achei muito boa – e só tenho a agradecer pelo que o Rabino me ensinou, porque o pouco que sei, foi ele quem me ensinou. E a cabala pra mim se tornou proveitoso (sic), porque eu gostei, conheci algo novo que eu não conhecia antes e que, pra minha curiosidade, achei muito proveitosa e muito boas aulas. (Aprendiz W)

Boa noite... É... Realmente é proveitoso porque traz esclarecimento de alguns dogmas, de alguns mitos, né... (Aprendiz J)

O que eu achei das aulas de cabala? Eu achei muito produtiva. É... Na minha vida pessoal o que eu uso no dia-a-dia, o que eu aprendi nas aulas de cabala eu ‘estou colocando em prática, aprendi a colocar não ainda cem por cento, mas digamos que uns setenta, oitenta por cento do que eu aprendi eu ‘estou tentando colocar em prática e ‘estou vendo muitas mudanças. É... Com o que eu aprendi, colocando em prática, porque também não adianta só aprender teoricamente e não por em prática, né? É o que eu venho tentando. A minha luta é essa agora: é por em prática o que eu aprendi nas aulas de cabala. (Aprendiz D)

Os aprendizes afirmam que o ambiente em que ocorriam as aulas não era apropriado, que a forma que o Rabino se comporta e reside não condizem com o conhecimento e a cultura que ele tem, que a sociedade tem padrões preestabelecidos, que infelizmente quem olha o Rabino não percebe o valor intelectual e cultural que ele tem devido o seu comportamento. Mas que ele tem muita sabedoria.

O Rabino é uma figura enigmática. Eu testei em vários campos e ele tem propriedade no que fala. Agora a forma informal, desprovida de... de requinte, de... de.. Eu acredito que desvalorize um pouco para a pessoa comum; tem que ter uma visão profunda pra poder valorizar. Eu acredito... É... Eu fico até induzido pela minha codependência²⁰ a querer dar forma. Já tentei, já orientei... Na realidade, eu acho que faz mais de dez anos que eu conheci o Rabino. Eu fiz essa ponte (risos dele pela lembrança) de Triunfo²¹,

²⁰ Ele fala em codependência aqui enquanto neurótico, pois conduz grupos de neuróticos anônimos com dependência emocional ao sexo, às drogas, às relações amorosas etc.

²¹ Cidade de Pernambuco, estado do Brasil.

onde ele ‘estava, pra Petrolina, porque eu via bagagem, né?... Agora, é... é de provocar reflexão o comportamento. Eu acredito até que deixei de frequentar porque eu via comportamentos... É... Como algum vício, alguma demonstração de ser relapso... Na realidade, eu fico só refletindo: ele provoca reflexões, não só com o ensino, que tem sabedoria, mas com o respaldo de vida. O comportamento dele é... causa assim uma ligeira confusão. Eu acredito que dar forma²² ao ensinamento e às aulas seria o melhor. (Aprendiz M)

Olha, é... A forma como ele conduzia foi uma forma que... é... eu diria que eu nem esperava tanto conhecimento, né?... Mas, ao conviver com o Rabino, ao conviver com essas aulas que ele estava me dando, eu percebi que ele é uma pessoa culta diante do conhecimento, né?... E uma pessoa que só tem a somar, só tem a ensinar e gostei e aprovei bastante porque sei que ele tem a capacidade profissional para realmente capacitar seus alunos. (Aprendiz W)

Excelente. A forma da mais simples possível. Ele explica... a maneira... as coisas espirituais. (Aprendiz J)

É... Realmente essa questão do local, do ambiente improvisado não acho legal. Acho bom ter um espaço próprio, um espaço apropriado pra essa finalidade. (Aprendiz J)

Quando os aprendizes falam sobre o ambiente, afirmam que não gostavam do excesso de informalidade, pois quem olhava não atribuía o devido valor às aulas que eram ministradas devido ao excesso de liberalidade e o comportamento do Rabino; por isso nota-se durante as observações participantes que os aprendizes buscavam incentivar o Rabino a mudar seu comportamento e escolher outro lugar para ministrar as aulas, assim como pode-se observar nos discursos a seguir.

Então: o meu TOC Simétrico foi testado ao máximo. Eu fui, me submeti porque eu já consegui vislumbrar... Eu conheço um gênio em Serra Talhada²³, que foi quem criou a asa delta; é uma pessoa simples, informal, mas tem genialidade! Ele tem sabedoria que é testado e comprovado (sic). Mas eu terminei me distanciando por essa falta de forma. Eu acredito, inclusive... Eu tomei iniciativa, eu tomei providência pra gente procurar um espaço acadêmico ou um espaço aonde pelo menos (sic) tivesse desprovido de qualquer influência, né?... Menino passando... E... E... assim: a indumentária, a forma, o posicionamento, né?... E... Mas o resultado: ele não se domou a este tipo de comportamento (risos dele). Ele é ele, e ele me lembra muito a... o comportamento de Diógenes, que tinha muita sabedoria, até imperadores foram lá pra elogiar e ele ‘tava lá desprovido de qualquer

²² “Dar forma”, aqui, quer dizer fazer apostilas, segui-las na ordem em que os conteúdos aparecem e escolher um ambiente tradicional de aprendizagem para dar aulas, como ele tentou levando o Rabino para ensinar cabala com o nome de Curso de Cultura Judaica na Biblioteca Municipal, mas não deu certo.

²³ Outra cidade do estado de Pernambuco, Brasil.

luxo, de qualquer pretensão material. Então, o Rabino eu vejo uma pessoa assim: desprovido de... de ambição, de luxo e de... de... de forma. Ele tem uma sabedoria própria, mas acredito que esse tipo de comportamento, ele não atrai muitos... Vai atrair uns poucos especial (sic), muito especial pra poder vislumbrar nele essa... esse conhecimento, essa sabedoria. Na realidade eu não concordo com esses comportamentos, mas eu também não vou protestar e eu tirei proveito. Até analisar esse ambiente me foi útil. (Aprendiz M).

Eu sempre digo assim, né?... que não devemos julgar as pessoas até pelos atos como eles são, mas como eles agem e o que interessava (sic), interessava pra mim não era a forma ou discriminar como era o Rabino: se ele bebia, se ele fumava, se... a vida particular dele pra mim não dizia respeito a mim, mas sim pelo que ele tinha a me ensinar, pelo que ele tinha a passar pra mim. E aí então só agradeço, porque a vida independente dele só diz respeito a ele.²⁴ (Aprendiz W)

É... Realmente essa questão do local, do ambiente improvisado não acho legal. Acho bom ter um espaço próprio, um espaço apropriado pra essa finalidade. (Aprendiz J)

É, infelizmente o ambiente não era bem adequado, né? É... Só assim... voltando à pergunta anterior, a única coisa negativa que eu achava no método dele (ele era um cara muito inteligente, mente aberta), só faltava ele ter um método de ensino, um cronograma. Só faltava a parte do cronograma! Que ele tinha que ter um cronograma por escrito para seguir. Às vezes não seguia um cronograma, aí se perdia um pouquinho, porque às vezes entrava no mesmo assunto sempre. Tipo, você entrava no assunto da aula passada, que já era para ‘tá um passo à frente. Mais questão de cronograma, que ele não tinha. É um ponto negativo dele era esse (sic). E a questão de espaço, infelizmente também não era adequado. Eu acho que por isso muitos desistiram, ‘teve afora do interesse de muitos; porque ficava misturado o ambiente ali da família... pessoal também, familiar com o ambiente da cabala. A mistura... E muita gente é tímido (sic) e ainda não... é tímido pra esse tipo de assunto, né?... Porque a sociedade ainda não entende o que é cabala, pensa que é coisa de outro mundo, que é coisa oculta, não sabe o que é. Muita gente não sabe o que é cabala... São poucos. Então, as pessoas ainda tem vergonha ainda de se reunir com pessoas que não têm intimidade; e no caso lá tinha a esposa dele, que não estudava cabala, é católica²⁵, e tinha também... agora tem também a enteada²⁶ dele também lá... Então fica um ambiente assim meio desconfortante (sic). O que ‘tá faltando realmente, o

²⁴ Penso não ser verdadeira a resposta. Sempre ficou claro para mim nas observações das aulas que os alunos do Rabino o julgavam antes de conhecê-lo. Aliás, a surpresa de ter encontrado conteúdo numa pessoa tão fora da caixa é o fator que mais encanta entre seus aprendizes – e um dos mais debatidos.

²⁵ Percebe-se aqui que ele não sabia que N também era aluna; que ele a via apenas como a esposa do Rabino que lá estava, mesmo ela participando das aulas frequente e comumente.

²⁶ Percebe-se pela alusão à enteada do Rabino que faz tempo que ele não vai às aulas, pois a enteada do Rabino só passou algumas semanas na casa dele e de N e foi embora.

que ficou a desejar também foi o ambiente. Um ambiente mais adequado para as aulas. (Aprendiz D)

Os aprendizes acreditavam que não era qualquer pessoa que conseguiria compreender o Rabino e percebê-lo com uma pessoa de cultura e de inteligência, pois tanto as aulas como o comportamento dele impediam esse olhar. Eles acreditavam que o Rabino provocava reflexões e mudanças na forma de olhar a vida, como pode-se observar abaixo:

Ele me influenciou para quebrar, sair do engessamento. Ampliar a visão... e vi uma série de outras coisas... Nas aulas de filosofia, eu aprendi um pouco sobre Sócrates, que ele quebrava todos os paradigmas e quando foi testado, muitos profissionais, cada um dizendo a excelência do que sabia, e ele deu a entender que não sabia... e ele até disse que o sábio não é aquele que detém todo o conhecimento, mas aquele que tem respostas pra vida, pra o atual, pro momento. E ele (agora falando do Rabino) vive a vida dele. Então, ele me... as aula quebrou paradigma; não me deixou engessado, a... a sabedoria só vem se for dessa fonte ou dessa forma, vem de várias formas. Eu fui, assim, surpreendido e impactado numa sala de anônimos, aonde ex-derrotados, ex-alcoólico estava ali e expressava uma vida mudada. Então, essa é a verdadeira sabedoria: é a resposta pra vida atual, aonde você estiver e como você estiver. Então eu vejo que o Rabino, onde ele tiver ele consegue levar a vida e encontrar explicação pra vida dele... Acredito que não vai arrebanhar muita gente; vai ser poucas pessoas com uma... é... circunspecto (Aprendiz M).

Não devemos julgar as pessoas até pelos atos como eles são, mas como eles agem e o que interessa, interessava pra mim não era a forma ou discriminar como era o Rabino: se ele bebia, se ele fumava, se... a vida particular dele pra mim não dizia respeito a mim, mas sim pelo que ele tinha a me ensinar, pelo que ele tinha a passar pra mim. E aí então só agradeço, porque a vida independente dele só diz respeito a ele.²⁷ (Aprendiz W)

A questão é a seguinte: que a sociedade, ela cobra a sua posição. Então, se você tem um ambiente que é de estudo religioso, que vem o idioma hebraico, a cultura, a fé, você envolve pessoas do meio evangélico, do meio católico, espírita, então, no momento do rito, no local, no ambiente, é... não é bom ter evento com festa, com bebida. É bom você, após terminar o evento, você ir pra outro local, outro evento comemorar e curtir; agora... não é bom você 'tar, no próprio ambiente que você termina... entendeu? Nem antes, nem durante, nem depois! Entendeu (Aprendiz J)

Assim: no começo, pra quem não é acostumado, pra quem entende um pouquinho de cabala com outros rabinos e você pega aula com ele, você critica um pouco, porque ele é muito liberal! Ele é a cabeça, uma mente muito aberta. (...) A sociedade ainda não 'tá preparada, nem todo mundo 'tá

²⁷ Penso não ser verdadeira a resposta. Sempre ficou claro para mim nas observações das aulas que os alunos do Rabino o julgavam antes de conhecê-lo. Aliás, a surpresa de ter encontrado conteúdo numa pessoa tão fora da caixa é o fator que mais encanta entre seus aprendizes – e um dos mais debatidos.

preparado ainda pra um rabino como Y²⁸... é... porque ele é muito liberal, a mente dele é muito aberta, mas aos poucos eu fui me acostumando e fui vendo realmente que o ponto dele de vista é... muitas vezes ele 'tá certo, entendeu? Muitas vezes ele não 'tá certo pra mim, nem pra outros porque é questão de ponto de vista, mas eu aprendi a me acostumar com a forma dele, com o jeito dele pensar. E acho... Gostei muito das aulas dele, do método que ele usa. (Aprendiz D)

O interessante é que os aprendizes reclamavam do Rabino não ter um comportamento ortodoxo, no entanto, afirmam que o Rabino perderia a originalidade se não fosse como ele é; ao mesmo tempo acreditam que ele precisa fazer algumas mudanças. Observa-se que os próprios aprendizes são contraditórios na sua opinião sobre o Rabino e suas aulas.

Rapaz, é... eu vejo exatamente isso. Se ele mudasse ele iria se descaracterizar. É... aula de cabala num ambiente ultra ortodoxo, né?... com aqueles judeus de barbona, de chapéu, de... com muitos requinte, eu não teria acesso e não iria lá. Por outro lado agora eu quero retirar que invés de o jeito informal afugentar, acho que ele vai agregar muitas pessoas. Eu acredito que ele ainda não teve foi uma oportunidade de... é... de mostrar isso: a riqueza da sabedoria lá naquela situação. Igual lótus, que na lama ele consegue sobressair... Ele tem sabedoria e eu acredito que ele pode ser um diferencial até maior do que os grandes mestres superfinos, né?... Eu acredito. Eu admiro o comportamento, a sabedoria e eu vejo pessoas como o personagem que falamos agora, né?, o Diógenes, Epíteto, que era um escravo, e que imperadores bebia das águas que ele fornecia, né?... E... Acho que 'tá nessa linha, ele 'tá nessa linha. Ele é original e autêntico. E assim tem que ser. E... ele consegue transmitir, dá pra tirar proveito... E a cabala é muito interessante, e sendo aberta de uma forma assim tão generosa, tão liberal, é muito proveitosa. (Aprendiz M)

Olha, é... A forma como ele conduzia foi uma forma que... é... eu diria que eu nem esperava tanto conhecimento, né?... Mas, ao conviver com o Rabino, ao conviver com essas aulas que ele estava me dando, eu percebi que ele é uma pessoa culta diante do conhecimento, né?... E uma pessoa que só tem a somar, só tem a ensinar e gostei e aprovei bastante porque sei que ele tem a capacidade profissional para realmente capacitar seus alunos. (Aprendiz W)

Na opinião dos aprendizes, as aulas de Cabala contribuíram para melhorar a vida deles e ampliar a forma de verem o mundo; dizem que as vivências nas aulas de cabala foram fundamentais para as transformações positivas que ocorreram na vida deles, como pode-se observar nas falas abaixo:

²⁸ Nesse momento ele leva a mão à boca e pergunta sem som se podia falar o nome do Rabino, pois para convencer D a dar a entrevista eu disse que só a inicial dele apareceria na pesquisa. Respondi com o polegar que sim.

Porque talvez o comportamento extravagante ou diferente repele as pessoa perfeccionista. Eu tenho TOC Simétrico, a perfeccionista (sic), e isso me bloqueia, mas aí eu fui ajudado a vencer isso (se refere às aulas de cabala): peraê, não é só os doutores de anel no dedo, paletó e gravata, num ambiente super-requintado, limpo, formal, climatizado, que vem a sabedoria... Às vezes é vazio, né?... (o ambiente formal) E lá, mesmo em qualquer ambiente ele conseguia tirar brilho dos olho, empolgar, ir fundo, ir na essência; mesmo naquele ambiente, naquela confusão alguém consegue tirar... Eu consegui ver, né?... Agora, assim... A dependência de fumo, não ter se libertado disso ainda, eu digo: ele é um ser humano, ele tem falhas, virtudes e defeitos. Então, os defeitos, eu sei que quando eu vejo um defeito em outro eu 'tou projetando uma fraqueza que tem dentro de mim. Mas, no geral, foi bom. Acredito que poderia ser melhor se desse uma forma clássica, aonde todos pudesse aceitar, que ele mesmo se adaptasse a uma forma. (Aprendiz M)

Olha, até hoje, assim, contribuíram para o meu conhecimento. Mais para o meu conhecimento. Não que eu diga que eu já exercia alguma coisa em relação à cabala assim como eu estudei com o Rabino. Mas, como ele mesmo diz: 'nós devemos ser mestres de nós mesmos em primeiro lugar'. Então, primeiro, eu trago o conhecimento pra mim, né?... E aí, se, por algum momento aparecer a oportunidade que eu possa levar esse conhecimento, aí, sim, tenho certeza que o que eu aprendi com ele será o suficiente para assim também capacitar outras pessoas. (Aprendiz W)

Pelo período que eu fui a... é... me liguei como a... participei das aulas... é... esclarecimento... me... das crenças... Entendeu? Esclarecimento... (Aprendiz J)

É como eu falei na primeira pergunta, né?... De imediato, eu senti minhas contas organizadas, que eu era muito desorganizado, minhas conta (sic)... Ganho razoavelmente bem, é... e só vivia andando pra trás, com contas atrasadas, não sabia onde enfiava o meu dinheiro, não sabia... E hoje, com a cabala, foi uma das coisas que melhorou muito. E outra também que mudou também foi questão de relacionamento. Eu aprendi a me amar mais, a ter o amor próprio, então, quando tem um término de um relacionamento, de namoro, por exemplo, eu não sofro. Hoje eu estou bem de boa, bem resolvido porque isso me ajudou muito: a cabala, o estudo; estudar sobre as coisas do universo, aprender a receber as coisas. Então, isso me deixou muito bem resolvido, então, hoje em dia quando tem um término de um relacionamento eu estou bem tranquilo, sou muito feliz sozinho! (Aprendiz D)

Percebe-se que quase todos questionavam o excesso de álcool. O Rabino justificava essas comemorações com o shabat, no qual, de acordo a cultura judaica, era o dia que ninguém trabalhava e não recebia dinheiro, algo contraditório, pois o Rabino recebia pelas aulas.

4.2.2 Síntese dos discursos dos aprendizes

Os aprendizes iniciaram as aulas de cabala por curiosidade, mas acabaram sendo uma experiência transformadora na vida deles. Acreditam que os ambientes em que ocorriam as aulas não eram apropriados; que a forma que o Rabino se comporta e reside não condiz com o conhecimento e a cultura que ele tem; que a sociedade tem padrões preestabelecidos: infelizmente quem olha o Rabino, na opinião dos aprendizes, não percebe o valor intelectual e cultural que ele tem devido ao seu comportamento.

Os aprendizes afirmam que não gostavam do excesso de informalidade dos ambientes de aprendizagem, por isso nota-se durante as observações participantes que os aprendizes buscavam incentivar o Rabino a mudar seu comportamento e escolher outro lugar para ministrar as aulas.

Os aprendizes acreditavam que não era qualquer pessoa que conseguiria compreender o Rabino e enxergá-lo como uma pessoa de cultura e de inteligência, pois tanto as aulas como o comportamento do Rabino impediam esse olhar. Eles acreditavam que o Rabino provocava reflexões e mudanças na forma de olhar a vida.

Interessante que os aprendizes reclamavam do Rabino não ter um comportamento ortodoxo, no entanto, afirmam que o Rabino perderia a originalidade se modificasse o comportamento. Observa-se que os próprios aprendizes são contraditórios na sua opinião sobre o Rabino e suas aulas.

Na opinião dos aprendizes, as vivências nas aulas de cabala foram fundamentais para as transformações positivas que ocorreram na vida deles, contudo, sempre questionaram o excesso de álcool. O Rabino justificava essas comemorações por ser o shabat, no qual, de acordo a cultura judaica, era o dia que ninguém trabalhava para receber dinheiro, algo contraditório, pois o Rabino recebia pelas aulas.

4.2.3 Análise ao conteúdo do discurso do Rabino

A entrevista com o Rabino foi realizada durante o aniversário da esposa dele. O Rabino narrou, feliz, a compra da casa, perguntou a opinião do pesquisador sobre sua

aquisição. O Rabino estava fumando. Solicitou-se que ele explicasse qual era o seu objetivo enquanto professor de Cabala.

O objetivo com as aulas de cabala é trazer para os alunos a oportunidade de escolher os caminhos que eles querem andar, porque existe vários caminhos. Então a cabala vem lhe trazer uma dimensão diferente, uma visão. Você pode interpretar cada coisa em várias visões. Então o objetivo do ensino da cabala é fazer você entender que todos nós somos iguais perante Deus, independentemente da religião, independentemente do nome que você dá a Deus. Então nós somos seres iguais e estamos em constante evolução. E aprendemos, com o nosso dia-a-dia, as nossas dificuldades, é... a nos moldar, porque nós precisamos nos moldar a cada dia para que a gente possa ter uma vida melhor.

O Rabino confirmou o que foi detectado durante a observação participante: que as aulas dele não eram planejadas e na opinião dele os assuntos tinham que surgir dos aprendizes; a escolha do tema, na maioria das vezes, ocorria realmente na hora da aula de acordo com o que era trazido pelos aprendizes.

Não, não havia um planejamento, por quê? Porque quanto mais real uma aula no contexto do aluno, se ele dá o tema, é porque é aquilo que ele quer ouvir. Então geralmente um professor quando ele escolhe o tema, ele está impondo que o aluno estude aquilo ou pense naquilo, mas quando você pergunta ao aluno qual é o tema que ele quer ouvir, é aquilo que é importante pra ele; nem sempre aquilo que o professor escolhe é importante para o aluno. Por isso que existe alunos, ou vamos dizer assim, análise que você faz do aluno, que o aluno não 'tá bem naquela matéria, porque foi a matéria que o professor escolheu, algo que não interessava ao aluno. Mas quando o aluno, ele escolhe aquilo que ele quer aprender e o professor explana, é... com clareza aquilo que o aluno citou, eu acho que é mais importante.

De acordo com o Rabino, na cabala um aprende com o outro através do encontro; na opinião dele, não é porque o indivíduo é professor que ele sabe mais, mas apenas pode ter técnicas e qualificações melhores que os alunos, mas o conhecimento do aluno é muito importante.

É, na verdade na cabala um aprende com o outro, né?... Quando o professor está explanando um assunto que o próprio aluno ou o próprio professor, é... cita, vamos supor, em termos de... é... o texto, né?, o assunto que você escolhe, eu acredito que os dois são importante, porque o professor, não significa que ele sabe mais, né? Ele apenas está mais qualificado em termo de didática, em termo de ensino, mas, é... na maioria das vezes o professor aprende muito com o aluno. Tem coisas que o professor aprende coisas novas com o aluno, porque o aluno faz perguntas que muitas vezes não está dentro do conhecimento que o professor tem. Então por isso que a cabala, ela é chamada de havruta, porque havruta significa 'um aprender com o outro'. Então, o professor está dando aula, mas quando o aluno faz alguma pergunta,

que muitas vezes o professor, é... às vezes nem conhece do assunto, é... essa pergunta até obriga o professor pesquisar para que ele possa dar uma resposta boa para o aluno. Então, isto significa que o professor está aprendendo com o próprio aluno. ‘Tá entendendo?’

Observa-se que até durante a entrevista o Rabino tenta ensinar, pois ele acredita no potencial de significação da palavra *havruta*, em hebraico, que consiste em aprender junto, na ideia de aprender e ensinar num mesmo ato, como pode confirmar o excerto do discurso abaixo:

É um verbo de aprender, né?... Então, na verdade, um aprende com o outro. Quando você ensina você está revendo coisas que você já sabe. E significa uma revisão; então o professor está aprendendo ao mesmo tempo que está ensinando. Tanto é que o verbo hebraico ensinar e aprender é o mesmo verbo, porque quem ensina, aprende. (Rabino)

Na opinião do Rabino os ambientes de aprendizagem mais informais estimulam o processo de aprendizagem. Quase nenhuma aula dele é planejada: ele deixa que o aluno escolha o tema que será discutido, por esse motivo ele sempre preferia que suas aulas fossem o mais à vontade possível.

Eu acredito que a informalidade é o melhor método de ensino. Porque quando você está em um ambiente formal, ali tem o horário, tem uma grade, tem assuntos que você tem que debater. [...] Então eu acredito que no ambiente informal, através da conversação, através do diálogo, de perguntas e respostas, você aprende muito mais do que uma aula programada. Porque a aula programada, ninguém vai perguntar coisas fora do contexto. E na aula não programada você deixa o aluno à vontade. Então eu creio que a inovação pedagógica seria a aula não programada, porque aí você deixa o aluno à vontade.

Na opinião do Rabino, esse tipo de aula é algo inovador, pois para ele deixar os alunos escolherem os temas de suas aulas de acordo com o que desejam aprender é inovação pedagógica, que consistiria também em permitir que seu aluno tenha autonomia e seja capaz de escolher o que e como estudar. Logo depois faz uma comparação entre a educação no Brasil e no México.

Seria você usar métodos mais simples de aprendizagem. Porque no Brasil nós temos métodos chamados métodos tradicionais. Em outros países, por exemplo, no México, né?... Eu sempre falo no México... a maneira do ensino lá é totalmente diferente daqui no Brasil. Lá no México um autodidata, uma pessoa que estuda por si próprio, ele pode fazer um provão, um chamado provão, até para o nível superior. Em Direito ele pode fazer um nível superior, o provão do nível superior em arquitetura, em engenharia. Ele pode nunca ter estudado isso antes, ou não ter um grau... é... como é que a gente

fala? Um grau superior nessas matérias. Mas se ele é um autodidata, estudou por si próprio, e através da prova provar que tem capacidade e conhecimento na matéria, é concedido a ele um diploma! Reconhecendo ele como uma pessoa que tem o conhecimento de nível superior. Por que se reconhece?: Porque você provou que tem aquele conhecimento, independentemente se você estudou ou não antes. No Brasil você tem que fazer o ensino fundamental, depois você vem o ensino médio, aí é que você vai fazer um curso técnico ou um curso superior. Mas no México, não: se você nunca estudou em canto nenhum, mas se você se inscrever em um provão da SEP, que é a Secretaria de Educação Pública, é em um nível superior, um provão para nível superior, e você provar que tem conhecimento, passar na prova de conhecimento da área que você escolher, você recebe o seu diploma de nível superior.

O Rabino acredita que os aprendizes queriam que ele mudasse o seu comportamento porque tinham a ideia que um rabino tinha que ter determinados comportamentos para ser respeitado: um preconceito que exprimia um padrão de comportamento rabínico, contudo ele acredita que não adianta fingir que é de um jeito pois Deus vê tudo, não há como esconder-se Dele.

A Torá diz que nós temos que ser o que somos. Não adianta eu colocar uma bata, usar barbão grande e ficar rezando vinte e quatro horas. Porque não é rezar vinte e quatro horas que Deus vai nos ouvir. Eu posso clamar a Ele aqui agora e Ele pode me ouvir, eles querendo ou não. Ou em qualquer momento que eu esteja, ou dentro de casa ou na rua, ou em perigo ou não... É... O Eterno, é Ele que é o dono do universo, o rei do universo. Então geralmente as pessoas têm uma visão padrão de quem é o rabino, de quem é um pastor, de quem é um padre, porque eles têm que se vestir de tal forma, isso e aquilo. Mas isso não 'tá na Bíblia! Na Bíblia não tem como você deve... é... ser perante a sociedade. O que na Bíblia tem é que você tem que ser o que você é. E é pecado você se fazer daquilo que você não é. [...] Então o padrão que as pessoas criaram são padrões errados porque uma pessoa pra ser santo, ele tem que está bem vestido, tem que está bonito, não pode fazer isso, não pode fazer aquilo. Isso são coisas humanas. Espiritualidade está além da coisa humana.

De acordo com o Rabino ele acredita que não vale a pena ser como os aprendizes desejam para conseguir aumentar a turma, pois na sua opinião se ele quisesse poderia fazer isso, mais não seria ele mesmo, perderia sua originalidade.

Não, não vale a pena, porque, se valesse, eu poderia me encaixar em vários padrões... Eu já fui convidado por várias linhas religiosas pra me encaixar em certos padrões e eu nunca aceitei. Por quê? Primeiro, que o meu foco religioso não é ganhar adeptos, o meu foco religioso é ser mestre de mim mesmo... Porque não adianta eu querer ser mestre dos outros sem eu ser mestre de mim mesmo! Então, geralmente isso acontece: muitas vezes você tem o seu pastor, seu padre, seu rabino, seu guru, e muitas vezes você segue ele, mas às vezes ele está mais errado do que você. Muitas vezes você ora e recebe e o seu pastor ora e não recebe. Por quê?: é o padrão de vida que ele

está levando. Não é um título que o Eterno vai lhe ouvir por causa de um título.

O Rabino acredita que os aprendizes que realmente conseguiriam entendê-lo, seriam aqueles que têm o mesmo grau de conhecimento dele, pois acredita que as pessoas precisam entender que o único que não erra é Deus, que ele é um ser humano e comete erros como todo mundo, ou seja, não é perfeito.

As pessoas buscam uma pessoa santa, perfeita, que não tem pecado, que não erra... E eu vivo o meu dia-a-dia, a minha vida naturalmente como eu sou, demonstrando para as pessoas as minhas falhas, os meus defeitos e os meus pecados. É: só quem vai me entender são pessoas que têm o mesmo grau de conhecimento ou espiritualidade que eu tenho, porque geralmente nós somos julgados, né? O único que não pode errar é Deus. Mas nós seres humanos, nós erramos. E o importante de tudo isso não é o nosso erro, são os nossos acertos.

O Rabino, durante a entrevista, trouxe dois ditados populares do judaísmo que na sua opinião são ensinamento em sua vida, como exposto abaixo.

Tem um ditado, uma cultura no judaísmo, que diz que quando nós conhecemos alguém, por mais errado que essa pessoa seja, você não tem que ver os erros das pessoas, mas você tem que ver as qualidades. Toda pessoa tem coisas boas pra nos passar e nos oferecer. Pode ser uma prostituta, um ladrão. Qualquer pessoa pode nos oferecer coisas boas. Então invés das pessoas estar atrás de coisas ruins ou dos erros das outras pessoas, você tem que ver o que ele pode ser de útil pra você. Qual é a utilidade que aquela pessoa pode ter, pode te trazer. Isto aí é o foco da Bíblia. O foco da Bíblia não é acusar, não é o erro de ninguém: são as coisas boas que aquela pessoa pode te proporcionar. É igual à prostituta que tem na Bíblia, que ela é uma prostituta, é uma pessoa de outra nação, tinha outros deuses, mas ela salvou judeus, ela chegou junto com o povo, ela não foi mentirosa, né? Então até hoje ela é honrada dentro da história judaica, que é a Raabe. Então era uma pessoa que dentro da cultura judaica era uma pessoa errada, era uma pagã, uma pessoa de uma outra crença, uma outra fé, uma outra nação, mas foi uma pessoa que chegou junto dentro da história judaica que até hoje é falado o nome dela. O que é que significa? Os judeus não olharam a vida errada que ela tinha, mas levaram em consideração os benefícios que ela fez para o povo. Então é isso que é importante pra nós.

No segundo ditado, ele coloca que não importa o status social, que Deus não vê o título, mais o seu conhecimento e o seu comportamento, dando a entender que Ele o julga com muito mais propriedade do que seus avaliadores humanos.

Tem um ditado judaico que diz assim: que os rabinos, que são os líderes religioso da religião judaica, é... existe uma coisa chamada *minian* no judaísmo. *Minian* é a reunião de dez judeus. Há uma crença judaica que diz

que, quando dez judeus se reúne, a *shekinah*, o espírito de Deus, está presente entre nós, né? E tem até uma reflexão que fala que nove rabinos reunido não formam um *minian*, mas dez sapateiro forma. Isso quer dizer o quê? Que não é o título: você pode ser rabino, pode ser sapateiro, pode ser médico, pode ser ambulante, vendedor ambulante. Nove pessoas não formam um *minian*. Então nove rabinos é a mesma coisa que nada! E dez sapateiro forma um *minian*. Ou seja, a *shekinah* desce sobre os dez sapateiro.

Observa-se que o Rabino, durante a entrevista, comporta-se de forma tranquila, mesmo com toda a movimentação da casa, pois a entrevista foi realizada no momento que ocorria a festa de aniversário da esposa, na chegada dos convidados, muitos deles aprendizes do curso que na ocasião também foram entrevistados.

4.2. 4 Síntese do discurso do Rabino

A entrevista com o Rabino foi realizada durante o aniversário da esposa dele. O Rabino narrou, feliz, a compra da casa, perguntou a opinião do pesquisador sobre sua aquisição. O Rabino estava fumando. Solicitou-se que o Rabino explicasse qual era o objetivo dele enquanto professor de cabala; na sua opinião, o objetivo das aulas de cabala é permitir que os aprendizes possam escolher o caminho que desejam seguir, pois todos são iguais perante Deus e encontram-se em constante evolução. O Rabino confirmou que as aulas dele não eram planejadas e que na opinião dele os assuntos tinham que surgir dos aprendizes; que a escolha do tema ocorria realmente na maioria das vezes na hora da aula de acordo com o que era trazido pelos aprendizes.

De acordo com o Rabino, na cabala um aprende com o outro através do encontro; na opinião dele, não é porque o indivíduo é professor que ele sabe mais, mas apenas pode ter técnicas e qualificações melhores que os alunos, mas conhecimento do aluno é muito importante.

Na opinião do Rabino, os ambientes de aprendizagem mais informais estimulam o processo de aprendizagem; quase nenhuma aula dele é planejada: ele deixa que o aluno escolha o tema que será discutido, por esse motivo ele sempre preferia que suas aulas acontecessem o mais à vontade possível. Acredita também que esse tipo de aula é algo inovador, pois para ele deixar os alunos escolher os temas de suas aulas de acordo com o que

desejam aprender é inovação pedagógica; inovação pedagógica para ele também seria permitir que seu aluno tenha autonomia e seja capaz de escolher o que e como estudar; logo depois, faz uma comparação entre a educação no Brasil e no México.

Acredita que os aprendizes queriam que ele mudasse o seu comportamento porque tinham a ideia que um rabino tem que ter determinados comportamentos para ser respeitado, pois têm ideias preestabelecidas de como um rabino deveria se comportar; contudo, ele acredita que não adianta fingir que é de um jeito, pois Deus vê tudo, não há como esconder-se dele. Ainda na opinião do Rabino, não vale a pena ser como os aprendizes desejam para conseguir aumentar a turma, pois na sua opinião se ele quisesse poderia fazer isso, mas ele não seria ele mesmo, perderia a originalidade.

O Rabino acredita que os aprendizes que realmente conseguiriam entendê-lo seriam aqueles que têm o mesmo grau de conhecimento e espiritualidade dele, pois acredita que as pessoas precisam entender que o único que não erra é Deus: ele é um ser humano e comete erros como todo mundo, ou seja, não é perfeito.

**CAPÍTULO V - ANÁLISE DOS DADOS ENCONTRADOS NA
PESQUISA**

5. Análise dos dados coletados no *locus* de pesquisa

É importante salientar que uma pesquisa qualitativa apresenta complexidade e desafio, pois busca apresentar resultados que permitam que o estudo etnográfico possa evidenciar a compreensão dos fatos que foram observados e estudados, assim como afirma Bogdan e Biklen (1994):

A tarefa analítica, [...] parece ser monumental quando alguém se envolve num primeiro projeto de investigação. Para quem nunca compreendeu uma tarefa destas, a análise afigura-se monstruosa, sendo seu primeiro impulso evitá-la, continuando a recolha de dados no campo de investigação, quando já a devia ter terminado (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 205).

Diante dessa perspectiva, esse capítulo procura associar os dados recolhidos durante a pesquisa com as fundamentações dos teóricos que envolvam o tema do estudo e sua problemática; utilizou-se como instrumentos a observação participante, na qual o pesquisador buscou compreender a prática pedagógica utilizada nas aulas de cabala. Na opinião de Lapassade (2005, p.73), o pesquisador nesta perspectiva se esforça por desempenhar um papel e adquirir um status no interior do grupo ou da instituição que ele estuda. Esse status vai permitir-lhe participar ativamente das atividades como um membro; ele fica com um pé dentro e outro fora. Essa citação evidencia exatamente qual foi o papel do pesquisador nessa pesquisa.

Essa pesquisa apresentou como principal problemática: há inovação pedagógica neste ambiente de aprendizagem de cabala? Em que a aprendizagem de cabala, investigada a partir de aulas em Petrolina, Pernambuco, Brasil, pode significar inovação pedagógica para seus atores educacionais?

Durante um período observou-se como ocorriam as aulas de cabala ministradas pelo rabino professor do curso, através de registros, coleta de dados. O pesquisador participou de todas as aulas como se fosse um aluno, o que permitiu que essa experiência fosse ímpar para compreensão de como elas ocorriam.

Fino (2004) afirma que as técnicas de recolha de dados permitem entender que:

Durante a estada no campo, os dados recolhidos são provenientes de fontes diversas, nomeadamente observação participante, propriamente dita, que é o que o observador apreende, vivendo com as pessoas e partilhando as suas actividades. Mas, também, através das entrevistas etnográficas, que são as conversações ocasionais no terreno, portanto não estruturadas, e mediante o estudo, quer de documentos “oficiais”, quer, sobretudo, de documentos pessoais, nos quais os nativos revelam os seus pontos de vista pessoais sobre a sua vida ou sobre eles próprios, e que podem assumir a forma de diários, cartas, autobiografias. (FINO 2004, p. 04)

O recolhimento dos dados ocorreu durante as aulas no quintal, no corredor ou na garagem das casas do Rabino, pois conforme Fino (2008), a inovação só pode ser compreendida, quando estudada no local, através da observação participante, com o objetivo de “entender os acontecimentos de dentro” (FINO, 2008, p. 02). A observação participante ocorre entre vinte e dois de outubro de dois mil e dezesseis até vinte e oito de novembro de dois mil e dezessete. Em janeiro de dois mil e dezenove realizaram-se as entrevistas com os aprendizes e o Rabino.

5.1 Há inovação pedagógica neste ambiente de aprendizagem de cabala?

Na inovação pedagógica, o aprendiz é responsável pela construção do seu próprio conhecimento e não existe necessidade de o professor estar sempre presente durante essa construção. De acordo com Fino (2008, p. 277-287),

A inovação pedagógica pressupõe um salto, uma descontinuidade. [...] Consiste na criação de *contextos de aprendizagem*, incomuns relativamente aos que são habituais nas escolas, como alternativa à insistência nos contextos de ensino. [...] O caminho da inovação raramente passa pelo consenso ou pelo senso comum, mas por saltos premeditados e absolutamente assumidos em direção ao muitas vezes inesperado. Aliás, se a inovação não fosse heterodoxa, não era inovação. (FINO 2008, p. 277-287)

Dentre os aspectos positivos de destaque na observação como etnopesquisador, está o ambiente descontraído e acolhedor que notadamente existe durante as aulas de cabala, permitindo que os aprendizes possam expor suas opiniões e suas vivências contribuindo mutuamente no processo pedagógico; fica explícita a socialização de experiências e a colaboração relativa entre eles; percebe-se que os aprendizes sentem-se à vontade para fazer

críticas ao Rabino, o que resulta em reflexões em torno do que é trazido pelos alunos, que sempre há diálogo, no entanto a palavra final é sempre do Rabino, pois todos consideram que o conhecimento dele é extraordinário: após a existência de discussão, a última palavra sempre é dele.

O Rabino permitiu a participação de pessoas que não façam parte do grupo de aprendizes propriamente dito nas atividades desenvolvidas, como ocorreu com a esposa de um dos aprendizes e a amiga de um dos alunos: entende-se essa atitude como algo diferenciado no processo pedagógico desenvolvido nas aulas de cabala, principalmente quando ele busca outros lugares para realizar as aulas, no entanto a presença de pessoas estranhas ao processo não ocorre para que haja interação de aprendizagem necessariamente, mas para atender a interesses do professor quanto a sua vida financeira ou religiosa; percebe-se que ele estimula que os aprendizes reflitam e busquem respostas, indo a favor do pensamento dos construcionistas, no aspecto da inovação pedagógica, de que a aprendizagem precisa ser significativa para o aluno construtor em colaboração com seus pares, em ambientes formalmente educacionais ou não.

Durante as aulas era realmente estimulada a discussão sobre os diversos conceitos como o de homossexualidade e de bissexualidade, nas quais ocorreram discussões acaloradas entre os aprendizes, o que os fez refletir sobre os temas citados. Outro tema presente era a ampliação do número dos alunos, e para que isso ocorresse o Rabino teria que modificar sua forma de se vestir e de se comportar, pois na opinião de alguns aprendizes sua imagem não passava confiança, fazendo com que as pessoas questionassem seu conhecimento, com o que o Rabino discordou, pois acredita que não precisa mudar, porque é feliz da forma que vive. Porém, observa-se que toda vez que havia alguém no grupo que poderia se ofender com suas opiniões e seu comportamento, o Rabino se continha nos seus discursos e na forma de se comportar, adaptando palavras para não prejudicar os interesses expostos no parágrafo anterior.

Durante os encontros, o professor estimulava a discussão e a reflexão, mas não permitia que os aprendizes construíssem o conhecimento: estava preocupado em transmitir a visão do judaísmo. Realmente, o Rabino proporcionava uma aula diferenciada, ao mesmo tempo em que não apresentava sinais referentes à inovação pedagógica, pois na opinião de Fino (2011), inovação pedagógica consiste em uma disruptura, no sentido de que

[...] romper com os contextos do passado e criar os contextos de que o futuro necessita, o que implica uma redefinição do papel dos aprendizes e dos professores, é, no essencial, a função da inovação pedagógica, constituída por práticas qualitativamente novas. (FINO, 2011, p. 7)

O Rabino acaba centralizando em demasia sua própria figura nas aulas de cabala e não possibilita grande parcela de construção coletiva, pois todos ficavam deslumbrados com o conhecimento apresentado pelo Rabino, e acabavam aceitando a opinião dele como sabedoria maior diante da visão do judaísmo.

Percebe-se que existe um vínculo entre o Rabino e os aprendizes, mas não percebe-se vínculo afetivo destacável entre os aprendizes; é notória a desconfiança dos aprendizes e seus familiares com relação ao comportamento diferenciado do Rabino.

O Rabino afirmou que não preocupa-se com o que as pessoas pensam a respeito de seu comportamento; que suas aulas não são planejadas em sua maioria. O Rabino informa que não segue padrão preestabelecido. Contudo, no momento que o pesquisador foi tirar a primeira foto para compor esta pesquisa, ele jogou o cigarro fora, abotoou a camisa e pousou sorridente, denotando a ineficácia desse instrumento para registrar momentos na pesquisa em tela. Fez críticas ao seu discípulo sobre o consumo excessivo de álcool, no entanto estava alcoolizado diversas vezes.

Realmente o ambiente de aprendizagem era diferenciado, grandemente informal, o Rabino incentivava que os aprendizes fossem em busca de novos conhecimentos, utilizando situações vivenciadas no cotidiano dos alunos. Mas seria necessário que o Rabino estimulasse a vivência e a reflexão das situações reais com os processos de aprendizagem sendo conduzidos e controlados pelos alunos para o surgimento da inovação pedagógica, conforme anuncia Brazão (2008).

Em um dos encontros ocorreu uma situação de exposição de um dos aprendizes, indo contra a ética, pois o Rabino permitiu que a sua esposa e igualmente aluna cobrasse pelas aulas, que um dos aprendizes participava sem pagá-lo, na frente de todos, expondo o aprendiz inadimplente. Observa-se que houve um constrangimento geral em determinado momento da aula, que realizava-se no ensejo num ambiente altamente informal, na calçada à beira de pista movimentada de um bairro da periferia de Petrolina – PE, Brasil. Isso vai de encontro com que afirma Dantas (1994): o ambiente de aprendizagem precisa apresentar bons vínculos afetivos, contribuindo positivamente para um processo de aprendizagem significativa, pois

assim permitirá criar um clima de compreensão, confiança, respeito e principalmente estimulará o aprendiz na construção de seu conhecimento.

Observa-se que os conteúdos das aulas são direcionados pelo que os estudantes desejam aprender, em ambientes mais informais possíveis (divergentes do tradicional nos círculos cabalísticos orientados pelo judaísmo), o que diferencia as aulas ministradas pelo Rabino, entretanto, apenas isso não permite avaliar essa prática pedagógica como inovadora, pois elas, para serem consideradas inovadoras, precisam possibilitar a construção de conhecimento através de um esforço dialético, dialógico, democrático, disruptivo frente ao tradicional – portanto descentralizado da figura do professor/facilitador.

Conforme Brazão (2008) em sua pesquisa, é necessário ressaltar o protagonismo do aprendiz face à figura do professor, a importância de permitir que o aprendiz tenha acesso às informações e à oportunidade de aprender, o que não ocorria nas aulas de cabala em tela, haja vista que o protagonismo estava ainda deveras centralizado na pessoa do Rabino.

O Rabino respeita a discordância do seu ponto de vista com naturalidade; não existe um plano de aula: ela ocorre de forma natural em um ambiente sempre descontraído; os aprendizes podem expor abertamente sua opinião. As aulas são sempre regadas a álcool. O Rabino permitiu que os alunos refletissem sobre diversos temas sob vieses que quebram paradigmas tradicionais inclusive do judaísmo ortodoxo, contudo, ele direcionava os aprendizes à luz do judaísmo e a democracia de suas aulas não continha a permissão de um facilitador descentralizado e descentralizador a nível de provocar inovação pedagógica.

Contudo, pode-se perceber através das entrevistas que parte expressiva dos aprendizes afirma que não gostava do ambiente devido a fatores como o excesso de informalidade e ao comportamento do Rabino, pois quem “olhava” não atribuía o devido valor às aulas que eram ministradas. Percebe-se nos aprendizes uma reflexão mal resolvida a respeito da vivência com o ensinamento tradicional experienciado através de um ambiente e de um líder que quebra esses paradigmas em quase sua totalidade; ou seja: o Rabino, apesar de não descentralizar o suficiente suas aulas da sua própria presença marcante, consegue provocar reflexões úteis para futuras rupturas de apego à imagem e à opinião alheia. Por isso, nota-se durante as observações participantes que os aprendizes buscavam incentivar o Rabino a mudar seu comportamento e escolher outro lugar para ministrar as aulas, locais sempre atrelados à ideia de escola tradicional. Observa-se esse fator de forma clara nos discursos de vários deles.

É... Realmente essa questão do local, do ambiente improvisado, não acho legal. Acho bom ter um espaço próprio, um espaço apropriado pra essa finalidade. (Aprendiz J)

É importante ressaltar que o ambiente de aprendizagem do aluno detém influência enorme, assim como afirma Vygotsky (2000): que o indivíduo sempre sofre influência na sua construção e reconstrução por meio do contato social (ora, esse contato dá-se num ambiente determinado). Diante dessa visão, o ambiente de aprendizagem precisa ser um local prazeroso, no qual o aluno sinta-se parte do processo, e além disso que permita que o aprendiz tenha autonomia para refletir de forma crítica. (Apesar de o comportamento do Rabino estar provocando criticidade a esse respeito, percebe-se que esse quesito ainda não havia sido resolvido até o final das observações e entrevistas.)

Nota-se, a essa altura, a influência que o Rabino exerce na vida dos aprendizes até mesmo fora do contexto das aulas. Percebe-se inclusive que ele tem uma influência forte na vida de seus aprendizes fora do ambiente de aprendizagem de cabala; ele desenvolve conversas que provocam mudanças na forma que as pessoas encaram a vida, naturalmente. Assim como afirma Dantas (1994), é preciso que exista empatia entre professor e aluno, o processo precisa ter clareza que o ensino e aprendizagem ocorrem de forma simultânea, partindo do pressuposto que a aprendizagem é uma troca de conhecimento. O que foi possível perceber durante as aulas de cabala e nas entrevistas é que o Rabino acredita que um aluno aprende com o outro, que através do encontro; na opinião dele, não é porque o indivíduo é professor que ele sabe mais, mas apenas pode ter técnicas e qualificações melhores que os alunos: o conhecimento do aluno é muito importante, no entanto essa compreensão não rompe o campo teórico.

É, na verdade na cabala um aprende com o outro, né?... Quando o professor está explanando um assunto que o próprio aluno ou o próprio professor, é... cita, vamos supor, em termos de... é... o texto, né?, o assunto que você escolhe, eu acredito que os dois são importante (sic), porque o professor, não significa que ele sabe mais, né? Ele apenas está mais qualificado em termo de didática, em termo de ensino, mas, é... na maioria das vezes o professor aprende muito com o aluno. Tem coisas que o professor aprende coisas novas com o aluno, porque o aluno faz perguntas que muitas vezes não está dentro do conhecimento que o professor tem. Então por isso que a cabala, ela é chamada de havruta, porque havruta significa 'um aprender com o outro'. Então, o professor está dando aula, mas quando o aluno faz alguma pergunta, que muitas vezes o professor, é... às vezes nem conhece do assunto, é... essa pergunta até obriga o professor pesquisar para que ele possa dar uma resposta boa para o aluno. Então, isto significa que o professor está aprendendo com o próprio aluno. 'Tá entendendo? (Rabino)

O Rabino acredita que a inovação pedagógica é não planejar as aulas, deixar que os alunos escolham durante a aula o tema que desejam discutir. Percebe-se que essa atitude é realmente interessante, mas apenas isso não pode ser considerado como inovação pedagógica. De acordo com Fino e Sousa (2007), é

[...] importante reflectir a inovação, enquanto mudança consciente e deliberada. Partindo da análise crítica da escola, enquanto produto da modernidade, e perante o fosso cada vez mais acentuado entre ela e a sociedade no seu todo, há que questionar o desfasamento do sistema educativo, [...] relativamente às novas exigências que lhes são colocadas: a escola não pode ser apenas juguete de mudanças externas, mas deve assumir, ela própria, a mudança desejada. (SOUSA; FINO 2007, p.12)

Na opinião do Rabino os ambientes de aprendizagem mais informais estimulam o processo de aprendizagem; quase nenhuma aula de cabala dele é planejada: ele deixa que o aluno escolha o tema que será discutido quase sempre, por esse motivo ele sempre preferia que suas aulas ocorressem o mais à vontade possível.

Dessa forma, conclui-se que as aulas de cabala investigadas na cidade de Petrolina – PE, Brasil, não podem ser consideradas inovação pedagógica; no entanto, elas possuem um terreno diferenciado das aulas tradicionais, onde, se devidamente trabalhado, podem brotar sementes de práticas pedagógicas inovadoras. O Rabino até tenta se colocar como mediador entre o conhecimento e o aluno, no entanto, percebe-se que as técnicas que são utilizadas se parecem, por exemplo, com a de antigos filósofos gregos que ficavam em praça pública a tentar fazer as pessoas refletirem, mas isso não pode por si só ser considerado como um ambiente que permita a inovação pedagógica.

5.2 Há contribuições proporcionadas pelas aulas de cabala aos seus aprendizes?

Durante as entrevistas todos os aprendizes afirmam que as aulas de cabala permitiram que as vivências partilhadas foram fundamentais para as transformações positivas que ocorreram em suas vidas, pois permitiram que eles refletissem acerca de várias questões, levando em consideração a religião judaica.

Nota-se, a essa altura, a influência que o Rabino exerce na vida dos aprendizes até mesmo fora do contexto das aulas, o que provoca mudanças na forma que as pessoas encaram a vida. É o que pode-se observar na fala abaixo:

Ele me influenciou para quebrar, sair do engessamento. Ampliar a visão... e vi uma série de outras coisas. [...] Eu fui, assim, surpreendido e impactado numa sala de anônimos, aonde ex-derrotados, ex-alcoólico estava (sic) ali e expressava uma vida mudada. Então, essa é a verdadeira sabedoria: é a resposta pra vida atual, aonde você estiver e como você estiver. Então eu vejo que o Rabino, onde ele tiver ele consegue levar a vida e encontrar explicação pra vida dele. (Aprendiz M)

Interessante é que as aulas do Rabino eram ministradas no *shabat*, dia considerado pelo judaísmo como um dia para ser guardado e dedicado exclusivamente a Deus, um dia festivo, na opinião do Rabino, por esse motivo as aulas eram descontraídas e regadas a álcool e cigarros. Os alunos tentaram o tempo todo mudar a forma do Rabino se comportar, no entanto, aprenderam a aceitar e a respeitar a figura dele. Acreditam que o mesmo provocou reflexões e mudanças na forma de olhar a vida de todos seus aprendizes, como pode-se observar abaixo:

As aulas quebraram os paradigmas; não me deixou engessado, a... a sabedoria só vem se for dessa fonte ou dessa forma, vem de várias formas. [...] Acredito que não vai arrebanhar muita gente; vai ser poucas pessoas (sic) com uma... é... circunspecto. (Aprendiz M)

Não devemos julgar as pessoas até pelos atos como eles são, mas como eles agem e o que interessa, interessava pra mim não era a forma ou discriminar como era o Rabino: se ele bebia, se ele fumava, se... a vida particular dele pra mim não dizia respeito a mim, mas sim pelo que ele tinha a me ensinar, pelo que ele tinha a passar pra mim. E aí então só agradeço, porque a vida independente dele só diz respeito a ele. (Aprendiz W)

A questão é a seguinte: que a sociedade, ela cobra a sua posição. Então, se você tem um ambiente que é de estudo religioso, que vem o idioma hebraico, a cultura, a fé, você envolve pessoas do meio evangélico, do meio católico, espírita, então, no momento do rito, no local, no ambiente, é... não é bom ter evento com festa, com bebida. É bom você, após terminar o evento, você ir pra outro local, outro evento comemorar e curtir; agora... não é bom você 'tar, no próprio ambiente que você termina... entendeu? Nem antes, nem durante, nem depois! Entendeu? (Aprendiz J)

Assim: no começo, pra quem não é acostumado, pra quem entende um pouquinho de cabala com outros rabinos e você pega aula com ele, você critica um pouco, porque ele é muito liberal! Ele é a cabeça, uma mente muito aberta. [...] A sociedade ainda não está preparado ainda pra um rabino como ele, porque ele é muito liberal, a mente dele é muito aberta, mas aos poucos eu fui me acostumando e fui vendo realmente que o ponto dele de

vista. [...] Muitas vezes ele não ‘está certo pra mim, nem pra outros porque é questão de ponto de vista, mas eu aprendi a me acostumar com a forma dele, com o jeito dele pensar. E acho [...] Gostei muito das aulas dele, do método que ele usa. (Aprendiz D)

Os aprendizes afirmam que aprenderam a não julgar, a compreender as pessoas e principalmente a aceitar os indivíduos como eles são. Entenderam que moldam em suas mentes as pessoas conforme desejam, e principalmente, aprenderam a lidar com as contradições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo desta etnopesquisa consistiu em compreender em que a aprendizagem de cabala, investigada a partir de aulas em Petrolina, Pernambuco, Brasil, pode significar inovação pedagógica. Além disso, se há inovação pedagógica neste ambiente de aprendizagem de cabala, e de que forma ele contribuiu na vida desses aprendizes.

Para compreender o contexto que seria investigado, o pesquisador matriculou-se tanto nas aulas de cabala como nas de cultura judaica e Hebraico (essas últimas apenas ministradas para o pesquisador na sua residência). Assim, durante esta pesquisa, destaca-se a persistência do Rabino em manter as aulas, mesmo com poucos participantes (o que não parecia incomodá-lo) e em proporcionar aos aprendizes momentos únicos de aprendizagem.

Durante a realização da pesquisa, através da observação participante, constatou-se que existe um vínculo de admiração dos aprendizes pelo Rabino, mesmo eles discordando do comportamento dele. Não foram encontrados indícios de inovação pedagógica: trata-se mais de uma prática de aprendizagem diferenciada ministrada por um rabino com sede de aprender e ensinar sobre o tema, pois o professor busca algo diferente para sua prática, existe uma troca de experiência e muita reflexão, em um ambiente muito informal, mas que não contempla as características da prática pedagógica inovada, havendo ainda centralização na figura do professor e ausência de margem suficiente de interação direcionada entre os aprendizes para tal. Os aprendizes viam em sua maioria as aulas de cabala estudadas como um processo que ocorria em um ambiente excessivamente informal – e que deveria se aproximar do formalismo das escolas tradicionais: estavam voltados para a imagem do professor e de seu curso, para a opinião das pessoas; a despeito disso, eles não percebiam como este ambiente e as ideias que ali circulavam estavam a incomodar-lhes a ponto de provocarem reflexões que os colocavam no lugar de quem vê-se obrigado a assumir novas atitudes perante vários aspectos da vida: as aulas de cabala levaram-lhes a novas posturas que às vezes não eram percebidas – e aquelas mudanças que eram reconhecidas faziam-nos estender sua gratidão ao Rabino que, em vão, eles tentavam encaixotar nos padrões ditos normais.

Os elementos mais evidenciados foram as discussões, o surgimento livre dos temas que seriam debatidos e refletidos durante as aulas. Não era estimulado o trabalho em grupo, talvez por ser um conjunto pequeno, no entanto mesmo assim a impressão era muitas vezes de

que o Rabino se colocava como um filósofo em praça pública para fazer as pessoas refletirem e aprenderem sobre a cultura judaica sob uma perspectiva disruptiva do tradicional muitas vezes, mas ainda assim guiada pela tradição.

Ao final dessa pesquisa não foi encontrada inovação pedagógica, pois, como afirma Fino (2011), inovar pedagogicamente significa o rompimento com “os contextos do passado” para se “criar os contextos de que o futuro necessita”. Este autor coloca a necessidade de redefinir o papel dos sujeitos aprendizes e dos professores: não é o que ocorre nas aulas de cabala: o Rabino tenta modificar a forma de aprendizagem, mas o passado ainda faz-se presente nas suas aulas. Também é viável questionar até que ponto há resistência à inovação pedagógica por parte dos próprios alunos, já que, como observou-se nas entrevistas, os aprendizes de cabala em tela mostraram-se incomodados como o *modus operandi* singular do Rabino, de modo que as suas aulas podem ser até mesmo motivo de resistência a inovações pedagógicas produzidas por eles durante a sua vida: os estudantes de cabala observados quase que exigiam que as aulas de cabala ocorressem no modelo educacional fabril.

Realizar esta pesquisa foi gratificante, enriquecedor, pois a experiência aqui analisada permitiu muitas reflexões em torno do sentido da vida, permitiu contemplar novas perspectivas e crenças.

Houve dificuldades quanto à observação dos dados devido ao fato de o Rabino e alguns dos aprendizes mostrarem-se artificiais perante fotografias, também com relação ao fato de o Rabino, num determinado ponto das aulas, querer provocar inovação pedagógica para ser constatada pelo pesquisador, porém ao final tudo encaixou-se no momento devido.

Sugere-se ao Rabino que continue com seu comportamento incomum, que continue a estimular e a ensinar a cabala com conceitos originais como os de que utiliza-se, mas com uma metodologia descentralizada da figura do professor, aproveitando os saberes dos aprendizes, inclusive no estímulo a uma interação entre eles que provoque rupturas mais assertivas no modo de aprender do passado, abrindo margem a inovações.

Por fim, apesar de não ter encontrado inovação pedagógica nessa prática educativa, este trabalho conseguiu atingir seu objetivo. De qualquer modo, considera-se o presente trabalho acadêmico como a abertura para diálogo que poderá contribuir à construção de uma prática pedagógica inovada, se for o caso.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁLVARO, J. L.; GARRIDO, A. **Psicologia Social**. Perspectivas Psicológicas e Sociológicas. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

BÍBLIA. In: Antigo testamento Isaías. V. [S.l. s.n.]. Disponível em: <http://www.bibliaon.com/versiculo/isaias_14_29/> . Acesso em: 16 jul. 2015.

BOUFLEUER, J. P. **Pedagogia latino-americana**. Freire e Dussel. Ijuí: Ed. Unijuí, 1991.

BRAZÃO, P. A Escola restante e a cultura digital: entre o déjà-vu e os novos ambientes de aprendizagem. In N. FRAGA ; A. F. KOT-KOTECKI (Org.). **A Escola Restante** (pp.209-222). Funchal: Universidade da Madeira - CIE-UMa, 2008.

BUSSE, H. **Islam, Judaism, and Christianity: Theological and Historical Affiliations**. [S.l.]: Markus Wiener Publishers. 1998.

CAROLYN, E. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emília na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

CAMPANI, Carlos. **Fundamentos da Cabala: Sêfer Yetsirá**. Edição revisada e ampliada. Pelotas: Editora Universitária/UFPEL, 2011. Disponível em: <http://www.academia.edu/9580792/Fundamentos_da_Cabala_S%C3%AAfer_Yetsir%C3%A1>. Acesso em: 29 nov. 2015.

COUTO, S. P. **Segredos da Cabala**. São Paulo: Universo dos livros, 2009.

CRIPTOJUDAÍSMO. In: **DICIONÁRIO etimológico, etimologia e origem das palavras**. Porto: 7 Graus, 2008. Disponível em: <<http://www.dicionarioetimologico.com.br/c/6/>>. Acesso em: 15 mai. 2013.

FINO, C. N. **Convergência entre a teoria de Vygotsky e o construtivismo/construcionismo**. Funchal: Universidade Madeira, 2004.

_____. **Inovação pedagógica:** significado e campo (de investigação). In: Mendonça, A.; Bento, A. V. (Orgs). Educação em tempo de mudança. Funchal: Grafimadeira, pp. 277-287, 2008.

_____. **Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP):** três implicações pedagógicas. In: Revista Portuguesa de Educação, v. 14, n. 2, p. 273-291, 2001.

FISEMG - FEDERAÇÃO ISRAELITA DO ESTADO DE MINAS GERAIS. **Sala de Imprensa 2.** Disponível em < <http://www.fisemg.com.br> > Acesso em 15.10.2014.

FREIRE, P. **Educação e atualidade brasileira.** São Paulo: Cortez Editora, 2001.

_____. **Ação cultural para a liberdade.** 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.

_____. **Conscientização:** teoria e pratica da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

_____. **Educação como prática da liberdade.** 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 29. ed, 2009.

_____. **Educação e mudança.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Medo e Ousadia:** o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa – São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAUTHIER C. et al. **Por uma teoria da pedagogia.** Ijuí: Unijuí, 1998.

GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. **Questões de método na construção da pesquisa em educação.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GOETSCHER, R. **Cabala.** Tradução Myriam Campello. Porto Alegre: L& PM, 2010.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, S.. Cultural Identity and Diaspora. In: Mongia, P. (Ed.). **Contemporary postcolonial theory: a reader**. Londres: Arnold, 1996.

HOFSTEDE, G. A summary of my ideas about national culture differences. 2009. Disponível In: IANNI, O. **Racionalização do mundo e tempo social**. Rev. Sociologia. USP, São Paulo, maio, 1996.

IRVING M. Z. **The Historical Muhammad**. [S.l.]: Polity, 2007.

JACOBS, L. **Judaism**. In: SKOLNIK, Fred. Encyclopaedia judaica. 2d ed. Farmington Hills, Mich.: Thomson Gale, 2007.

JONASSEN, D. H. **Computadores, ferramentas cognitivas: desenvolver o pensamento crítico nas escolas**. Porto, Portugal: Porto Editora, 2000.

KAPLAN, Arieh. Sêfer Ietsirá. **O livro da criação**. São Paulo: Sêfer, 2002. LESSER, J. O Brasil e a questão judaica. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

LAPASSADE, G. **As microsociologias**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

MACEDO, R. **A etnopesquisa crítica e multirrefencial nas ciências humanas e na educação**. 2 ed. Salvador: EDUFBA, 2004.

_____. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. 2. Ed, Brasília: Líber Livro, 2010.

MARQUES, L. A. **História das religiões e a dialética do sagrado**. Madras, 2005.

MORELLA JÚNIOR, J. H. **Transnacionalização e segurança do comércio mundial: a importância do poder econômico na difusão das normas anti-terroristas pós-onze de setembro e sua implementação no direito brasileiro**. 2009. 151 f. (Mestrado em Ciência Jurídica) - Universidade do Vale do Itajaí - Univali. Itajaí, 2009.

MORIN, E. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MOTTA, F. C. Prestes; CALDAS, M. P. **Cultura organizacional e cultura brasileira**. São Paulo: Atlas, 1997.

NOVINSKY, A. **Ser marrano em Minas Gerais**. In: *Revista Brasileira de História*, SP, v. 21, n.40. 2001.

OLIVEIRA, O. M. In: STELZER, J. **Introdução às relações do comércio internacional**. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2007.

PAPERT, S. **A família em rede**. Lisboa: Relógio d'Água, 1996.

_____. **A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

_____. **Logo: computadores e educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

PAPUS. **A cabala: tradição secreta do Ocidente**. São Paulo: Pensamento, 2005.

PIAGET, J. **A epistemologia genética**. Petrópolis: Vozes, 1972.

_____. **Fazer e compreender**. São Paulo: Melhoramentos e Universidade de São Paulo, 1978.

RIBEIRO, M. L.; JUTRAS, F. **Representações sociais de professores sobre afetividade**. In: Estudos de psicologia. Campinas, v.23, n.1, p.39- 45, mar 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci-arttext&pid>>. Acesso em: 03 jul. 2009.

RIBEMBOIM, J. A. **As comunidades esquecidas**. Recife: Oficina das Letras, 2002.

SARTRE, J. P. **Reflexões sobre o racismo**. São Paulo. DIFEL, 1960.

SCHEIL, A. P. **The footsteps of Israel: understanding jews in anglo-saxon England**. University of Michigan Press, 2007.

SCHEIN, E. **Guia de sobrevivência da cultura corporativa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

SCHOLEM, G. **A cabala e seu simbolismo**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SOLOMON, M. R. **Comportamento do consumidor, comprando, possuindo e sendo.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

SORJ, B. **Diáspora, judaísmo e teoria social.** In: Grin, M.; Vieira, N. Experiência cultural judaica no Brasil: recepção, inclusão e ambivalência. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

SORJ, B; GRIN, M. **Judaísmo e modernidade:** importante obra sobre identidade judaica hoje. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

SOUSA, J. M. **Educação: textos de intervenção.** Funchal: Editora O Liberal, 2004.

SOUSA, J. M.; FINO, C. **As TIC abrindo caminho a um novo paradigma educacional.** In: SILVA, B. D.; ALMEIDA, L. S. (Orgs.). Actas do VI Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia. vol. I. (p. 371-381). Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia. Universidade do Minho, 2001.

SOUSA, J.M. **Educação: textos de intervenção.** Funchal: O Liberal, 2004.

_____. **O olhar etnográfico da escola perante a diversidade cultural.** In: Revista de Psicologia Social e Institucional, 2 (1), 107 – 120, 2000.

_____. **O Professor como pessoa a dimensão pessoal na formação de professor.** ASA Editores II, [s.l.], 2000.

_____. **Globalização e (dês) igualdades:** desafios curriculares. In: VII Colóquio sobre questões curriculares. Universidade do Minho, Campus de Gaultar, Braga, 09 a 11 de fevereiro de 2006.

SOUZA, J. M; FINO, C. N. **As TIC abrindo caminho a um novo paradigma educacional.** In: Educação e cultura contemporânea: Rio de Janeiro, 2008.

_____. **Inovação e incorporação de novos saberes:** o desenho curricular de um mestrado em Inovação Pedagógica. In: Actas do VIII Congresso da SPCE, “Cenários da educação/formação: novos espaços, culturas e saberes”, 2007.

STELZER, J. **O fenômeno da transnacionalização da dimensão jurídica.** In: STELZER, J.; CRUZ, P. M. (Orgs.). Direito e transnacionalidade. Curitiba: Juruá, 2010.

SZPILMAN, Marcelo. **Judeus:** suas extraordinárias histórias e contribuições para o progresso da humanidade. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

TOFFLER, A. **A terceira onda.** Rio de Janeiro: Record, 1980.

_____. **O choque do futuro.** 3. ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1973.

VALENTE, J. A. **Diferentes usos do computador na educação.** In: Computadores e conhecimento: repensando a educação. Campinas: NIED-Unicamp, 1993.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Petrolina>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

World Jewish Population. Arquivo março 9, 2013 no website Sergio Della Pergola, Hebrew University of Jerusalem, 2010.

ZETTER, K. **Cabala:** para viver com sabedoria no mundo moderno. Rio de Janeiro: Nova Era, 2005.

APÊNDICE – DIÁRIO DE CAMPO

© Compromissos

📌 Tarefas / Objetivos

- 7h Dia: 22/10/16; Festejo da cabana (Suaish).
- Rabino babak
- 8h - Rabino benk samas e discipulo por festejo cabana com...
- 9h - Festejo na família, seja com ho-
- man, seja com mulher
- 10h - Festejo de Modestia com a família.
- Cristiani - como a história etc
- 11h - Crítica e a realidade preestabelecida (isso se refere a todos os tipos de classes -
- 12h - de classe)

13h Dia: 28/10/16

- 14h "Obedecer na regra sem compre-
- 15h - der a finalidade de b... e saber per-
- 16h - tate se b... obedecer... e imper-
- 16h - ate EU... credida, nesse tipo
- 16h - de justiça... o cumprimento de lig...
- 16h - Se pode impor limitações as pessoas."
- 17h - Rabino Yosef Aron

18h - Rabino e todos os tipos de Repr-

18h - mistos, ortodoxos, progressistas

📌 Notas / Ideias

- Daniel como o "bruto dos brutos"...
- Deus como masculino e feminino

Quarta **13** JAN

Janeiro						
D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
						31

★ Desafios

18/11/2016

☉ Compromissos ✓ 📌 Tarefas / Objetivos

7h - Modelo de gestão de disciplina
- Modelo de contrato educacional

8h

9h Aula de Casos:
- Política em temas: religião, cultura, diversidade sexual, etc.

10h - O novo, a saúde, religião, diversidade sexual, etc.
- Lei de tolerância (hipótese em tempo, local, sexualidade)

11h Um caso em determinado lugar!
- DGS (tudo isso com uma linha só)

12h Perguntar, responder, todos de acordo
to. -> sua opinião. Método de trabalho.

13h "Casos em áreas de religião, etc."

14h "do regresso" - Mahmo Youssef Akbar
do mundo com toda parte de um

15h Os seus pontos sobre o assunto
Os seus pontos sobre o assunto

16h Homossexualidade (como é quando falamos
da mesma bissexualidade)

17h

18h

Desafios

Compromissos

Tarefas / Objetivos

7h Para fortalecer a comunhão entre os Espíritos, no corpo de 15,

8h desenvolver práticas meditativas, v.b. -

9h A Bíblia proíbe perseguir bônus a pessoas e saberes outros. Para

10h usar um determinado termo que se

11h a comunhão com os Espíritos

12h Várias práticas pertencem à comunidade com os Espíritos, como

13h As pessoas, obrigadas entre si, a

14h não existe porque quer diminuir

15h comunhão com os Espíritos tem

16h um saber e mais porque anti-

17h Das 6 o além nos somos o vaso.

18h As comunhões entre os Espíritos

revela, no que se refere ao poder

vir de seus fins: ajudar

em outros nos atos (simis), invoca

não é bte.

Os Espíritos se baseia nisso. E

proibem retribuição a quem é mal

Notas / Ideias

Compromissos

Tarefas / Objetivos

7h O sub 6 tem deveres para os sal-
~~gadores~~ vigar ter, conhecer o bem e

8h O mal.
Muitas pessoas que se comu-
nicam com os Espíritos das 25 li-
ças para os olhos, mas quando

9h / as mensagens não se revelam
para eles, o outro.

10h quanto relacionamos no camin-
ho espiritual é diferente a alguns

11h temas que entregar, porque se não
tiver algumas coisas com a desti-
nada

12h material porque se entregamos
= mensagens, teremos culpa no

13h mundo espiritual.

14h todos nos temos no corpo ter-
rânico.

15h A esposa de G. chegou com o
dois controlas. Percebi que a
bina Altus o deixou com a

16h chegou de dez para 5 e não pro-
vavelmente a família dele.

17h Existem 50 formas de se receber
as mensagens espirituais.

18h

Notas / Ideias

"Nós 5 profetas de hoje,
profetas de Deus." - Rabin

Janeiro

	D	S	T	Q	O	S	S
						1	2
	3	4	5	6	7	8	9
	10	11	12	13	14	15	16
	17	18	19	20	21	22	23
	24	25	26	27	28	29	30
	31						

Domingo 24 JAN

★ Desafios

"O Cor é infame < 652 los de Espinifas" - Rabin

© Compromissos **📌 Tarefas / Objetivos** "Santos humanos"

7h Os Espinifas nos homgens estas ligadas a corpo pelo cordão de prote.

8h Se glo é rom-pila, 12 peças por v6.

9h

10h 27/05/17

11h O Rabin fala de diuho que conta no Religião.

12h O tema é transpantale. Os se pontos cabalisticos.

13h Se se um nome santo em este longo do dogmas. Os do mundo.

14h O Cor é exato. O Cabalista pensa que Deus este aqui e aqui Juan.

15h Lá aqui é dogma. Talvez olem aqui 6 exato. As igrejas pregam -

16h por o Cor o ponto de vista < 652 los se o Samento se -

17h que glo é pregar. Muitas bíblicas fakes e para o mundo futuro! 652 los

18h O exato. Este um pole caso os pontos. OS pontos estes, de tudo de maneira: > muito mais. fraco > muito mais. < 652 los > muito mais.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano © 2016. ifsertao-pe.edu.br



Segunda

25

JAN

Janeiro						
D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

★ Desafios

Os portais podem ser abertos por chaves e fechados.

Ⓢ Compromissos

As chaves devem de conha-

📌 Tarefas / Objetivos

7h

chaves: O macho e a fêmea.

8h

Os cristais são muito usados, mas os portais devem ser abertos e fechados, os machos e fêmeas com os portais.

9h

Não se deve usar machos e fêmeas para

10h

se não for para se fazer o trabalho.

11h

utilizam-se os machos e fêmeas para a realização de trabalhos.

12h

As chaves são usadas para a formação de

13h

os portais quando se usam os machos e fêmeas.

14h

Quando se usam machos e fêmeas, falam-se de machos e fêmeas.

15h

Quando se usam machos e fêmeas, falam-se de machos e fêmeas.

16h

Quando se usam machos e fêmeas, falam-se de machos e fêmeas.

17h

Quando se usam machos e fêmeas, falam-se de machos e fêmeas.

18h

Quando se usam machos e fêmeas, falam-se de machos e fêmeas.

📌 Notas / Ideias

Compromissos Tarefas / Objetivos

7h 27/02/2017

8h Aula de Ebraico

9h A Anore de Vite e a descen-
dência

10h Para ser judeu é preciso ter

11h Sangue
Fidelidade, Morte e Resurreição

12h Trabalho com muito amor de co-
rdão

13h É preciso praticar o judeu

14h Trabalho com a Bíblia. Perguntas
e respostas

15h Deus criou do mundo: Anore
de vite e orgão de vida cor-
po. Cada um é chamado de ser


16h vida, 26 Anos em plural
26 Anos e 26 Anos em plural

17h 26 Anos de Israel é Mitzva

18h As 26 letras tem um significado
em ~~hebraico~~ hebraico

Notas / Ideias

signo, orgãos sexuais cor-
relatos etc.


Quarta
27
JAN

Janeiro						
D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

★ Desafios

ENTÃO, VÁ!

Ⓢ Compromissos
✔️ 📌 Tarefas / Objetivos

7h 24/02/17

8h Tivemos o Rabin

9h com São Paulo

10h Tivemos que perguntar ao Rabin sobre o que seria o que seria a obra, pois ele tinha uma ideia

11h "Simbolologia de abertura de portas!"

12h A Simbolologia é de uma importância na vida das pessoas: religião etc.

13h A Simbolologia do corpo é idêntica à da alma, é a representação física da vida

14h O simbolismo está ligado à mente

15h A fala de um pai é muito mais do que se vê, pois é muito mais do que se vê

16h repreensão e a fé

17h A Simbolologia é a chave da porta do espiritual

18h Por isso a fé é nos outros. Por exemplo, quando se desliga a luz, a casa pode-se colocar um feto de que se sabe a existência e ele sempre aquele símbolo, há de se considerar que tal com aquilo que se sabe. A desconfiança cria o medo e a casa se materializa.

📌 Notas / Ideias

Compromissos

Tarefas / Objetivos

7h A Escala é de 80% saber o vos do do administrativo / estatístico / revelado.

8h 10h 15h 20h 25h 30h 35h 40h 45h 50h 55h 60h 65h 70h 75h 80h 85h 90h 95h 100h

9h Ao Maná Brega, Elb lis a route das pessoas e 60 copos de sentir as gar

10h gias e 6hs a semana Cada um, para abrir os cursos,

11h provas se a substituir. Não tem de precisar de garantir tudo.

12h A ideia de estar em equilíbrio sub sempre fis fazer nos tem modo.

13h ~~_____~~ ~~_____~~ ~~_____~~

14h 24/03/2017

15h A unidade jurídica: O nome (em 12 anos, a mulher com a

16h ministrada. Hora: BAH MIRA VA No horário o horário bancas a

17h mulher, de 6h a 7h, 8h, 9h, 10h, 11h, 12h, 13h, 14h, 15h, 16h, 17h, 18h, 19h, 20h, 21h, 22h, 23h, 24h

18h Após falar perguntando um cor so e outro para nos, sempre

Notas / Ideias Centralizando a ab.

A purificação dos conselhos: com 200 anos. (utensílios que se usam nos rituais.)

24/11/17

Reunião com o Dr. Roberto
 Delan.

Falar sobre a lei de controladoria
 no próprio judiciário. Várias vertentes
 mas mais fonte: a lei. Elas di-
 vergem, até brigam mas se aci-
 tam.

~~ambiente hoje estes bem mais~~

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, © 2016. ifsertao-pe.edu.br

salto, mais tarde. O Roberto foi bem

com, num de tany-ndo momento
de auto, a sup. nova "Yod", us
so com det^{p(mal)is dar} apontado, fãito a
metel.

Apesar de comenhar a fãito, o
ambiente, hãto, me pareceu com
visã de democracia.

Dr. fãito o qãto e quando fãito.
Eu tambem.

O Rabino ~~se~~ agachava-
se, tocava em nosos ombros,
fãito se fãito a lãto de.

Em detemina-ndo momento,
elo fãito sobre o estatuto de sim-
gãto. E do; me pareceu fãito
uma lãto critica e elaborã sugãto
fãito de mudãto.

Perguntei ao Dãto, de qualãto,
se elo fãito mudãto o prãto
modo de apreãto deãto deãto
emãto de apreãto deãto deãto
la com o Rabino. Elo disse qãto
o Rabino o meãto a ser umãto
apreãto e qãto elo apreãto deãto
deãto deãto

Terça 02 FEV 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29

★ Desafios
23/11 - Aula de Esboço

Ⓢ Compromissos ✓ ● Tarefas / Objetivos

7h O rabino escreve criando as cartas para
leitura de sorte como baralhos cigano,

8h mas com os símbolos de esboço, com
25 letras em Hebraico, 25 cores cores-

9h pendentes, as anjas e as pedras.
O rabino escreve com um ocular rosa, de
outra pessoa, que ele escreve usando para
usar o computador

10h

11h Antes de começar a aula, o rabino
faz um crítica das lições de esboço,

12h que são apenas teóricas, quando se
verdadeira vida por eles que ensinam a
prática.

13h

14h Depois, ele falou sobre a Sederot
das leis ritos de levítico com as 12
leis da condicional.

15h Usou as cartas, anjos, frutas
Willis, Marcos, Rabino, Ev, Deu-

16h Assuntos: linguagens bíblicas, ~~esboço~~
alto juízo, ~~esboço~~ esboço espiritual.

17h

18h A aula esboço mais democrática. Ele
concentra, ainda, a fala em si, as
suas falas foi sempre provocada
dele intervenções dos ouvintes. Disse, in-
clusivo, identificando a fala de M., que
um mês, um texto tem vários interpreta-
ções e de qualquer de quem interpretar
to, as cartas individuais.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano © 2016 ifsertao-pe.edu.br



0	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29					

Desafios

N > verbos do 1º culto judeu ->
 no sacerdotes, mais após a derrota
 tempo de reconstituir os sacerdotes

Compromissos

Tarefas / Objetivos

7h

desafios e objetivos
 N falas sobre os sacerdotes

8h

O Maimonides explica q 6 blts sã
 Espiritos -> 6 blts sã

9h

6 blts sã: capacidade de ir a
 futuro -

10h

Analyzando mais de narrativas
 Rabim fazo bltas artísticas

11h

O verbo existir em hebraico é o
 mesmo aprender "lamed" Em hebraico

12h

tole aprendidg é também um profeta -
 ser no judaísmo - D IMPORANTE!

13h

Para a cultura sã há a ideia de um
 homem pass por prova e se um crânio

14h

aquele crânio ca de alguém que mor-
 rou a fogo - morreu a fogo porque

15h

uma vida baseada por tudo -> todo al-
 guém a fogo - A pessoa q se passa e

16h

vã a experiência da família de quem
 que foi assassinado -> um há por-

17h

5º blt:
 A herança da tradição espiritual. Até o

18h

3º ou 4º grau é possível. Cada um tem
 uma tarefa de trabalhar a herança da tradi-
 ção espiritual e corporal.

Notas / Ideias

"Toda religião é verdade, toda religião
 é base de no norte e no lino." - Rabim

A herança de está atribuída a

de servir a mente espiritual. E se ser-
 ub por isso.



Quinta

04

FEV

Fevereiro						
D	S	T	O	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29					

Desafios

28/03/17

W, M, W, Ilabim

Compromissos

Tarefas / Objetivos

- 7h ~~trabalho~~ - vida tem um propósito
- 8h ~~trabalho~~ - trabalho para a vida, trabalho para a vida com amor etc.
- 9h ~~trabalho~~ - Deus recria as coisas de novas formas - processos, atitudes, situações
- 10h ~~trabalho~~ - O trabalho com controle - a falta de controle, a presença de sempre abrir a mão para os aprendizes
- 11h ~~trabalho~~ - A vida tem suas dimensões: física, psicológica, espiritual etc.
- 12h ~~trabalho~~ - falar sobre as bênçãos da Bíblia
- 13h ~~trabalho~~ - transformação de vida em situações, a interpretação de vida das coisas da Bíblia
- 14h ~~trabalho~~ - Espírito Santo
- 15h ~~trabalho~~ - as bênçãos são dadas aos que vivem sobre as bênçãos
- 16h ~~trabalho~~ - sempre os assuntos surgiam a partir dos alunos, mas ele explicava
- 17h ~~trabalho~~ - por os alunos, o cristianismo é uma influência humana, Jesus não foi o messias
- 18h ~~trabalho~~ - as coisas com o coração e lápis

Notas / Ideias

~~Elabore um texto sobre...~~

- A busca de justiça!
trabalho vivo!



Sexta

05

FEV

Fevereiro

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29						

★ Desafios O judaísmo se acredita no Jiu-tanismo → validade, no competitivo entre o bem e o mal. O cristianismo, sim.

☉ Compromissos Tarefas / Objetivos

7h Bem e mal, domínio de Deus, etc. Deus exige... O bem e o mal são...

8h Deus de Deus. O mal é uma interpretação... sempre limitada.

9h 1. Gênesis capítulo 22. Estórias de Cascares. O Shema também é uma forma de Credo.

10h 2. Eu discordo do Maluco com re...

11h 3. O filme de Hamlet e ele as reflexões, escrita... ideias.

12h Atô 2 "bucala de Tejobol" tem um propósito.

13h

14h 05/12/17

15h Auto de Cabelo. Eu, Roberto, M. e W.

16h As auto de Cabelo estas são de plant... para fora deste espaço. Quem quer que...

17h O Roberto utilizo apostilas e não auto... como → escola com pl "conseguir...

18h alunos ganhar status" Quem ele para fazer o seu curso mais comercial.

① Notas / Ideias Se a gente as escolas comiss. "Quo é lo figet apresentavel - se. nsta hbr etc." Quem quer que estas auto sejam... com o nome de Cabelo, mas de cultura judaica.

BLT

Sábado AS 16 2015

Fevereiro

0	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29					

Desafios O dinheiro.

O dinheiro no judaísmo diz, esobolisticamente, que o dinheiro tem a 3ª Tª -

Compromissos 12 Tarefas / Objetivos Elab 50

7h Está abaixo de Eternos.

8h Está abaixo de Eternos, portanto as potências de Deus.

9h A alma, bsbu, tem deocratis nos poder de fbr. O Robin bsbu tem deocratis.

10h O lantem tem poder de crisar.

11h Os 22 nomes de Deus são cada um bsbu. Est bsbu é Equiva lantem a no feren, qual caracteris tics de Deus.

12h Tem que se comprar tem que se pagar.

13h Quem tem muito gash pau.

14h O di-hem é no Engriz.

15h O investimento deve ser em casos e situações que tragam retorno.

16h Para se relacionar com x (enlogu) dinos, é necessário 2 trocas energéticas.

17h O Robin, hoje, se prepara em br respostas que são questionados por que a própria pergunta chegou comhecimento.

18h O dinheiro é esobolistic! Os 10% de gash pau são para os sacerdotes/sacerdotas ou para fazer caridade pl. algum (Hebraico escrito é também justico).

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano © 2016 ifsertao-pe.edu.br

Domingo 07 FEV

0	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29					

★ Desafios O modo como lidar com o dinheiro depende da sociedade onde se vive. > pessoas que insistem, de forma errada, de espiritualidade de cada um > busque-se > pessoas

☉ Compromissos ✔ Tarefas / Objetivos

7h Entender como melhorar pontos que gostam de um trabalho simples

8h trabalhar com equilíbrio

9h Para realizar a justiça social é preciso ser um líder, os outros o compartilham.

10h



UNIVERSIDADE da MADEIRA

Centro de Ciências Sociais
Departamento de Ciências da Educação
Mestrado em Ciências da Educação - Inovação Pedagógica

Tema: Ambiente de aprendizagem de cabala e a inovação pedagógica

Orientador: Dr. José Paulo Gomes Brazão

Diário de Campo

As aulas custam de cem a duzentos reais por mês para mim, de acordo com aquilo que posso pagar. Não sei se é assim o combinado com todos os aprendizes; não achei conveniente questionar este tema com o Rabino. Ele colocou como condição para que eu frequentasse as aulas de cabala um curso paralelo de hebraico e cultura judaica.

Aula de Cabala do dia 22 – 10 – 2016

Ocorreu a Festa da Cabana antes de eu chegar no ambiente de aprendizagem propriamente dito.

O Rabino estava alcoolizado – e, apesar disso, dava sermão ao discípulo F porque este vivia pelas ruas caindo alcoolizado e as pessoas questionavam por que um membro de sua comunidade se comportava assim. Uma das frases do Rabino a F foi: “Forme uma família, seja com homem ou com mulher!”.

O Rabino iniciou sua aula falando do dinheiro e de como ele move mesquinamente as relações humanas. Deu como exemplo disso a medicina, que, segundo ele, era

mercenária e movida mais pelo ganho e pelos interesses da indústria farmacêutica do que pelo desejo de curar. Exemplificou igualmente com o cristianismo que, segundo ele, estava sendo movido não pelos ensinamentos de Jesus, mas pelo dinheiro.

Ele disse que várias vezes foi chamado de *louco* por sair do modelo preestabelecido para um Rabino, principalmente no que diz respeito ao arquétipo dos rabinos ortodoxos, quanto ao seu comportamento. Mas que não se importava. Ele disse isso para justificar o fato de eu talvez estranhar seu comportamento (foi o que entendi, mas posso estar errado).

O ambiente era um quintal da periferia, com varais de roupa e velharias, com cadeiras dispostas em círculo no chão (em terra), onde se degustava vinho e pão com azeite e sal.

O Rabino estava fumando e, em determinado momento, pedi para tirar uma foto dele. Ele então disse: “Peraê!” (corruptela de “Espere aí!”), jogou fora o cigarro, fez pose de fotografia... Eu percebi a partir daí que as fotografias tirariam a naturalidade do ambiente e prejudicaria a observação dos dados, pois, em outros momentos, o Rabino, nas conversas iniciais que tivemos para que eu fosse autorizado a frequentar as aulas, quando eu chegava sempre pedia para a sua esposa arrumar a casa, se vestir melhor etc.

Apesar de nós, os aprendizes, termos o direito de falar e questionar o que quisermos, brincar e até criticá-lo caso quiséssemos, a aula foi centralizada em seu discurso.

Além de mim e F (homem negro, gordo mas cuja massa corpórea não é tão sobressalente devido a sua altura; filho adotivo de família de políticos de Petrolina, tido como uma ovelha negra bem-quista; aparentemente uns 35 anos), como aprendizes, estavam presentes também D (homem da periferia mas empreendedor na área de fornecimento de sinal de internet; baixo, moreno, usa óculos e é mulhereengo; aparentemente uns 32 anos).

A aula iniciou com degustação de vinho, oração do Rabino para abençoar pão e sal.

Depois, ele começou com uma fala: “Obedecer uma regra sem compreender a finalidade dela, não saber por que se está obedecendo, não é importante. Eu não acredito nesse tipo de judaísmo. O conhecimento religioso pode impor limites às pessoas”.

A partir daí ele disse que era rabino de todas as linhas judaicas, mas também que não era de nenhuma.

Todos estávamos sentados (eu, o rabino, F e D), em círculo, no ambiente do quintal da casa que ele morava nos fundos de uma propriedade, com os mesmos aspectos descritos na aula anterior.

O Rabino explicou o significado de Daniel, que chamou de “o bruxo dos bruxos”.

Mandou comprar cervejas junto com D e distribuiu entre nós.

Explicou que a reencarnação existe, que a ressurreição era tomada, apresentada antigamente com o sentido de reencarnação – e que nem todos os judeus entendiam. Mas que a ressurreição no sentido de trazer um corpo à vida também existe para os judeus, mas ele não acredita nessa hipótese a não ser em casos raros.

Disse também que Deus é masculino e feminino e que na língua hebraica existem termos que expressam o feminino de Deus. Nesse contexto, disse que o homem é igual à mulher. E nesse contexto, como condenar a homossexualidade e a bissexualidade?

O Rabino desenvolveu a aula sempre perguntando a nós para que elaborássemos uma resposta ou outras perguntas – para ele ou entre nós mesmos – até chegarmos a certas conclusões, mas ao final sempre passava a visão que tinha, que era uma interpretação no contexto do judaísmo.

Segundo o Rabino a religião era um conceito bom, mas que estava em ressonância com o livre-arbítrio dos religiosos, que sempre tentavam explorar a ideia de pecado para melhor dominar.

Tomamos mais cerveja e saímos, naturalmente terminando o assunto devido ao horário (todos tínhamos que voltar para casa; leva-se em conta o perigo da rua, os afazeres do dia posterior, os laços de família e seus questionamentos etc). Ele não *terminou* oficialmente a aula.

Percebi que esses conceitos de respeito à homossexualidade e à bissexualidade feriram salutarmente os outros aprendizes e os fez pensar. Como era um tema caro para mim, fiz notar a minha concordância com as ideias expostas, porém sem tanta ênfase.

Aula de Cabala do dia 04 – 11 – 2016

Estávamos todos no mesmo local, porém hoje conheci mais dois aprendizes da turma: J (vigia do município de Petrolina e aspirante a vereador da cidade; homem de seus quarenta e poucos anos, moreno, bigode, barba e estatura média) e G (homem mestiço, também vigia da Biblioteca Municipal, protestante mas aspirando ingressar no judaísmo através do retorno; moreno, carrega consigo vários dos costumes trazidos pelas igrejas evangélicas, que aliás destoam dos modos judaicos).

O aprendiz J informou ao Rabino que uma rádio queria fazer uma entrevista com ele, quando G falou ao Rabino que ele deveria melhorar a aparência, parar de beber e de andar bêbado pelo bairro. “O pecado é você se privar de certas coisas para agradar os outros”, respondeu o Rabino.

A partir daí, estabeleceu-se uma discussão entre J e G, que defendiam a mudança de postura do Rabino, e D, F e o Rabino, que não queria mudar para agradar ninguém e a partir daí arrebanhar seguidores. Foi num desses instantes que ele resolveu que o tema da aula seria o apego às aparências. Falou que vários profetas

foram estigmatizados em virtude de sua aparência, que a meta da vida era a felicidade, que se resumia na paz da consciência, e que era impossível a pessoa ser feliz e ter paz só tentando agradar os outros.

Então estabeleceu-se uma discussão onde D e F sustentavam que parar de beber para agradar seria “ficar como os crentes hipócritas, pois do que adiantava se fazer de santo?” e J e G que queriam e argumentavam a favor de que o Rabino precisava não só melhorar a aparência mas também mudar para uma casa melhor a fim de inspirar confiança.

A aparência do Rabino é: homem franzino, branco, de mais ou menos 1,70 metros, barbicha no queixo e bigode leve, sempre de roupas que demonstram sua quase inexistente vaidade quando em casa, mas, em eventos, coloca não raro um terno e se veste melhor; quem olha para ele, a julgar como julga o vulgo, diz que ele é um homem sem cultura, o que se desfaz após algumas horas entabulando diálogos com ele, quando se percebe que ele possui largos conhecimentos de cultura judaica, medicina, filosofia e fala alguns idiomas como grego, hebraico, inglês e espanhol.

Bebemos muito vinho e cerveja. A aula acabou, de novo, sem que ele anunciasse isso – e os demais aprendizes não perceberam, mas estavam aprendendo sobre o tema, pois para eles tudo não passou de uma discussão apaixonada de onde saíram com um misto de irritação e, para J e G, decepção com o Rabino, que deixou claro que não mudaria de postura.

Aula de Cabala do dia 18 – 11 – 2016

O Rabino fez a bênção do pão, do vinho, do azeite e do sal. Tomamos.

Estávamos todos sentados em círculo: eu, G, F, D e J.

O Rabino pergunta: “Vocês querem que a aula seja sobre o que hoje?”. Todos calam. Eu, então, provoco: “Sexo”.

O Rabino então discorre sobre o mal: que o mal depende do ângulo de visão, o que é mau para uns, para outros não é. Sobre a salvação: o tema tem sido utilizado para dominar as massas através do medo, mas é D'us quem irá decidir, segundo seus critérios justíssimos sobre o futuro de todos nós; e, se sofrermos agora depois dessa encarnação, teremos outras para refazer os enganos. Sobre a religião: uma criação humana para satisfazer às necessidades espirituais dos seres humanos, mas que vem sendo manipulada de acordo com os interesses dos religiosos dominantes. Sobre a Torá: uma lei sábia mas feita para um povo num tempo, lugar determinados; há leis na Torá que são civis, outras divinas – as civis são adaptáveis e adaptadas. As pessoas querem regular a sexualidade baseadas em leis civis antigas, adaptadas a povos nômades e sem informação, com conhecimento restrito, cujos dominantes queriam coibir qualquer insurgência contra eles; é D'us quem julga a sexualidade, e, como já vimos na aula anterior, agrega a natureza masculina e feminina; o Rabino então se diz um professor (os rabinos não são sacerdotes, mas professores) progressista – e fala que os judeus, por onde vão, respeitam as leis do país onde estão; termina dizendo (reforçando) que cada um gosta do que gosta, e que a homossexualidade e a bissexualidade não são pecados.

A metodologia da aula foi escorrendo no mesmo estilo, com o Rabino questionando e deixando questionar e questionando depois em cima das colocações dos aprendizes até chegar às conclusões acima. De certa forma as conclusões são dele, e chocam os membros, como G (de tradição protestante).

Uma frase do Rabino me chamou a atenção: “Cabala vai além de religião, além das regras”.

Dando acesso ao quintal onde ocorrem as aulas, há um corredor que leva à casa do Rabino e outro quartinho em frente. Sempre há pessoas entrando livremente para tratar de outros assuntos com outros moradores (trata-se de um bairro de periferia).

Observa-se que os aprendizes têm tradições cristãs bem arraigadas, pois falam de cristianismo e tentam fazer um paralelo entre os ensinamentos do Rabino e a doutrina cristã a todo tempo, inclusive para julgá-lo como confiável ou não, com exceção de F, que parece entre os aprendizes o mais imbuído das doutrinas judaicas – aliás, dentre os aprendizes, F é o único que se autodenomina judeu

religiosamente falando (porque, segundo o Rabino, judaísmo é uma raça, uma filosofia e uma religião).

A aula terminou quando foram esgotadas as discussões. Entramos em assuntos comezinhos e fomos depois para nossas casas.

Aula de Cabala do dia 25 – 11 – 2016

Cheguei, esperei um pouco e chegou depois apenas F.

O Rabino abençoou o pão, o azeite de oliva, o vinho e o sal. Durante a bênção, chegou J.

O Rabino informou que a aula dele ia ser para arrematar o assunto da aula anterior. Disse então que o nome de Jesus (Yeshua, em hebraico = Deus salvador) tinha sentido inclusive quanto a isso. Lembrou que Yavé, de onde deriva Jesus, significa “sou o que sou” – e não define nem masculino nem feminino; mas que, como havia explicado, há nomes de D’us que indicam naturezas femininas e masculinas. Perguntou então quantas vezes eles viram na Bíblia Jesus discriminando homossexuais e bissexuais... Eu falei de Jônatas (provavelmente homossexual) e Davi (bissexual), cujo amor é descrito na Bíblia. J se chocou com a minha colocação e falou que era um amor de amigo. O rabino confirmou que era uma relação sexual – e que Davi chegou a dizer que o amor de Jônatas, para ele, era mais caro que o das mulheres.

Cada um, portanto, pôde falar livremente, sem que as opiniões contrárias às do Rabino fossem tidas como avessas às regras. Havia um movimento claro do Rabino em tirar da zona de conforto os aprendizes.

Ao final, quando todos foram embora, o Rabino me chamou para dizer que J e G haviam ligado para ele para falar que ele não deveria apoiar essas ideias de homossexualidade em público, que isso era prejudicial à imagem dele e que essas ideias não eram condizentes ao judaísmo. Eu então perguntei a ele se eram fundamentadas no judaísmo e ele disse que sim: que o judaísmo é formado por

várias vertentes, não só a ortodoxa; que vários judeus aceitam e outros tantos condenam a homossexualidade e que ele estava entre aqueles que aceitavam; ele argumentou que Israel não discriminava os homossexuais e que nos Estados Unidos, por exemplo, a maior parte da comunidade judaica era progressista.

Anotei, disse ok e fui embora.

Observação: J, que é divorciado e machista, me adicionou no Facebook e passou a me paquerar, inclusive me enviando fotos de seus órgãos sexuais. Claro, neguei, e, penso eu, por este motivo ele se tornou gradativamente menos frequente ao círculo dos aprendizes de cabala no qual estudo.

Aula de Cabala do dia 16 – 12 – 2016

O Rabino foi para a diplomação do prefeito de Petrolina – PE e não houve.

Aula de Cabala do dia 23 – 12 – 2016

O Rabino foi para a sua cidade natal, no interior do estado de Pernambuco, e não houve. Avisou que diria quando retornariam as atividades, na sua volta.

(Recebi um telefonema dele avisando que as aulas retornariam dia 20/01/2017.)

Aula de Cabala do dia 20 – 01 – 2017

Retomando: houve um período de interrupção das aulas entre 16/12/2016 e 13/01/2017; no dia 16/12/2016 o Rabino foi para a diplomação do novo prefeito de Petrolina – e os estudos não acontecem sem ele; no dia 23/12/2016 ele foi para a sua cidade natal visitar a família; no dia 30/12/2016, sendo véspera de fim de ano, não houve aula porque o Rabino estava comemorando. Dia 31/12/2016 viajei de férias pré-programadas de trabalho, retornando apenas no dia 15/01/2017.

Quando chegaram os alunos – eu, F e N (esposa do Rabino, que agora começou a frequentar as aulas; mulher negra, de estatura alta, compleição forte, católica e devota de Nossa Senhora, extremamente sincera e sem papas na língua; gosta de beber tanto quanto o Rabino) – o Rabino fez a cerimônia do shabbat abençoando o pão e o vinho, o azeite e o sal.

Em seguida, todos ainda com copos de vinho na mão, o Rabino anunciou os temas da aprendizagem de Cabala de hoje: a desconfiança e a comunicação dos espíritos.

Sempre falando, deixando que perguntassem e se expressassem os aprendizes quando quisessem, sobre a desconfiança, disse que ela é um direito. Que o modo de lidar com a desconfiança é a referência; através da referência, nas relações sociais, podemos lidar com a desconfiança.

Já a respeito da comunicação com os espíritos, ele disse que psicólogos, psicanalistas, tratam do espírito, e que religiosos também, só que cada um com uma técnica diferente.²⁹ O espírito teria muito a ver com a Cabala, pois quem pensa é o espírito, e o pensamento é o *recebimento*³⁰ de Deus das ideias, portanto também cabala. A mente seria capaz de se contactar com Deus, com os anjos e com todos os espíritos que existem; a prática dessa conexão tornaria cada vez mais a pessoa a hábil a comunicar-se com esses 3 tipos de entes, o problema é que não se pratica tanto quanto deveria. A telepatia é uma comunicação espiritual – e na cabala existem 50 portais espirituais. Formas de se aprimorar nossa capacidade de se comunicar com os espíritos são a meditação e o relaxamento, entre outros. A Bíblia

²⁹ Aqui eu percebi que o Rabino estava fazendo alusão a mim, talvez para me agradar (sou psicanalista).

³⁰ Lembrando que Deus é uma conjectura filosófica, não uma realidade científica, motivo pelo qual, se o cabalista “recebe” alguma coisa, não estaria recebendo de si próprio?... Eis porque o verbo não vai de encontro à inovação pedagógica.

proíbe a comunicação com os espíritos dos mortos porque na época em que foi escrita o povo era rude e até hoje também existe o perigo de a pessoa não voltar e permanecer mentalmente em outra dimensão (o Rabino deu o exemplo de um arma, que para utilizá-la a contento deve-se saber como e o que fazer, em comparação e este perigo). Vários judeus praticaram a comunicação com os espíritos, como Moisés, Jesus e Saul. As outras religiões dizem que a comunicação com os espíritos não existe porque desejam dominar seus fiéis, pois quem se comunica com os espíritos possui um saber a mais indesejado pelos dominadores e desenvolve a sua espiritualidade. Essa relação pode acontecer de várias formas, como no corpo ou fora dele (quando a pessoa dorme, sai do corpo), através da intuição, um sinal, uma aparição etc. Os espíritos podem ser bons ou ruins, cabendo a nós distingui-los (para nos salvaguardar, devemos conhecer o bem e o mal). Muitas pessoas que se comunicam com os espíritos dão lições aos outros, mas quando os espíritos dão lições para elas, elas não ouvem. Quando recebemos qualquer comunicação espiritual endereçada a alguém, temos que entregar, pois se acontecer alguma coisa com o destinatário porque não entregamos a mensagem, teremos culpa perante o mundo espiritual. O corpo espiritual é o corpo teofânico. Os espíritos dos homens estão ligados ao corpo teofânico pelo cordão de prata.

Neste momento da aula, a esposa de G chegou com ele; ela é protestante e percebi que o Rabino filtrou o seu discurso com a chegada dela, a fim de não granjear uma inimiga das intenções de G em converter-se ao judaísmo.

A partir daí, as divagações místicas se tornaram mais terra a terra, até partir para a conversa informal sobre coisas do dia a dia.

Entre frases que anotei da fala do Rabino, estão:

“Deus é o oleiro, nós somos o barro; não adianta dizer o contrário.”

“Nós não precisamos de religião, precisamos de Deus.”

“Céu e inferno são estados de espírito.”

Aula de Cabala do dia 27 – 01 – 2017

Foi realizada a cerimônia do shabat, quando o Rabino abençoou o pão e o vinho, bebemos e comemos e fomos para a porta da sua casa para a aula. Estávamos eu, F, N e o Rabino.

O Rabino informou que o tema seria prosperidade. Falou do dinheiro que entra nas religiões – o que mantém o interesse dos comandantes das religiões em toda a estrutura de poder formada a partir daí. Disse que acessando os 50 portais cabalísticos seria possível alcançar a prosperidade – e que ela não significava necessariamente o progresso material, mas aquilo que cada indivíduo entenda como tal no sentido de sentir-se feliz com o desenrolar da vida. Perguntei quais seriam esses 50 portais, ele desconversou, perguntando: “quais você acha que são?” e aduzindo: “não darei respostas prontas, cada aluno tem que seguir seu caminho espiritual na cabala diante de sua busca”. Então ele falou que José viu num sonho uma escada com 10 degraus e que esses degraus são os 10 mundos da Árvore da Vida. Ele disse o nome dos mundos na Árvore da Vida e comentou que iria explicar melhor numa próxima aula. F apenas anuí e reforçava o que ele dizia, mas os aprendizes não eram impedidos de se expressar. “O Céu é agora. O cabalista pensa que Deus está aqui e agora, que temos que viver bem aqui e agora. Fazer o bem aqui e agora.” (Frases que anotei do Rabino durante sua fala.) Criticou as igrejas, que pregam um Céu distante, para onde só se pode ir caso se faça o que elas pregam. Frisou que nenhuma bênção judaica é para o mundo do futuro, mas para o agora. Ainda sobre os portais – aqui percebi que o Rabino queria atizar a nossa curiosidade – ele disse que cada um pode criar os seus portais cabalísticos, pois eles estão na mente de todos. Os portais podem ser abertos por “chaves” e “machados”; as “chaves” advêm do conhecimento, o “machado” é a fé (como a colocar na ideia de machado uma abertura abrupta, que envolve certo esforço e força no sentido de arrombar a porta). Segundo o Rabino, os cristãos usam muito o “machado”, mas os portais cabalísticos devem ser abertos e fechados – e os “machados” escancaram os portais. (Notei que o Rabino estava de bermuda, sandálias de plástico e camisa simples, desprovido de cerimônias.) Ele frisa que não quis dizer que os judeus não utilizam a fé, mas que no judaísmo há uma valorização do conhecimento. A fé acessa, mas o conhecimento dá a ferramenta para

acessarmos os portais e lacrá-los quando bem entendermos, oferecendo-nos assim maior liberdade no domínio da técnica. Assim, para se utilizar os portais cabalísticos no sentido de se atingir a prosperidade, devemos levar em conta a saúde, o dinheiro, os amigos, a noção individual e coletiva de felicidade etc.

G e a esposa chegam. G leva a esposa para que ela não fique com ciúme de suas idas às aulas sozinho – ela deve ficar desconfiada porque o Rabino bebe, fuma – e ela é evangélica, mas a esposa de G não é uma aluna do curso de cabala.

Ainda sobre a prosperidade, o Rabino falou que no Hebraico não se conjugam os verbos ser e ter, pois só Deus é quem *tem*. Assim, prosperidade segundo seus ensinamentos é empréstimo de parte do usufruto de Deus.

Noto que, depois que G e a esposa chegam, a aula não se alonga muito – primeiro porque eles quase sempre estão atrasados, depois porque se o Rabino desagradar a esposa de G ele não virá mais para as aulas (isso não acontece necessariamente porque ele não quer perder o aprendiz, mas porque o Rabino quer que G siga na estrada que deseja, o judaísmo; há, é claro, o interesse pela ovelha que lhe trará o dinheiro do chamado *retorno* e também daquela alma, mas vale ressaltar que além da preocupação pela sobrevivência em Yossef, noto nele o profundo amor pelo ser humano).

Tenho notado, também, que o Rabino é uma figura de muita inteligência, mas, ao que se refere à inovação pedagógica, ele não consegue a não ser pontualmente demonstrar sinais, centralizando em demasia em sua própria figura as aulas de cabala.

Aula de cabala do dia 17-02-2017

Nos dias 03 e 10 de fevereiro não houve aula porque o Rabino estava gripado, mas a esta altura não penso que encontrarei de inovação pedagógica a não ser vestígios de possibilidades; de qualquer forma, isso ficará demonstrado mais adiante na

escrita da dissertação, no cruzamento analítico necessário entre a teoria e os dados observados.

Nesta aula, Yossef Arbaim explicou vagamente a respeito da Árvore da Vida. Deus criou 10 mundos, simbolizados na Árvore da Vida pelas 10 zefirá (no singular, zefiroth). Cada mundo representa um estado de evolução no ciclo do Universo; esses são mundos energéticos, não são planetas. Cada zefiroth é regida por um anjo; cada pessoa está num desses estados de consciência chamados zefirá, assim como cada coletividade; desse modo, cada pessoa e cada coletividade é regida por um anjo também. Há igualmente em cada zefiroth uma cor predominante, um signo que a representa, órgãos corporais onde as zefirá estão imantadas etc. Um dos modos para saber qual o anjo da guarda que nos rege e em qual das zefirá está a nossa consciência é através da data de nascimento. Meu anjo da guarda, segundo o Rabino, é Gabriel.

Segundo o Rabino, nesta aula, para ser judeu não é necessário ter sangue judeu, mas praticar o judaísmo.

Estávamos presentes na aula eu, F, N e o Rabino. Estou gripado também e com muita dor de cabeça.

O Rabino desenvolveu a aula da seguinte forma: trouxe a Bíblia na mão, e fez a nós perguntas sobre o tema (Árvore da Vida); nós respondíamos segundo nosso entendimento. F respondia mais corretamente, pois ele já é judeu praticante – percebíamos que a resposta estava certa porque o Rabino confirmava. Quando errávamos, o Rabino fazia outras perguntas até que, ao não chegarmos ao ponto em que ele queria, dava a resposta, ou, se déssemos a resposta que ele considerava correta, pedia para que a justificássemos.

O Rabino está sempre vestido de maneira informal (camisa e bermuda, sandálias de plástico).³¹

³¹ Esta observação não é mero registro sem importância, tendo em vista o formalismo que a figura do rabinato geralmente encerra; denota que Yossef Arbaim está menos apegado à forma das cerimônias que os outros pares – e isso pode ter relevância nesta pesquisa.

Aula de cabala do dia 24-02-2017

Estávamos eu, F e o Rabino.

O Rabino fez a cerimônia do shabat abençoando o pão, o vinho, o azeite e o sal. Bebemos e comemos.

O Rabino começou a falar da sua experiência em São Paulo... Tive que perguntar a ele sobre qual tema seria a aula, pois ele indagou demais...

Ele respondeu:

- Simbologia e abertura de portais.

Segundo o Rabino, a simbologia é de suma importância na vida das pessoas: está muito presente nas religiões, nas relações sociais em geral. Continuou dizendo que a simbologia dá corpo à ideia, que a simbologia é a representação física da ideia. Aduziu: o símbolo está ligado à mente (a foto de meu pai e minha mãe não são minha mãe nem meu pai, mas os representam); a simbologia é a chave do portal espiritual; por exemplo, quando se deseja alguma coisa, pode-se colocar uma foto do que se quer num local, ou escrever, e ver sempre aquele símbolo, e haverá uma conexão mental com aquilo que se quer, e se conseguirá; a criação acontece na mente, muitas vezes através dos símbolos, e depois se materializa; a cabala é feita de 80% com saber e o restante de adivinhação/misticismo/revelação.

O Rabino falava, e, apesar de não proibir nunca nossa fala, centralizava a aula. Mas também ele trazia informações que não sabíamos – pelo menos não daquela forma, sob a perspectiva judaica.

F comentou sobre um mentalista israelense que foi para o programa da Ana Maria Braga; ele via as pessoas e era capaz de saber o pensamento delas e a energia que elas emanavam, segundo F.

O Rabino, depois de comentarmos sobre o programa, aduziu que cada um, para abrir os canais, precisa “se descobrir” (se conhecer); nem todo mundo precisa desenvolver tudo, mas aquilo de que necessita na sua vida; a vocação de cada um é

aquilo que sempre quis fazer, mas tem medo, eis porque a autodescoberta é tão importante.

Observação: a esta altura da pesquisa estou desanimado porque não encontrei inovação pedagógica. Cogito até mesmo mudar de projeto. Mas é cedo para concluir isto.

Decido então ir até o fim na observação dos encontros.

Aula de cabala do dia 24-03-2017

O Rabino fez a bênção do vinho, do azeite, do sal e do pão. Bebemos e ele começou a aula.

Estávamos eu, o Rabino, N e F.

O Rabino explicou que queria falar sobre algumas peculiaridades da cultura judaica. Disse que entre os judeus o menino se torna maior aos 12 anos e a menina na menstruação. Que no divórcio o ex-marido sustenta a esposa até ela arranjar outro marido ou se sustentar sozinha.

O Rabino nesta aula apenas falou, perguntando vez ou outra uma coisa a cada um de nós, mas centralizando a aula. Disse também que a purificação dos utensílios usados nos rituais do judaísmo é feita com água morna. Explicou igualmente que a menstruação no judaísmo é considerada algo impuro, porque aquele sangue é o rejeito de um óvulo que não vingou; por isso a mulher fica considerada impura para o judaísmo ortodoxo nesse período.

O Rabino parecia meio entediado, não sei se preocupado com alguma coisa. Estava de calça surrada, camisa de botão aberta (fazia calor apesar de ventar levemente de vez em quando) e chinelo de borracha barato.

O ambiente não tinha alteração a respeito do descrito até aqui.

A aula terminou então sem muito envolvimento meu, de F ou de N. Parecia monótona.

Observação: O Rabino me chamou para perguntar sobre inovação pedagógica, na casa dele, numa manhã da semana subsequente. Eu disse a ele que não se importasse, que podia continuar suas aulas que estava tudo ok (não queria falar em inovação pedagógica teoricamente com ele conforme entendíamos na Madeira para não influenciar a observação dos dados – não julguei pertinente, não era a metodologia adotada). Ele então insistiu em fazer uma aula na casa de Fafá, uma amiga que eu havia lhe apresentado, onde faríamos um ritual de cabala; pediu que eu solicitasse a ela o espaço para que fôssemos todos para lá na próxima aula. Eu falei com Fafá (uma pedagoga e professora que foi minha colega de faculdade mas também minha amiga desde meus 17 anos; mulher negra, composição somática forte, inteligente e que gosta de novidades; mora sozinha numa casa de três cômodos, porém aconchegante; de caráter alegre e solícito) e ela anuiu pois havia gostado do Rabino, achando-o inteligente e original.

Aula de cabala do dia 31-03-2017

Estávamos o Rabino, eu, D, F e Fafá (que não é aprendiz de cabala mas aceitou fazer o ritual na casa dela, a pedido do Rabino intermediado por mim). O Rabino demonstrou a todo instante uma simpatia forte pela nossa anfitriã, que de fato possui ares cativantes.

A mesa estava particularmente farta de comida e bebida (nos revezamos para levar os pratos e acompanhamentos). Além disso, o Rabino pediu dois metros de fita vermelha, papel ofício, mais os tradicionais azeite, vinho, sal e pão.

Nos reunimos em torno de uma mesa de madeira, o Rabino na ponta. Ele abençoou o pão, o vinho, o azeite e o sal. Pediu que um a um escrevêssemos nossos nomes em sete tiras de papel ofício branco e colocássemos numa vasilha com azeite;

acendeu velas, fez uma oração e comemos do pão embebido em azeite e melado com sal, bebemos do vinho tinto suave. Leu um trecho da bíblia e em seguida chamou cada um de nós, leu mais um trecho (o Salmo correspondente à nossa idade) e fez revelações a cada um de nós (sobre o presente, o passado e o futuro), ao final de cada revelação ele recitava uma prece em hebraico. Depois o Rabino pediu que cada um de nós pegasse um pedaço da fita vermelha e fizéssemos 7 nós formulando 7 pedidos diferentes; disse que guardássemos a fita e que, na medida que cada nó fosse se abrindo naturalmente, o pedido correspondente estaria sendo atendido.

Ele perguntou para todos os presentes:

- Isso é cabala, entenderam? Recebimento... Eu recebi de D'us as informações que passei a vocês. Agora vocês podem receber de várias formas, não precisa fazer esse ritual. Qualquer informação que vocês recebem vem de D'us³².

Após este ritual, comemos bastante e conversamos com o Rabino sobre os mais diferentes temas, como judaísmo, cabala, política, vida pessoal etc³³. Tudo regado a vinho e cerveja. Como era uma situação interessante e inusitada, ficamos todos muito curiosos a respeito do ritual, menos F, que ia inclusive nos explicando algumas coisas também. O ambiente estava descontraído inclusive porque estávamos todos bêbados a certa altura. Umás duas horas da manhã cada um foi para suas casas.

Aula de cabal do dia 07-04-2017

O Rabino combinou que iríamos para a aula na casa de um dos membros da comunidade judaica de Petrolina, no seu bairro mesmo. O motivo é que comemoraríamos também o seu aniversário.

³² Os judeus não são aconselhados a falar o nome "Deus", mas apenas D'us. Usam o nome "Deus" apenas em rezas, do contrário seria tomar o nome de Deus em vão.

³³ Não tem jeito: o Rabino sempre atrai as conversas e as perguntas como se fosse uma fonte de onde matamos a sede; é algo natural dele; sempre ocorre naturalmente inclusive em outras ocasiões onde pude observá-lo em diversos ambientes que não o das aulas.

Como se tratava de uma festa, compareceram eu, J, F, N, D e G com a esposa. Além de nós, toda a família do aniversariante (mulher, cinco filhos e três netos) estavam no local – uma casa pobre, à beira da pista de asfalto, onde o patriarca que completava 56 anos mantinha a sua fonte de renda: uma oficina de carros. Não faltava alegria, bebida.

O Rabino, já bêbado, abençoou o vinho, o azeite, o sal e o pão. Todos comemos conforme manda o figurino.

Estávamos sentados na calçada, o Rabino pediu para baixarem o som e disse:

- Hoje o tema é alegria!

E falou que a alegria é parte integrante do judaísmo. Que os judeus sempre celebram para agradecer a Deus, que o próprio shabat é uma festa de agradecimento. (Ele era interrompido sempre por um ou outro que levantava o copo de vinho ou cerveja e exclamava coisas como: “É isso aí, Rabino!”) Que a alegria era um portal cabalístico e por isso a Bíblia mandava nos alegrar.

O ambiente era altamente informal, até meio tosco e descontraído. Ressalto: trata-se de um bairro típico de periferia brasileiro.

- E vocês, não falam nada?! – perguntou o Rabino a respeito da aula, pois a maioria dos aprendizes estava interessada em beber e deixar que o Rabino discursasse, com exceção de mim, que estava à espreita, e de G, que, como disse, era de tradição protestante – e seria na verdade, como veremos a partir daqui, o alvo de uma crítica que o afastaria das aulas de cabala.

- Eu tenho uma coisa pra falar! – disse N, aprendiz e esposa do Rabino. – E é pra você, G! – e apontou o dedo para ele rispidamente.

- Pra mim?! – disse G surpreso (a esposa dele olhou para ele também surpresa; a impressão que eu tinha é que ela, evangélica, jamais haveria querido estar ali, e no seu olhar percebia que se misturava também a desaprovação do marido).

- É! Você só quer sugar do Branquelo³⁴! Você vem pra aula de cabala, aprende hebraico com o Branquelo mas não paga nada!³⁵ Você acha justo?! Não 'tá vendo que o Branquelo precisa comer?! – o tom de voz e os gestos eram fortes, expressavam raiva, indignação, bastante agressividade.

A partir daí aconteceu uma discussão, onde G estava nitidamente constrangido mas calmo, a esposa de G constrangida também, e N alterada, inclusive pela bebida. G foi embora, despedindo-se do pessoal. Eu sabia que dificilmente ele voltaria para as aulas. Quando ele saiu com a companheira, houve um certo silêncio que destoava da festa que até a discussão; o Rabino então concordou com N e a festa prosseguiu.

Daí a pouco fui embora.

Observação: A partir daqui houve três empecilhos: 1) Julgava não haver achado inovação pedagógica e estava decepcionado; 2) Comprei uma casa que apresentou problemas que me forçaram a uma reforma e conseqüente mudança de residência para um lar menor; e 3) O Rabino ficava me questionando reiteradas vezes o que eu queria que ele fizesse nas aulas com inovação pedagógica, eu desconversava mas senti que as observações poderiam estar comprometidas e resolvi dar um tempo na ida às aulas até que ele esquecesse o assunto – era o período em que eu também colocaria minha vida pessoal em ordem e adiantaria os estudos teóricos (assim retornaria e observaria novamente para propiciar conclusões afetas à realidade). Mas tinha consciência que não podia perder o vínculo com o Rabino, sob pena de comprometer a pesquisa; como ele havia colocado como condição para eu assistir às aulas de cabala as aulas de hebraico, fiquei tomando aula de hebraico e conhecendo um pouco da cultura judaica até que meu problema com a casa passasse e ele não mais estivesse interessado em provocar inovação pedagógica conforme a UMA entendia nas aulas de cabala. Este interregno turbulento da minha vida pessoal e que propiciou o esquecimento do assunto citado pelo Rabino durou até novembro.

³⁴ “Branquelo” é o modo como N chama o marido, o Rabino.

³⁵ Cada aprendiz contribui mensalmente com R\$100,00 (cem reais) nas aulas de cabala. Quem quer aprender hebraico, paga por fora, mas G não estava contribuindo com nada.

Aula de cabal do dia 07-04-2017

Estávamos eu, o Rabino, N, M (homem branco, divorciado, que abandonou recentemente a prática na religião Testemunha de Jeová, com seus mais de 50 anos, psicanalista, corretor de imóveis, inteligente e estudante de filosofia autodidata; dirige grupos de tratamento para neuróticos e o vi algumas vezes neste interregno pedir ao Rabino que entre no padrão, deixe crescer a barba e faça algo formal para atrair mais estudantes; o Rabino até começou a dar as aulas numa sala da Biblioteca Municipal de Petrolina – e eu ajudei a organizar, inclusive anunciando num jornal da tv, mas o Rabino não se adaptou àquele formalismo nem os estudantes novos às suas ideias).

O Rabino consertou sozinho um carro dum vizinho (o automóvel estava lá na garagem da casa nova que ele alugou); mas há um detalhe: ele nunca foi mecânico; foi, sim, marinheiro, estudou durante algum tempo medicina mas abandonou o curso. Ele o fez porque precisava de dinheiro e começou a aprender como faria até deixar o carro dirigível.

Ele então, começou a conversar conosco, a conversa girou em torno de Jesus, da interpretação dos judeus acerca do Cristo. O Rabino perguntou sobre o que queríamos aprender hoje e M sugeriu que, já que falávamos sobre Jesus, que esse fosse o tema.

O Rabino então disse que Jesus foi um judeu ortodoxo que estudou com os essênios e abordava a cabala para o público em geral, mas que ele não podia fazer isso pois naquela época a cabala estava restrita aos homens judeus maiores de 40 anos, e ele nem 40 anos tinha. Que há uma profecia (a qual o Rabino não precisou a data, que fala que a cabala só seria aberta ao público em geral a partir dela em 800 – oitocentos – anos. Que o fato de Jesus ter abordado a cabala em público foi uma das coisas que despertou a ira dos judeus contra ele. Que a cabala era tida como uma propriedade intelectual pelos judeus e daí o incômodo.

M então fala a respeito do hermafroditismo dos deuses, que Jesus não havia casado e que em outras culturas há divindades masculinas e femininas. Eu aproveitei para questionar a respeito do machismo arraigado na cultura judaica.

O Rabino falou então que o machismo judeu existia miticamente por causa de Lilith. Que Lilith foi a primeira mulher de Adão e que ela não quis se subjugar a ele. Que Lilith teve filhos com Adão e depois saiu do Paraíso e fundou cidades. Que Adão era hermafrodita e foi dividido quando deu origem a Eva.

Tudo estava sendo conduzido na garagem do Rabino. Cadeiras de plástico ou da sua mesa, N sentada no chão. Ambiente totalmente descontraído. O Rabino vestido de bermuda e camisa de botão aberta até o meio, uma quipá na cabeça e barba rala mal feita. M bem vestido: calça, sapato e camisa social. N com roupas de casa mesmo. F, que a esta altura chegou, de calça velha rasgada e camisa branca surrada, com quipá também. Eu, como já conhecia o ambiente de descontração, estava de bermuda e camisas novas e sandálias de plástico. O Rabino fumava bastante durante a aula (aquele fumo de pacote).

O Rabino continuou dizendo que o pecado nasceu dessa conjuntura de Lilith, Adão e Eva. Que a cabala quebra regras da Torá³⁶. Que a cabala faz um movimento de entra-e-sai da Torá. Que a missão da cabala é desenvolver a espiritualidade de cada indivíduo – nos tempos atuais, pessoas de qualquer religião ou de nenhuma. Que deu essa volta toda para dizer que, sobre o hermafroditismo em deuses, a natureza divina comporta tudo; que o Espírito, por exemplo, não tem sexo, pois fomos criados à imagem e semelhança de D'us. Que na reencarnação os Espíritos podem vir homens ou mulheres. Que os conceitos a respeito de sexualidade mudam de acordo com a evolução do mundo. Que é condenável, pelo menos hoje, a prática da pena de morte imposta aos homossexuais. Que ele mesmo, enquanto Rabino, busca o conhecimento espiritual para amar a todos e respeitar a todos. Que cabala é isso.

- A religião regrida o ser humano. Como é que eu vou querer pegar o ser humano de hoje e botar pra viver a Bíblia, rapaz! – exclamou o Rabino.

³⁶ Os livros que contêm as leis moisaicas.

- Às vezes eu deixo a barba crescer, o cabelo, porque eu tenho que ir para uma reunião... É o meu caô³⁷!... Quando chego aqui raspo tudo de novo!... – exclamou depois.

Não houve modificação metodológica nas aulas neste dia, e percebi que os dados observados, na verdade, tendiam a se repetir.

Aula de cabala do dia 14-11-2017

Começou a aula com somente o Rabino, D e eu.

O Rabino começou a aula falando da lei do contraditório dentro do judaísmo. Explicou que o judaísmo é composto de várias vertentes que bebem da mesma fonte: a Torá. Essas vertentes divergem, até brigam mas se aceitam. Que são exemplos dessas vertentes a ortodoxa, a conservadora, a progressista, a reformista, a reconstrucionista, a transdenominacional, a humanista, a karaita etc. Que esse contraditório está no universo como uma lei, inclusive dentro de nós.

A todo momento colocávamos nossas opiniões, o Rabino as dele.

Percebi nessa aula que o Rabino estava usando umas técnicas: ele levantou mais que das outras vezes, em diversos momentos ele, para nos responder, tocou em nossos ombros e se abaixou para ficar com a cabeça dele rente ao mesmo ângulo da nossa. Falo isso porque eu não sei se ele estava testando alguma coisa ou ainda persistia em sua mente a ideia de realizar inovação pedagógica.

O Rabino foi buscar para nos mostrar a sua vara yod (uma mão de metal com o dedo indicador apontado). Depois de nos mostrar o objeto – muito belo por sinal – ele nos mostrou um modelo de estatuto da sinagoga e pediu para que eu desse uma olhada e fizesse observações.

Como venho conversando com o meu orientador sobre as entrevistas, que serão feitas depois, fiz uma prévia e perguntei a D se ele havia modificado o próprio modo

³⁷ Caô é uma palavra brasileira, que se tornou uma gíria, que significa uma mentira.

de aprender diante da vida em virtude das aulas de cabala. Ele disse que o Rabino o incentivou a ser um eterno aprendiz e que ele aprende cada dia mais de modo diferente por causa do Rabino.

O Rabino sempre aproveita as nossas falas para ensinar. Pegando esse gancho de D, ele disse (e tinha algo a ver com um segredo entre eles, pelo que percebi) que temos que observar os sinais que a vida nos dá, a comando de D'us: quando uma pessoa quer sair de casa mas as condições estão só atrapalhando, o que quer dizer isso? Isso é cabala.

Dá para notar, a essa altura, a influência que o Rabino exerce na vida dos aprendizes até mesmo fora do contexto das aulas. Tive, inclusive, um insight: eu mesmo já estou tendo, nas conversas fora do ambiente de aprendizagem de cabala da sua casa, conversas a sós com ele que me provocam mudanças para melhor a respeito do modo de encarar a vida.

“Cabala quebra regras religiosas.” – Essa frase me chamou a atenção no Rabino na aula de hoje.

Aula de cabala do dia 21-11-2017

O Rabino estava criando cartas para leitura de sorte que eram como baralho cigano, porém com os símbolos da cabala, como letras em hebraico, cores correspondentes aos anjos e preces.

O Rabino estava com um óculos rosa, de outra pessoa, porque o dele havia quebrado e ele só enxerga no computador com grau.

A casa estava mais desarrumada do que antes.

Antes de começar a aula, o Rabino fez uma crítica aos livros de cabala, que são mais teóricos, quando na verdade deveriam focar mais na prática, como seria o caso das aulas dele.³⁸

Depois o Rabino falou da semelhança dos ritos descritos no Levítico com os do candomblé. Ele nos contou que havia feito, na cidade de Jaguarari – Bahia, recentemente, junto com um pai de santo e um pesquisador da ayahuasca, uma sessão conjunta de ritos da cabala, da erva citada e do candomblé.

O Rabino estava de bermuda, fumava e usava uma camisa amarela da seleção brasileira furada. Estava de chinelo de borracha.

As aulas haviam passado para a terça-feira porque no shabat outras pessoas que não queriam cabala estavam frequentando (apenas judeus, com exceção de N, esposa do Rabino).

Havia se juntado ao grupo mais um aprendiz, cujo nome possui a inicial W, como passaremos a chamá-lo seguindo o padrão desta pesquisa (W é um homem casado, dono de mercadinho num bairro de periferia de Petrolina, magro, meio careca, altura mediana, de caráter doce e sincero, tem filhos mas não sei quantos e está fazendo o retorno ao judaísmo).

Na aula, estávamos eu, o Rabino, W, M e D.

Os assuntos abordados foram linguagem bíblica, culto judaico, desenvolvimento espiritual (os temas surgiram livremente sem que nem o Rabino nem nós mencionássemos nada a respeito).

Não observei mudança metodológica das outras aulas observadas. A fala do Rabino estava bem condicionada à dos aprendizes: nós interpelávamos, ele às vezes dava respostas prontas, outras vezes questionava um e outro até chegarmos naturalmente numa resposta, à maiêutica.

³⁸ De fato, nas suas aulas, apesar de basearem-se no mais das vezes – porém não em todas – no discurso de aprendizes e professor, por mais que queiramos ficar somente na teoria os assuntos nos conduzem a renovações de atitudes na prática do dia-a-dia, às vezes sem que sequer raciocinemos sobre isso.

O Rabino disse que na linguagem bíblica há possibilidades de várias interpretações e que o judaísmo admite essas diferentes interpretações desde que elas se firmem como dignas de nota e, claro, ganhem adeptos no movimento. Que o judaísmo abarcava em si a contradição e isso o fortalecia e por isso estava vivo há mais de 4.000 anos. Que o culto judeu não tem sacerdotes, pois os rabinos são professores, tendo a era sacerdotal do judaísmo acabado com a derrubada do Templo de Jerusalém.

M falou que na Bíblia há relatos de muitos sensitivos, que hoje a ciência até os estuda, como acontece na Rússia e no Brasil, e que na Rússia eles são até usados para fins policiais e militares. Estabeleceu-se uma discussão. O Rabino explicou que eles são espíritos mais velhos, que por isso podem mentalmente voltar ao passado ou ir ao futuro mentalmente, pois desenvolveram espiritualmente essa capacidade em suas vidas sucessivas e no mundo dos mortos.

O Rabino fumava um cigarro artesanal de tabaco cuja fumaça me incomodava, tendo em vista que eu estava sentado ao lado dele. Ele disse que o verbo “ensinar” em hebraico é o mesmo que “aprender”, de modo que nós somos espíritos e Deus nos fez a sua imagem e semelhança, dando-nos a faculdade de aprender e ensinar ao mesmo tempo, com relação a nós mesmos e aos outros³⁹. Por isso os judeus são protuberantes em todas as áreas do saber: porque vêm de uma cultura onde aprendizagem e ensino estão arraigadas em conjunto. Falou que a cabala ajuda muito nesse processo, pois D’us fez aprendizagem e ensino juntos: temos uma obrigação perante nossos irmãos de aprender e ensinar conjuntamente como o judaísmo propõe e despertar esse movimento interior neles para que tomem consciência de que são autodidatas cosmicamente.

O Rabino também afirmou que até a quarta ou terceira geração é possível trabalhar a hereditariedade espiritual e corporal cabalisticamente – que esse era um dos motivos pelos quais os judeus davam ênfase à hereditariedade. Nesse sentido, é possível que tenhamos sido membros, através da reencarnação da nossa família como antepassados de nós mesmos. A reencarnação foi feita, segundo a cabala,

³⁹ Daí porque no judaísmo mais progressista se dá ênfase a esta faculdade de autodidatismo: a concepção de aprendizagem e ensino são indissociadas radicalmente (raiz).

para o desenvolvimento espiritual. A religião, por exemplo, era um processo de hereditariedade material e espiritual: toda religião seria herdada e formada pela ação daqueles que já estão mortos e pelos livros que eles escreveram e escrevem.

Hoje não houve bebidas alcoólicas, uma exceção.

A aula não terminou porque isso foi anunciado, mas porque as coisas foram se conduzindo até que associássemos nossa vontade de ir para casa, nosso cansaço de estarmos ali e o esgotamento de nossa vontade em debater os assuntos.

Aula de cabala do dia 28-11-2017

Estávamos na aula o Rabino, eu, M e W.

Sentados estávamos em círculo, portão do Rabino aberto para a rua, todos vestidos como nos convinha, ambiente sem alterações significativas quanto às outras aulas.

O Rabino disse que Deus revela as coisas de várias formas: pesquisas, atitudes, situações do dia-a-dia etc. Por isso a cabala está disseminada, dêem o nome que quiserem a este fenômeno de *recebimento*.

Então passamos a discutir as dimensões da Torá, que, segundo o Rabino, são, dentre outras: histórica, lendária, apologética etc. Por isso não se pode levar a Bíblia ao pé da letra porque ela foi feita numa época específica, para um povo específico.

M e W falaram sobre coisas que são condenadas na Bíblia e que até hoje as pessoas perseguem, como a bruxaria. O rabino rebateu que Moisés foi um grande bruxo, transformando varas em serpentes, fazendo brotar água da pedra; que José foi também um grande bruxo que interpretou o sonho do faraó.

O Rabino falou então que os milagres nada mais são do que o domínio desses espíritos mais velhos reencarnados ou não sobre os fenômenos da natureza.

Os assuntos sempre iam surgindo mais e mais a partir dos aprendizes, de modo que um comentário levava a outro e o clima era bem democrático, como nas outras

aulas. Todos os aprendizes, nessa aula, estavam com cadernos e canetas (isso não acontecia antes da chegada de W e M, que são aparentemente mais voltados ao ensino tradicional e de caráter mais metódico – antes só eu levava para não esquecer os tópicos abordados).

Como o nome de Jesus e seus milagres surgiram, o Rabino explicou que o cristianismo é uma invenção humana, que Jesus não foi o Messias e que ele era judeu. O judaísmo, segundo ele, por exemplo, não acredita na dualidade do bem e do mal, na competição entre ambos; o cristianismo, sim. Bem e mal seriam faces de Deus; o bem e o mal são interpretações que dependem do ponto de vista da condição humana limitada. Céu e Inferno, por exemplo, são estados de consciência.

Eu discordei do Rabino, propositalmente, a respeito do Filho do Homem (Jesus), para ver se ele aceitaria discordância da sua figura, se isso afetaria a sua autoridade, mas ele não ligou, achou natural que alguém discordasse dele.

A aula foi concluída com uma frase do Rabino:

- Até a *buceta* de Jezebel tem um propósito! – todos rimos alto.⁴⁰

Os dados estão se repetindo.

Aula de cabala do dia 28-11-2017

Cheguei e encontrei o Rabino conversando com M, que quer que ele vá dar aulas de cabala em outro lugar, mais tradicional, e que se vista e se comporte como um rabino ortodoxo, e que pare de beber e de fumar. M quer que o Rabino utilize apostilas (ele não as usa nas aulas de cabala); quer que ele, assim, se encaixe, ganhe espaço social e mais alunos (M já criticou, para mim, que o Rabino poderia ganhar mais dinheiro do que ganha ali⁴¹). M quer inclusive que ele mude as aulas de

⁴⁰ O tema surgiu porque W brincou, antes de começar a aula, que queria “aprender hoje sobre a ‘buceta’ de Jezebel”. Interessante porque ele parece ser uma pessoa reservada que o Rabino traz leveza.

⁴¹ Acho que ele vê a condição do Rabino como de miserável, já que vive numa casa simples da periferia petrolinense.

nome: ao invés de dizer que são de cabala, dizer que são de “cultura judaica”, pois o nome cabala é associado ao misticismo e com essa associação várias pessoas não irão fazer o curso.

Ou seja, tudo está se repetindo: os dados observados até nesses detalhes das reações que o Rabino causa nos seus aprendizes.

O Rabino, então, com a minha chegada, a de W e a de F, escolhe desta vez o tema da aula: dinheiro e as potências de D’us.

Segundo o Rabino, o dinheiro domina a Terra e, quanto a esta questão, o dinheiro está apenas abaixo do Eterno. Cada pessoa pode, de acordo com a vontade divina, dominar uma das potências do Eterno. O homem possui também poder de criação dado por D’us. Os 72 nomes de D’us são cada uma de suas emanações, que equivalem a cada uma das potencialidades divinas.

Disse igualmente que tudo que se compra tem que se pagar – que é uma lei universal. Que o dinheiro é uma energia. Que quem tem muito gasta pouco.

Para se relacionar com as energias divinas é necessário uma troca energética.

Houve uma preocupação do Rabino em dar respostas para que o aprendiz chegue ao conhecimento, mas a metodologia não diferiu das outras aulas observadas.

Disse que o dízimo é cabalístico: os 10% do que se ganha podem ser dados aos sacerdotes, aos rabinos, para a caridade etc. A palavra *caridade* em hebraico também quer dizer *justiça*. Para realizar a justiça social é preciso não ser um peso para nossos irmãos e compartilhar.

O Rabino também disse que o modo como se lida com o dinheiro depende da sociedade onde a pessoa está inserida, da sua formação, da espiritualidade de cada um e daquilo que cada um entende como o melhor.

A aula terminou muito naturalmente, como de outras vezes, sem que o final fosse de fato anunciado.

Percebi que não houve alteração nos dados observados antes do pequeno interregno entre meus acompanhamentos das atividades e que estava suficiente para que eu triangulasse os dados e finalmente chegasse a uma conclusão de acordo com as minhas questões de pesquisa.

APÊNDICE – ENTREVISTAS



Tema: Ambiente de aprendizagem de cabala e a inovação pedagógica

Orientadores: Dr. José Paulo Gomes Brazão

Roteiros

Para as entrevistas com os aprendizes de cabala:

- a) O que achou das aulas de cabala?
- b) O que achou do modo como o Rabino conduzia a aprendizagem de cabala?
- c) O que você pensa sobre o ambiente informal das aulas de cabala?
- d) As aulas de cabala contribuíram em que na sua vida em geral?

Para a entrevista com o Rabino:

- a) Qual o seu objetivo enquanto professor com as aulas de cabala?
- b) Havia um planejamento das aulas? (Muitas vezes o senhor pedia que a gente escolhesse o tema a ser abordado.)
- c) Qual a importância do aprendiz de cabala enquanto aluno?
- d) Nas casas do senhor, o ambiente de aprendizagem ficava sempre bem informal. Como avalia esse ambiente de aprendizagem levando em vista a aprendizagem de cabala?

e) Quem é mais importante na aprendizagem de cabala: o professor ou o aluno?

Entrevistas

- 1) A entrevista a seguir, com M, aluno do curso de cabala, corretor de imóveis, psicanalista (não exerce esse último ofício) e ex-membro das Testemunhas de Jeová; homem com mais de 50 anos de idade, estatura alta, cabelos branqueados, inteligente, elegante e parece bastante organizado. Fui realizar a entrevista no escritório imobiliário onde ele trabalha, pela manhã. À noite gravei as que pude na nova casa do Rabino, no aniversário de N, também aprendiz do curso de cabala.

Fabio Sousa da Silva (adiante denominado apenas de FS): Estou aqui no trabalho de M, um dos aprendizes das aulas de cabala do Rabino, e vim fazer no trabalho dele a entrevista relacionada ao tema.

M, o que você achou das aulas de cabala?

M: Eu achei fantástico. Eu achei um instrumento de libertação de prisões, de preconceitos e de crenças limitantes. Eu achei uma coisa fantástica que abre um universo bem maior, então, foi proveitoso, foi enriquecedor; foi não, é: porque esse conhecimento, ele não é estanque, ele evolui, e, além do conhecimento ser amplo – o mundo está cheio de conhecimento, é a minha abertura, eu consegui abrir mais... Eu tive por volta de trinta e cinco anos limitado ao conhecimento religioso e só depois de uma ruptura foi que, conhecendo grupos, a psicanálise, a filosofia, é que eu comecei a abrir um pouco mais o conhecimento; e a cabala veio me somar nesse campo, veio abrir o horizonte – e o interessante é que a cabala, ela cria uma ponte entre a filosofia, a religião e o conhecimento; foi interessante essa ponte; posso dizer que foi proveitoso.

FS: E o que você achou do modo como o Rabino conduzia a aprendizagem de cabala, ali de uma maneira bem informal, bem fora do comum, num ambiente de periferia, numa casa típica de periferia, com ensinamentos tão profundos?...

M: É... Eu tenho trabalhado algumas neuroses, uma delas é o TOC Simétrico. Então a perfeição da forma, que tanto Confúcio defendia, eu defendo isso, mas eu consigo vislumbrar a beleza e a sabedoria em qualquer lugar. Quando eu fui p'r'um grupo de alcoólicos anônimos, que eu via ex-bêbado, depois os ex-narcótico e neurótico me dizer coisas profunda (sic), aí eu digo: que silencie tudo o que a antiga musa canta. Então não é o clássico, não é o que está ali entronado que tem a sabedoria; a sabedoria vem do simples; o maior dos mestres que eu considero, ele fez uma oração que ele dizia: 'ó Pai, eu te agradeço porque escondeste dos sábios e entendidos e revelaste aos simples!', então, o Rabino é uma figura enigmática. Eu testei em vários campos e ele tem propriedade no que fala. Agora a forma informal, desprovida de... de requinte, de... de.. Eu acredito que desvalorize um pouco para a pessoa comum; tem que ter uma visão profunda pra poder valorizar. Eu acredito... É... Eu fico até induzido pela minha codependência⁴² a querer dar forma. Já tentei, já orientei... Na realidade, eu acho que faz mais de dez anos que eu conheci o Rabino. Eu fiz essa ponte (risos dele pela lembrança) de Triunfo⁴³, onde ele 'tava, pra Petrolina, porque eu via bagagem, né?... Agora, é... é de provocar reflexão o comportamento. Eu acredito até que deixei de frequentar porque eu via comportamentos... É... Como algum vício, alguma demonstração de ser relapso... Na realidade, eu fico só refletindo: ele provoca reflexões, não só com o ensino, que tem sabedoria, mas com o respaldo de vida. O comportamento dele é... causa assim uma ligeira confusão. Eu acredito que dar forma⁴⁴ ao ensinamento e às aulas seria o melhor.

⁴² Ele fala em codependência aqui enquanto neurótico, pois conduz grupos de neuróticos anônimos com dependência emocional ao sexo, às drogas, às relações amorosas etc.

⁴³ Cidade de Pernambuco, estado do Brasil.

⁴⁴ "Dar forma", aqui, quer dizer fazer apostilas, segui-las na ordem em que os conteúdos aparecem e escolher um ambiente tradicional de aprendizagem para dar aulas, como ele tentou levando o Rabino para ensinar cabala com o nome de Curso de Cultura Judaica na Biblioteca Municipal, mas não deu certo.

FS: E... Aprofundando mais sobre o que você acha sobre aquele ambiente onde se passavam as aulas, no caso, primeiro a casa dele lá onde ele morava, depois a casa que ele alugou... Enfim, sempre ambientes realmente informais, que são... não são ambientes da escola tradicional. O que é que você pensa a respeito desses ambientes? Eles te levaram a reflexões? Eles te levaram a que tipo de compreensão?

M: Então: o meu TOC Simétrico foi testado ao máximo. Eu fui, me submeti porque eu já consegui vislumbrar... Eu conheço um gênio em Serra Talhada⁴⁵, que foi quem criou a asa delta; é uma pessoa simples, informal, mas tem genialidade! Ele tem sabedoria que é testado e comprovado (sic). Mas eu terminei me distanciando por essa falta de forma. Eu acredito, inclusive... Eu tomei iniciativa, eu tomei providência pra gente procurar um espaço acadêmico ou um espaço aonde pelo meno (sic) tivesse desprovido de qualquer influência, né?... Menino passando... E... E... assim: a indumentária, a forma, o posicionamento, né?... E... Mas o resultado: ele não se domou a este tipo de comportamento (risos dele). Ele é ele, e ele me lembra muito a... o comportamento de Diógenes, que tinha muita sabedoria, até imperadores foram lá pra elogiar e ele 'tava lá desprovido de qualquer luxo, de qualquer pretensão material. Então, o Rabino eu vejo uma pessoa assim: desprovido de... de ambição, de luxo e de... de... de forma. Ele tem uma sabedoria própria, mas acredito que esse tipo de comportamento, ele não atrai muitos... Vai atrair uns poucos especial (sic), muito especial pra poder vislumbrar nele essa... esse conhecimento, essa sabedoria. Na realidade eu não concordo com esse comportamento mas eu também não vou protestar e eu tirei proveito. Até analisar esse ambiente me foi útil.

FS: Você falou uma coisa interessante, que... você disse que pessoas vulgares, pessoas com uma inteligência mediana ou curta não iriam compreender aquilo que 'tá sendo passado e a forma como 'tá sendo vivenciada a aula de cabala na casa dele, né? O Rabino, de fato, é uma pessoa diferente, uma pessoa que provoca muitas reflexões, você já falou sobre isso. Essas reflexões, essas aulas de cabala contribuíram em que na sua vida em geral?

⁴⁵ Outra cidade do estado de Pernambuco, Brasil.

M: Ele me influenciou para quebrar, sair do engessamento. Ampliar a visão... e vi uma série de outras coisas... Nas aulas de filosofia, eu aprendi um pouco sobre Sócrates, que ele quebrava todos os paradigma (sic) e quando foi testado, muitos profissionais, cada um dizendo a excelência do que sabia, e ele deu a entender que não sabia... e ele até disse que o sábio não é aquele que detém todo o conhecimento, mas aquele que tem respostas pra vida, pra o atual, pro momento. E ele (agora falando do Rabino) vive a vida dele. Então, ele me... as aula (sic) quebrou paradigma; não me deixou engessado, a... a sabedoria só vem se for dessa fonte ou dessa forma, vem de várias formas. Eu fui, assim, surpreendido e impactado numa sala de anônimos, aonde ex-derrotados, ex-alcoólico tava ali e expressava uma vida mudada (sic). Então, essa é a verdadeira sabedoria: é a resposta pra vida atual, aonde (sic) você estiver e como você estiver. Então eu vejo que o Rabino, onde ele tiver ele consegue levar a vida e encontrar explicação pra vida dele... Acredito que não vai arrebanhar muita gente; vai ser poucas pessoas com uma... é... circunspecto (sic).

FS: Por quê?

M: Porque talvez o comportamento é extravagante ou diferente, repele as pessoa perfeccionista (sic). Eu tenho TOC Simétrico, a perfeccionista (sic), e isso me bloqueia, mas aí eu fui ajudado a vencer isso (se refere às aulas de cabala): peraê, não é só os doutores de anel no dedo, paletó e gravata, num ambiente super-requintado, limpo, formal, climatizado, que vem a sabedoria... Às vezes é vazio, né?... (o ambiente formal) E lá, mesmo em qualquer ambiente ele conseguia tirar brilho dos olho (sic), empolgar, ir fundo, ir na essência; mesmo naquele ambiente, naquela confusão alguém consegue tirar... Eu consegui ver, né?... Agora, assim... A dependência de fumo, não ter se libertado disso ainda, eu digo: ele é um ser humano, ele tem falhas, virtudes e defeitos. Então, os defeitos, eu sei que quando eu vejo um defeito em outro eu 'tou projetando uma fraqueza que tem dentro de mim. Mas, no geral, foi bom. Acredito que poderia ser melhor se desse uma forma clássica, aonde todos pudesse aceitar (sic), que ele mesmo se adaptasse a uma forma.

FS: Mas aí você acha que ele estaria, se ele se colocasse como uma pessoa, um professor clássico, professor tradicional... ele não estaria fazendo tudo igual e aí perderia justamente o diferencial que tem?

M: Com certeza ele iria se descaracterizar. Acredito que ele tem que ser ele mesmo. E ele tem que aprimorar o que de fato for uma falha e corrigir, e o que ele tem de bom, melhorar.

FS: Eu tive a impressão seguinte: que - durante as aulas - que... por mais que a cabala seja uma coisa muitíssimo interessante, o próprio rabino que dá essas aulas lá é uma pessoa muito interessante! E somado o Rabino com a própria aula de cabala, que ele conduz, talvez até o próprio Rabino se sobressaia da... da... da aula, ou ele seja um instrumento de.. de cabala, de revelação, de recebimento de informações para quem 'tá ali. O que é que 'cê acha?

M: Rapaz, é... eu vejo exatamente isso. Se ele mudasse ele iria se descaracterizar. É... aula de cabala num ambiente ultraortodoxo, né?... com aqueles judeus de barbona, de chapéu, de... com muitos requinte (sic) eu não teria acesso e não iria lá. Por outro lado agora eu quero retirar que invés de o jeito informal afugentar, acho que ele vai agregar muitas pessoas. Eu acredito que ele ainda não teve foi uma oportunidade de... é... de mostrar isso: a riqueza da sabedoria lá naquela situação. Igual lótus, que na lama ele consegue sobressair... Ele tem sabedoria e eu acredito que ele pode ser um diferencial até maior do que os grandes mestres super-finos, né?... Eu acredito. Eu admiro o comportamento, a sabedoria e eu vejo pessoas como o personagem que falamos agora, né?, o Diógenes, Epíteto, que era um escravo, e que imperadores bebia (sic) das águas que ele fornecia, né?... E... Acho que 'tá nessa linha, ele 'tá nessa linha. Ele é original e autêntico. E assim tem que ser. E... ele consegue transmitir, dá pra tirar proveito... E a cabala é muito interessante, e sendo aberta de uma forma assim tão generosa, tão liberal, é muito proveitosa.

FS: Muito obrigado!

M: Eu é que agradeço.

As entrevistas a seguir foram realizadas na casa do rabino Yossef Arbaim, no dia do aniversário de N, aluna do curso e também sua esposa. Aproveitei a festa porque sabia que um número expressivo de aprendizes, além do Rabino, estaria presente. A festa ocorreu já na casa própria do Rabino e de N, num dos bairros mais periféricos da cidade de Petrolina – PE, chamado Terras do Sul. A mãe de N faleceu e deixou herança, parte do dinheiro com o qual compraram essa casa. Não pude entrevistar N porque ela estava, como aniversariante, fazendo sala às visitas. Durante esta festa o Rabino aproveitou para fazer uma sessão de cabala para todo mundo que lá estava. Foi ótima: ele vestiu uma túnica judaica e quipá lilases e pediu que cada um dissesse um número entre um e vinte e dois e foi interpretando coisas em cima desses números que dissemos. Estavam na festa de aniversário diversas pessoas.

- 2) Entrevista com o Rabino. Cheguei cedo à festa de N para entrevistar o Rabino e ela, mas infelizmente só deu tempo de entrevistar o Rabino, pois durante a conversa começaram a aparecer os convidados. O Rabino me narrou, feliz, a compra da casa, perguntou se eu havia gostado, eu disse que de fato o custo benefício tinha sido ótimo. Fumamos juntos um cigarro artesanal e eu pedi que fizéssemos a entrevista. É possível ouvir o som de grilos ao fundo do áudio, já que a casa do Rabino é quase no limite com a zona rural do município.

FS: Estamos aqui, na casa do Rabino. Já uma nova casa onde não foram os ambientes educacionais, os ambientes de aprendizagem que nós observamos e... agora uma casa própria do rabino Yossef Arbaim. E... Vamos lá!

Qual é o seu objetivo enquanto professor com as aulas de cabala, Rabino?

Rabino: O objetivo com as aulas de cabala é trazer para os alunos a oportunidade de escolher os caminhos que eles querem andar, porque existe (sic) vários caminhos. Então a cabala vem lhe trazer uma dimensão diferente, uma visão. Você pode interpretar cada coisa em várias visões. Então o objetivo do ensino da cabala é fazer você entender que todos nós somos iguais perante Deus, independentemente da religião, independentemente do nome que você dá a Deus. Então nós somos seres iguais e estamos em constante evolução. E aprendemos, com o nosso dia-a-

dia, as nossas dificuldades, é... a nos moldar, porque nós precisamos nos moldar a cada dia para que a gente possa ter uma vida melhor.

FS: Havia um planejamento, Rabino, das aulas? (Porque muitas vezes eu percebia que o senhor pedia à gente pra escolher o tema.)

Rabino: Não, não havia um planejamento, por quê? Porque quanto mais real uma aula no contexto do aluno, se ele dá o tema, é porque é aquilo que ele quer ouvir. Então geralmente um professor quando ele escolhe o tema, ele está impondo que o aluno estude aquilo ou pense naquilo, mas quando você pergunta ao aluno qual é o tema que ele quer ouvir, é aquilo que é importante pra ele; nem sempre aquilo que o professor escolhe é importante p'r'o aluno. Por isso que existe alunos (sic), ou vamos dizer assim, análise que você faz do aluno, que o aluno não 'tá bem naquela matéria, porque foi a matéria que o professor escolheu, algo que não interessava ao aluno. Mas quando o aluno, ele escolhe aquilo que ele quer aprender e o professor explana, é... com clareza aquilo que o aluno citou, eu acho que é mais importante.

FS: E qual a importância do aprendiz de cabala enquanto aluno em si? Ele é mais é mais importante que o professor de cabala, como é que funciona isso?

Rabino: É, na verdade na cabala um aprende com o outro, né?... Quando o professor está explanando um assunto que o próprio aluno ou o próprio professor, é... cita, vamos supor, em termos de... é... o texto, né?, o assunto que você escolhe, eu acredito que os dois são importante (sic), porque o professor, não significa que ele sabe mais, né? Ele apenas está mais qualificado em termo de didática, em termo de ensino, mas, é... na maioria das vezes o professor aprende muito com o aluno. Tem coisas que o professor aprende coisas novas com o aluno, porque o aluno faz perguntas que muitas vezes não está (sic) dentro do conhecimento que o professor tem. Então por isso que a cabala, ela é chamada de havruta, porque havruta significa 'um aprender com o outro'. Então, o professor está dando aula, mas quando o aluno faz alguma pergunta, que muitas vezes o professor, é... às vezes nem conhece do assunto, é... essa pergunta até obriga o professor pesquisar para que ele possa dar uma resposta boa para o aluno. Então, isto significa que o professor está aprendendo com o próprio aluno. 'Tá entendendo?

FS: Havruta é uma palavra em hebraico?

Rabino: É: havruta significa aprender junto. Né?... Então...

FS: É um verbo?

Rabino: É um verbo de aprender, né?... Então, na verdade, um aprende com o outro. Quando você ensina você está revendo coisas que você já sabe. E significa uma revisão; então o professor está aprendendo ao mesmo tempo que está ensinando. Tanto é que o verbo hebraico ensinar e aprender é o mesmo verbo, porque quem ensina, aprende.

FS: 'Tá...

Nas casas em que a gente teve aula, aquela primeira casa lá do tio do senhor – que 'tá aqui inclusive hoje – e depois a casa que o senhor alugou, sempre foram ambientes assim informais, fugiam do tradicional, da escola tradicional. E... como é que o senhor analisa esses ambientes assim informais de aprendizagem? Tudo bom, querido?⁴⁶

Rabino: Eu acredito que a informalidade é o melhor método de ensino. Porque quando você está em um ambiente formal, ali tem o horário, tem uma grade, tem assuntos que você tem que debater. E quando você está em um ambiente informal, eu acredito que ali vai surgir assuntos que você nem imaginava! 'Tá entendendo? Então você tem a oportunidade de explicar assuntos que você não programou, não é? E que são assuntos interessantes para os alunos, que muitas vezes o professor programa assuntos: a aula tem que ser tal, a aula tem que ser essa, o assunto tem que ser esse... Isso aí é do interesse do professor, que ele quer passar aquilo que ele sabe para o aluno, porém, é... o aluno, ele sente a necessidade, quando ele pergunta pra o professor temas que o professor não escolheu, é aquilo que ele quer aprender. Então eu acredito que no ambiente informal, através da conversação, através do diálogo, de perguntas e respostas, você aprende muito mais do que uma aula programada. Porque a aula programada, ninguém vai perguntar coisas fora do contexto. E na aula não programada você deixa o aluno à vontade. Então eu creio que a inovação pedagógica seria a aula não programada, porque aí você deixa o

⁴⁶ Começaram a chegar mais convidados além do tio dele que tinha chegado logo depois do início da conversa. Nesta frase eu cumprimentava W, aprendiz de cabala e colega em aulas observadas, que acabava de me estender a mão.

aluno à vontade. Vamos supor: hoje você diz: 'hoje será aula de matemática!'. Quer dizer, é o professor que está determinando, mas se você deixa o aluno à vontade, se você for um professor de várias matérias, que não naquele dia seria necessariamente matemática, os alunos poderiam escolher qual era o assunto que eles queriam aprender naquele dia. Então, seria uma inovação, por quê? Porque você está deixando os alunos escolherem o que querem aprender, porque é da vontade deles, é aquilo que eles querem naquele dia, eles 'tão com ímpeto de aprender aquilo. E muitas vezes você coloca uma matéria que naquele dia o aluno não 'tá afim de aprender aquilo, de estudar aquilo, nem de falar sobre aquele assunto.

FS: Você citou, Rabino, a questão da inovação pedagógica. P'r'o senhor, o que é inovação pedagógica?

Rabino: Seria você usar métodos mais simples de aprendizagem. Porque no Brasil nós temos métodos chamados métodos tradicionais. Em outros países, por exemplo, no México, né?... Eu sempre falo no México... a maneira do ensino lá é totalmente diferente daqui no Brasil. Lá no México um autodidata, uma pessoa que estuda por si próprio (sic), ele pode fazer um provão, um chamado provão, até para o nível superior. Em Direito... Ele pode fazer um nível superior, o provão do nível superior em arquitetura, em engenharia... Ele pode nunca ter estudado isso antes, ou não ter um grau... é... como é que a gente fala?... Um grau superior nessas matérias. Mas se ele é um autodidata, estudou por si próprio, e através da prova provar que tem capacidade e conhecimento na matéria, é concedido a ele um diploma! Reconhecendo ele como uma pessoa que tem o conhecimento de nível superior. Por que se reconhece?: Porque você provou que tem aquele conhecimento, independentemente se você estudou ou não antes. Então isso significa... é... legalmente, né?... estudou formalmente aquelas matérias. Então lá no México é diferente do Brasil. No Brasil você tem que fazer o ensino fundamental, depois você vem o ensino médio, aí é que você vai fazer um curso técnico ou um curso superior. Mas no México, não: se você nunca estudou em canto nenhum, mas se você se inscrever em um provão da SEP, que é a Secretaria de Educação Pública, é... em um nível superior, um provão para nível superior, e você provar que tem conhecimento, passar na prova de conhecimento da área que você escolher, você

recebe o seu diploma de nível superior. Quer dizer, é um método de reconhecimento daquilo que você conhece totalmente diferente do Brasil. Porque o Brasil você tem que passar por todas essas classes, essas séries para conseguir um diploma de nível superior. Então, países diferentes, eles fazem isso. Porque, eu concordo: se você conhece... é igual um curso de... é... uma prova de título: uma prova de título de medicina muitas vezes cai dez questões (sic) pra você ser um especialista em uma área médica. Porque se um médico não souber responder dez questões em termo da área médica dele, ou aquela área que ele 'tá querendo ser especialista, ele não vai ser. Porque não precisa uma prova de cem, cento e cinquenta questões. Põe dez! Geralmente... Eu já vi, porque eu futuco muito internet, eu leio muito... E eu já vi provas de títulos de especialista que são dez questões. Se um médico não acertar as dez questões, ele não está qualificado para ser um especialista.

FS: Eu percebi também, durante as aulas, que alguns aprendizes queriam enquadrar o senhor, no sentido do senhor, por exemplo, não fumar, não beber, não ter o comportamento... eles queriam um comportamento mais elitizado ou alguma coisa diferente. E o que é que o senhor pensa sobre isso?

Rabino: O que eu penso é o seguinte: a Torá diz que nós temos que ser o que somos. Não adianta eu colocar uma bata, usar barbão grande e ficar rezando vinte e quatro horas. Porque não é rezar vinte e quatro horas que Deus vai nos ouvir. Eu posso clamar a Ele aqui agora e Ele pode me ouvir, eles querendo ou não. Ou em qualquer momento que eu esteja, ou dentro de casa ou na rua, ou em perigo ou não... É... O Eterno, é Ele que é o dono do universo, o rei do universo. Então geralmente as pessoas têm uma visão padrão de quem é o rabino, de quem é um pastor, de quem é um padre, porque eles têm que se vestir de tal forma, isso e aquilo. Mas isso não 'tá na Bíblia! Na Bíblia não tem como você deve... é... ser perante a sociedade. O que na Bíblia tem é que você tem que ser o que você é. E é pecado você se fazer daquilo que você não é. Não adianta eu aparecer pras pessoas sem beber, sem fumar, se escondido eu bebo ou fumo!... Então você tem que fumar e beber na frente dos outros porque as pessoas têm que lhe aceitar do jeito que você é! E a tua espiritualidade não tem nada a ver com isso, porque tudo isso é materialidade. Espiritualidade é fé, e fé... ela... ela depende do teu coração, da tua mente, da tua consciência. Fé não tem nada a ver com vício, fé não tem nada

a ver com roupa, né? Então o padrão que as pessoas criaram são padrões errados porque uma pessoa pra ser santo, ele tem que 'tá bem vestido, tem que 'tá bonito (sic)... não pode fazer isso, não pode fazer aquilo... Isso são coisas humanas... Espiritualidade está além da coisa humana.

FS: Ou seja, não vale a pena se encaixar num padrão só pra ganhar adeptos ou ganhar alunos...

Rabino: Não, não vale a pena, porque, se valesse, eu poderia me encaixar em vários padrões... Eu já fui convidado por várias linhas religiosas pra me encaixar em certos padrões e eu nunca aceitei. Por quê? Primeiro, que o meu foco religioso não é ganhar adeptos, o meu foco religioso é ser mestre de mim mesmo... Porque não adianta eu querer ser mestre dos outros sem eu ser mestre de mim mesmo! Então, geralmente isso acontece: muitas vezes você tem o seu pastor, seu padre, seu rabino, seu guru, e muitas vezes você segue ele, mas às vezes ele está mais errado do que você. Muitas vezes você ora e recebe e o seu pastor ora e não recebe... Por quê?: é o padrão de vida que ele 'tá levando. Não é um título que o Eterno vai lhe ouvir por causa de um título. Tem um ditado judaico que diz assim: que os rabinos, que são os líderes religioso (sic) da religião judaica, é... existe uma coisa chamada minian no judaísmo. Minian é a reunião de dez judeus. Há uma crença judaica que diz que, quando dez judeus se reúne (sic), a shekinah, o espírito de Deus, está presente entre nós, né? E tem até uma reflexão que fala que nove rabinos reunido não formam um minian, mas dez sapateiro forma (sic). Isso quer dizer o quê? Que não é o título: você pode ser rabino, pode ser sapateiro, pode ser médico, pode ser ambulante, vendedor ambulante... Nove pessoas não formam um minian. Então nove rabinos é (sic) a mesma coisa que nada! E dez sapateiro forma (sic) um minian. Ou seja, a shekinah desce sobre os dez sapateiro (sic).

FS: Eu percebi também que o senhor tem um carisma diferente. E... O senhor tem consciência desse carisma e de como as aulas do senhor podem proporcionar reflexões muito interessantes pra vida dos seus aprendizes?

Rabino: Pode, sim, pelo fato do seguinte: primeiro passo, é... as pessoas buscam uma pessoa santa, perfeita, que não tem pecado, que não erra... E eu vivo o meu dia-a-dia, a minha vida naturalmente como eu sou, demonstrando pras pessoas as

minhas falhas, os meus defeitos e os meus pecados. É... Só quem vai me entender são pessoas que têm o mesmo grau de conhecimento ou espiritualidade que eu tenho, porque geralmente nós somos julgados, né? O único que não pode errar é Deus. Mas nós seres humanos, nós erramos. E o importante de tudo isso não é o nosso erro, são os nossos acertos. Tem um ditado, uma cultura no judaísmo, que diz que quando nós conhecemos alguém, por mais errado que essa pessoa seja (sic), você não tem que ver os erros das pessoas, mas você tem que ver as qualidades. Toda pessoa tem coisas boas pra nos passar e nos oferecer. Pode ser uma prostituta, um ladrão... Qualquer pessoa pode nos oferecer coisas boas. Então invés das pessoas estar (sic) atrás de coisas ruins ou dos erros das outras pessoas, você tem que ver o que ele pode ser de útil pra você. Qual é a utilidade que aquela pessoa pode ter, pode te trazer... Isto aí é o foco da Bíblia. O foco da Bíblia não é acusar, não é o erro de ninguém: são as coisas boas que aquela pessoa pode te proporcionar. É igual à prostituta que tem na Bíblia, que ela é uma prostituta, é uma pessoa de outra nação, tinha outros deuses, mas ela salvou judeus, ela chegou junto com o povo, ela não foi mentirosa, né? Então até hoje ela é honrada dentro da história judaica, que é a Raabe. Então era uma pessoa que dentro da cultura judaica era uma pessoa errada, era uma pagã, uma pessoa de uma outra crença, uma outra fé, uma outra nação, mas foi uma pessoa que chegou junto dentro da história judaica que até hoje é falado o nome dela. O que é que significa?: os judeus não olharam a vida errada que ela tinha, mas levaram em consideração os benefícios que ela fez para o povo. Então é isso que é importante pra nós.

FS: Muito obrigado, Rabino!

Rabino: De nada! Que o Eterno abençoe, que tudo dará certo!

FS: Amém!

- 3) Entrevista de W. A partir daqui, todas as entrevistas feitas neste dia do aniversário de N foram realizadas no meu carro, por causa do som da festa. Ainda bem que ocorreu esta festividade, pois seria difícil conseguir as conversas gravadas (os aprendizes geralmente se mostraram ariscos a exposições ou colaborações com a pesquisa, apesar de eles não saberem o

que eu estava pesquisando... – eles queriam apenas ir às aulas e pronto – houve uma certa dificuldade de convencimento dos aprendizes de cabala quanto a entrevistas).

FS: Estamos aqui na casa do Rabino ainda. Saímos do... da casa do Rabino agora porque 'tá tendo uma festa da esposa dele, que, aliás, também é uma das aprendizes das aulas, que 'tá aniversariando hoje. E a gente veio fazer a entrevista no carro pra alcançar o silêncio necessário à entrevista. Eu 'tou aqui com W. W, o que você achou das aulas de cabala?

W: Olha, as aulas de cabala que eu tive com o Rabino eu achei proveitosas, né? Foram aulas que me trouxeram conhecimento, aulas que por curiosidade eu queria conhecer. E achei proveitosa, achei muito boa – e só tenho a agradecer pelo que o Rabino me ensinou, porque o pouco que sei, foi ele quem me ensinou⁴⁷. E a cabala pra mim se tornou proveitoso (sic), porque eu gostei, conheci algo novo que eu não conhecia antes e que, pra minha curiosidade, achei muito proveitosa (sic) e muito boas aulas.

FS: E o que você achou do modo como o Rabino conduzia a aprendizagem de cabala, aquele jeito mais... o jeito mais informal dele, essas coisas?...

W: Olha, é... A forma como ele conduzia foi uma forma que... é... eu diria que eu nem esperava tanto conhecimento, né?... Mas, ao conviver com o Rabino, ao conviver com essas aulas que ele estava me dando, eu percebi que ele é uma pessoa culta diante do conhecimento, né?... E uma pessoa que só tem a somar, só tem a ensinar e gostei e aprovei bastante porque sei que ele tem a capacidade profissional para realmente capacitar seus alunos.

FS: Por que você achou que não teria muito conhecimento nas aulas dele?

W: (Um silêncio...)⁴⁸ Não, assim... Devido... é... não conhecer ele, quando eu comecei a ter as aulas com ele, né?... É... Eu não conhecia ele bastante assim como pessoa, também como professor, mas eu... é... Eu fiquei admirado por conta do que

⁴⁷ Aqui ele reconhece a importância das aulas de cabala para ele.

⁴⁸ W ficou constrangido com a minha pergunta, tentou abrir o vidro do carro e eu disse que poderia deixar que eu abria no lado do motorista onde eu estava.

o Rabino ensinou, pelo conhecimento que ele tinha e com o desenvolver do tempo, de acordo com o tempo, eu vim vendo que o Rabino, né?... só tem a realmente ensinar coisas boas. E é por isso que até hoje eu ainda tenho aulas com ele por quê? Né?... Não para me tornar um rabino assim como ele, mas para adquirir conhecimento. E se for também da vontade do Eterno que um dia eu venha me tornar um rabino, quem sabe, né?... 'Tá nas mãos dele.

FS: Você achou que ele não tinha muito conhecimento então por causa do jeito dele, por causa da... por causa do modo, como eu falei: que ele bebe, ele fuma, ele não tem muita preocupação com a aparência... Foi por isso?

W: Não. Não, porque até então, é... eu sempre digo assim, né?... que não devemos julgar as pessoas até pelos atos como eles são, mas como eles agem e o que interessava (sic), interessava pra mim não era a forma ou discriminar como era o Rabino: se ele bebia, se ele fumava, se... a vida particular dele pra mim não dizia respeito a mim, mas sim pelo que ele tinha a me ensinar, pelo que ele tinha a passar pra mim. E aí então só agradeço, porque a vida independente dele só diz respeito a ele.⁴⁹

FS: E o que é que você acha do ambiente que aconteciam as aulas lá? Era o ambiente da casa dele, era um ambiente informal, era um ambiente onde a gente sentava ali na garagem, sentava ali no quintal da casa, enfim... e começava a... a ter... a aprender cabala. O que é que você acha desse ambiente?

W: Olha, a primeira coisa que eu levo em conta é o fato de que alguém, quando se dispõe a abrir seu próprio lar para ensinar, é porque alguém tem muita boa vontade. E aí então esse ambiente informal pelo qual eu estudava com ele, era um ambiente da sua própria casa mas era um ambiente que era agradável, um ambiente que pelo que a pessoa dele proporcionava, o que sua esposa proporcionava também, só tinha realmente a somar com a gente e aí realmente eu reconheço que não era um ambiente grande porque era a sua própria casa, mas também era um ambiente

⁴⁹ Penso não ser verdadeira a resposta. Sempre ficou claro para mim nas observações das aulas que os alunos do Rabino o julgavam antes de conhecê-lo. Aliás, a surpresa de ter encontrado conteúdo numa pessoa tão fora da caixa é o fator que mais encanta entre seus aprendizes – e um dos mais debatidos.

aconchegante pelo qual todos que assim conhecem o Rabino, que conviveram com ele eu acredito que se sentiram bem.⁵⁰

FS: E as aulas de cabala do Rabino contribuíram em que na sua vida?

W: Olha, até hoje, assim, contribuíram para o meu conhecimento. Mais para o meu conhecimento. Não que eu diga que eu já exercia alguma coisa em relação à cabala assim como eu estudei com o Rabino. Mas, como ele mesmo diz: 'nós devemos ser mestres de nós mesmos em primeiro lugar'. Então, primeiro, eu trago o conhecimento pra mim, né?... E aí, se, por algum momento aparecer a oportunidade que eu possa levar esse conhecimento, aí, sim, tenho certeza que o que eu aprendi com ele será o suficiente para assim também capacitar outras pessoas.

FS: Muito obrigado!

W: Brigado.

4) Entrevista com J. Ele estava preocupado, cabreiro, pois tinha levado a namorada para a festa. (Ele foi o aprendiz que passou a me cantar e que enviou pelo Facebook fotos de sua genitália excitada.) Eu também não fiquei à vontade na entrevista, pois estávamos no meu carro, do lado de fora, numa rua escura e deserta...

FS: Estamos aqui ainda na casa do Rabino. É... Estamos no carro, por causa do som lá no aniversário de N... Vamos entrevistar agora o aprendiz J. J, o que você achou das aulas de cabala do Rabino?

J: Boa noite... É... Realmente é proveitoso porque traz esclarecimento de alguns dogmas, de alguns mitos, né?...

FS: Certo. E o que você achou do modo como o Rabino conduzia a aprendizagem de cabala?

⁵⁰ É verdade. Era praticamente impossível não se sentir aconchegado naquele ambiente informal mas que quebrava nossas resistências e soltava nosso verdadeiro eu, nos relaxava.

J: Excelente. A forma da mais simples possível. Ele explica... a maneira... as coisas espirituais.

FS: Humhum... E o que você achava sobre o ambiente informal que aconteciam as aulas? Ali na casa dele, tal...

J: É... Realmente essa questão do local, do ambiente improvisado não acho legal. Acho bom ter um espaço próprio, um espaço apropriado pra essa finalidade.

FS: Como seria esse espaço?

J: Um galpão com infraestrutura, né?... Banheiro, espaço pra receber as pessoas.

FS: Cadeiras, banquetas pra escrever...

J: Sim, sim. Como se fosse uma... um templo, né?

FS: Como se fosse um templo?

J: Sim, um templo, é.

FS: E 'taria parecido também com uma escola?

J: Também.

FS: Também?

J: Também. Uma escola, um lugar de... de aprender e ensinar, né?

FS: Humhum... As aulas de cabala com o Rabino contribuíram em que na sua vida?

J: Pelo período que eu fui a... é... me liguei como a... participei das aulas... é... esclarecimento... me... das crenças... Entendeu? Esclarecimento...⁵¹

FS: 'Cê pode citar quais foram as crenças?...

J: Bom... É... Quem é o verdadeiro messias... Como é o sistema religioso... Essas coisas, entendeu?

⁵¹ Aqui ele esboçou um riso safado.

FS: Aham... E, você... Algumas vezes nas aulas eu percebi você pedindo ao Rabino que ele... que... ele, por exemplo, parasse de beber, parasse de fumar, que ele tivesse uma postura mais... uma postura mais social, digamos assim... mais aceitável socialmente, porque isso ajudaria ele a ter aula e a ter alunos e tal. O que é que você pensa a respeito disso?

J: A questão é a seguinte: que a sociedade, ela cobra a sua posição. Então, se você tem um ambiente que é de estudo religioso, que vem o idioma hebraico, a cultura, a fé, você envolve pessoas do meio evangélico, do meio católico, espírita, então, no momento do rito, no local, no ambiente, é... não é bom ter evento com festa, com bebida. É bom você, após terminar o evento, você ir pra outro local, outro evento comemorar e curtir; agora... não é bom você 'tar, no próprio ambiente que você termina... entendeu? Nem antes, nem durante, nem depois! Entendeu?

FS: A maioria das aulas do Rabino foram... é... no shabat. Né?... 'Cê sabe que o shabat tem o vinho, não é? Depois tem uma cerveja... Já tem uma comemoração.

J: Hum.

FS: E aí, se as aulas aconteciam no shabat, como é que ia resolver essa questão?

J: Essa questão é que quem for religioso e não quer participar, não é obrigado, após terminar a aula. É só deixar esclarecido. 'Ó gente, vamos terminar a aula, a gente tem um evento tal, quem for religioso, quem for da religião e quer participar, fique a vontade. Entendeu? Avisar pras pessoas não pegarem de surpresa.

FS: Pronto, 'tá ok. Muito obrigado!

J: De nada!

- 5) Entrevista com D. Ele foi relutante para aceitar ser entrevistado; só consegui porque ele adoeceu e eu fui na casa dele, bati na porta e ele não podia dizer que não estava em casa.

FS: Eu 'tou aqui com D, na casa dele, vim até a casa dele. Ele é uma pessoa bem atarefada. E aproveitei que ele 'tava doente hoje, doente da garganta, pra achá-lo em casa e fazer a entrevista. D, o que você achou das aulas de cabala?

D: O que eu achei das aulas de cabala? Eu achei muito produtiva (sic). É... Na minha vida pessoal o que eu uso no dia-a-dia, o que eu aprendi nas aulas de cabala eu 'tou colocando em prática, aprendi a colocar não ainda cem por cento, mas digamos que uns setenta, oitenta por cento do que eu aprendi eu 'tou tentando colocar em prática e 'tou vendo muitas mudanças. É... Com o que eu aprendi, colocando em prática, porque também não adianta só aprender teoricamente e não por em prática, né? É o que eu venho tentando. A minha luta é essa agora: é por em prática o que eu aprendi nas aulas de cabala.

FS: E 'cê pode citar algumas mudanças que 'cê teve?

D: Posso, sim. É... Depois que eu aprendi muito sobre cabala, sobre compartilhar com o universo, minha vida financeira assim mudou muito, me organizei muito... Minhas dívidas... é... aprendi a ser mais... a doar. Porque eu aprendi também nas aulas de cabala que é doando, dando que se recebe. Então eu faço isso, estou começando a fazer isso: a doar, a praticar doações, a compartilhar com o universo pra que o universo venha retribuir; e com certeza retribui em dobro. Então minha luta nesse momento é isso: eu 'tou tentando fazer isso e aos poucos 'tou conseguindo.

FS: E o que você achou do modo como o Rabino conduzia ali a aprendizagem de cabala? Ele tem um jeito todo diferente, né? O Rabino é uma pessoa diferente da maioria das pessoas que a gente conhece: fora da caixa. Que é que você achou desse jeito dele de conduzir as aulas?

D: Assim: no começo, pra quem não é acostumado, pra quem entende um pouquinho de cabala com outros rabinos e você pega aula com ele, você critica um pouco, porque ele é muito liberal! Ele é a cabeça, uma mente muito aberta. E nem t... A sociedade ainda não 'tá preparada, nem todo mundo 'tá preparado ainda pra um rabino como Yossef⁵²... é... porque ele é muito liberal, a mente dele é muito

⁵² Nesse momento ele leva a mão à boca e pergunta sem som se podia falar o nome do Rabino, pois para convencer D a dar a entrevista eu disse que só a inicial dele apareceria na pesquisa. Respondi com o polegar que sim.

aberta, mas aos poucos eu fui me acostumando e fui vendo realmente que o ponto dele de vista é... muitas vezes ele 'tá certo, entendeu? Muitas vezes ele não 'tá certo pra mim, nem pra outros porque é questão de ponto de vista, mas eu aprendi a me acostumar com a forma dele, com o jeito dele pensar. E acho... Gostei muito das aulas dele, do método que ele usa.

FS: E o que você acha do ambiente onde a gente estudava ali as aulas de cabala na casa dele; primeiro na casa do tio dele lá no quintal, depois na casa dele que ele alugou, enfim... Era um ambiente que não tinha nada a ver com a escola tradicional e tal. O que é que você achava desse ambiente?

D: É, infelizmente o ambiente não era bem adequado, né? É... Só assim... voltando à pergunta anterior, a única coisa negativa que eu achava no método dele (ele era um cara muito inteligente, mente aberta), só faltava ele ter um método de ensino, um cronograma. Só faltava a parte do cronograma! Que ele tinha que ter um cronograma por escrito para seguir. Às vezes não seguia um cronograma, aí se perdia um pouquinho, porque às vezes entrava no mesmo assunto sempre. Tipo, você entrava no assunto da aula passada, que já era pra 'tar um passo à frente. Mais questão de cronograma, que ele não tinha. É um ponto negativo dele era esse (sic). E a questão de espaço, infelizmente também não era adequado. Eu acho que por isso muitos desistiram, 'teve afora do interesse de muitos; porque ficava misturado o ambiente ali da família... pessoal também, familiar com o ambiente da cabala. A mistura... E muita gente é tímido (sic) e ainda não... é tímido pra esse tipo de assunto, né?... Porque a sociedade ainda não entende o que é cabala, pensa que é coisa de outro mundo, que é coisa oculta, não sabe o que é. Muita gente não sabe o que é cabala... São poucos. Então, as pessoas ainda tem vergonha ainda de se reunir com pessoas que não têm intimidade; e no caso lá tinha a esposa dele, que não estudava cabala, é católica⁵³, e tinha também... agora tem também a enteada⁵⁴ dele também lá... Então fica um ambiente assim meio desconfortante (sic). O que 'tá

⁵³ Percebe-se aqui que ele não sabia que N também era aluna; que ele a via apenas como a esposa do Rabino que lá estava, mesmo ela participando das aulas frequente e comumente.

⁵⁴ Percebe-se pela alusão à enteada do Rabino que faz tempo que ele não vai às aulas, pois a enteada do Rabino só passou algumas semanas na casa dele e de N e foi embora.

faltando realmente, o que ficou a desejar também foi o ambiente. Um ambiente mais adequado pras aulas.

FS: E de um modo geral, assim, na sua vida – você já falou um pouco disso no início – mas, de um modo geral, na sua vida, a cabala fez diferença e fez em quê?

D: É como eu falei na primeira pergunta, né?... De imediato, eu senti minhas contas organizadas, que eu era muito desorganizado, minhas conta (sic)... Ganho razoavelmente bem, é... e só vivia andando pra trás, com contas atrasadas, não sabia onde enfiava o meu dinheiro, não sabia... E hoje, com a cabala, foi uma das coisas que melhorou muito. E outra também que mudou também foi questão de relacionamento. Eu aprendi a me amar mais, a ter o amor próprio, então, quando tem um término de um relacionamento, de namoro, por exemplo, eu não sofro⁵⁵. Hoje eu 'tou bem de boa, bem resolvido porque isso me ajudou muito: a cabala, o estudo; estudar sobre as coisas do universo, aprender a receber as coisas. Então, isso me deixou muito bem resolvido, então, hoje em dia quando tem um término de um relacionamento eu 'tou bem tranquilo, sou muito feliz sozinho!

FS: E fora isso você queria acrescentar mais alguma coisa?

D: Rapaz, eu... o que eu tenho a acrescentar é sugerir às pessoas a pesquisarem mais sobre a cabala, a estudarem a cabala: é ótimo, a gente tem que aprender as coisas dos universos, aprender a receber⁵⁶ e tudo... Independente de religião, eu sugiro que cada um estude um pouquinho, largue de mão os preconceitos sobre a cabala e comece a estudar, praticar um pouquinho. Vocês vão entender. Vai abrir a mente e vai ser bom.

FS: Muito obrigado!

D: Pronto, obrigado pela atenção!

⁵⁵ D é mulherengo.

⁵⁶ Quando ele fala em “receber”, está se referindo ao fato de que a cabala é o recebimento de Deus daquilo de que necessitamos na nossa jornada cósmica.

N se negou a dar entrevista; não havia quem a fizesse falar, ela exclamou após uma tentativa de gravação da conversa. G não quer mais saber de nenhum assunto que diga respeito diretamente ao Rabino após o incidente da cobrança de N na festa de um patriarca judeu da cidade. F sumiu, não dá mais notícia e dizem que está flertando com o judaísmo messiânico, de modo que foi impossível localizá-lo.